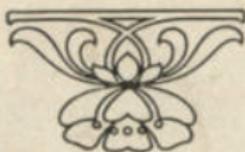
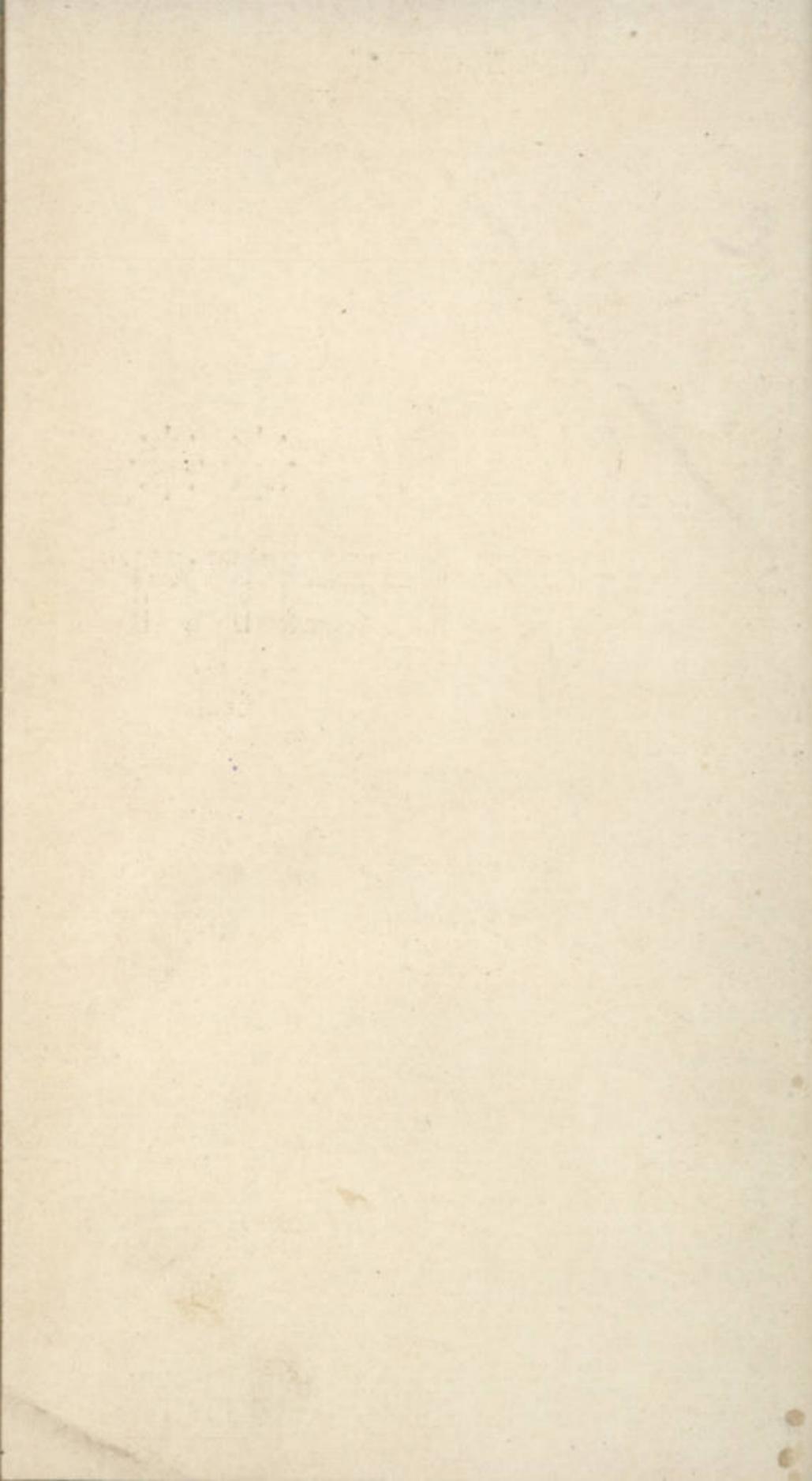


MARIA O'NEILL

ILLUSÃO ❁ ❁  
❁ DESFEITA



EMPRESA LUSITANA EDITORA  
CALÇADA DO FERREGIAL, 23.  
LISBOA



13883 L.

ILLUSÃO DESFEITA

58014



Editor e proprietário—F. A. de  
Miranda e Sousa— Composto e im-  
presso na typ. da Empresa Lusita-  
na Editora, pertencente ao editor.  
Calçada do Ferregial, 23—LISBOA

1897

L. MARIA O'NEILL

13883

Illusão desfeita

*Romance contemporaneo*

58014



EMPRESA LUSITANA EDITORA  
CALÇADA DO FERREGIAL, 23.

○ ○ ○ LISBOA ○ ○ ○





## I

**C**ASEI hontem. Está realizada a minha vontade, ou melhor, a minha teima. Serei feliz? . . . Duvido.

Isto escrevia eu, no meu *diário*, no dia seguinte áquelle em que trouxe para casa a mulher que devia ser a minha companheira na jornada da vida.

Preciso dizer alguma cousa a meu respeito para que os leitores, conhecendo-me, tenham maior interesse lendo a minha historia.

Sou um homem de estatura regular, forte, sem sêr gôrdo, de tez pallida, com os cabellos castanhos e um farto bigode da mesma côr sombreando-me a bôcca, e tenho olhos verdes e perscrutadores que obrigam frequentemente os meus interlocutores a desviarem os seus. No physico, estou satisfeito commigo; no moral, não. O meu caracte ré triste e

sombrio. Desejei sempre a vida militar, sonhei com aventuras guerreiras, e a minha familia, desde a mais tenra meninice, destinou-me para padre. Assim, logo que tive idade, fui internado no seminario de Santarem, onde segui, sempre contrariado, a carreira imposta, até á vespera de tomar ordens menores. Então, o meu feroso temperamento revoltou-se: senti que não teria animo de ser um bom padre, e as fortes crenças religiosas, que de criança me haviam arreigado no espirito, não consentiram que eu pronunciasse votos com a leviandade com que muitos homens o fazem. Fugi, pois, por uma janella do seminario com grande escandalo para todos os religiosos, e, só depois de casado, entrei na casa paterna, onde me encontrei só com minha mulher, porque meu pae, altamente offendido com a minha revolta, mandára entregar-me o meu patrimonio, escrevendo-me n'uma folha de papel: «Morreste para nós. Partimos para o Brasil. Nem tua mãe nem eu desejamos mais ver-te. Sê feliz.»

Lendo isto, disse commigo:

— Procurarei sê-lo: pelo menos, apparentarei que o sou. Devo isso ao meu orgulho, e basta.

Fazem muita vez os labios d'estes soliloquios a que a alma se sente completamente estranha, ou antes, em que escuta aquillo

de que deseja convencer-se e que a traz na mais pungente duvida.

Fiel ao meu programma, dôze annos o segui sem hesitar, apesar das continuas decepções, das insomnias constantes passadas a lamentar tão disparatado casamento e a resolução tomada, em vista da attitude de meu pae, que me entregara a direcção da minha pequena lavoura pela qual eu sentia tão forte repulsão como pela carreira ecclesiastica.

De dia, porém, ao verem-me entregue aos trabalhos ruraes, assobiando alegremente, os rapazes do logar diziam uns para os outros: «O senhor morgado da Tojeira é bem feliz! Se tem seguido a vontade do pae, estava arranjado!»

E mais d'um me fitava com inveja, ou, com o olhar perdido no espaço, parecia seguir o vestigio d'um bello sonho desfeito por obediencia á vontade paterna. Eu, então, de rosto risonho e com a alma em convulsões de dôr, recolhia a casa por disfarce ou, se estava n'ella, ia encerrar-me no meu escriptorio pretextando ter cartas a escrever.

A minha alma é cheia de complicações que eu proprio não entendo; d'aqui a razão por que, nem a sós commigo, culpo os outros por me não entenderem.

Corria a minha vida monotona e triste entre os trabalhos ruraes, penosissimos para

mim, e o estudo, unico lenitivo do meu espirito solitario, quando me offereceram ir administrar a casa d'umas velhas senhoras, com magnificos a inesperados honorarios.

Esta proposta era-me feita pelo abbade da minha terra, que me estimava de criança, o qual, longe de se insurgir por me vêr tomar um caminho differente d'aquelle que me haviam destinado, me louvara a conducta, tanto mais que os meus habitos e praticas devotas eram exemplo por elle constantemente citado aos seus parochianos. Hesitei. O que possuia alli chegava-me demais para as necessidades materiaes da vida, e no meu espirito estava assente a ideia de que a minha existencia estava falhada. Para que servia então mudar de logar?

Minha mulher e o abbade insistiam. «Quem tem filhos é obrigado a preparar-lhes o futuro». E tanto disseram, tanto e tanto, que me resolveram a acceitar o rendoso logar.

Partimos. E com que tristeza abandonei a minha terra natal! Perseguiu-me um presentimento de infelicidade, um receio indefinido de perder a unica cousa que me alentava: a pacifica monotonia dos dias que decorrem iguaes, sem alegrias nem pesares, dias em que sentimos suffocadas todas as nossas aspirações, em que não vivemos, mas

vegetamos, e que de longe olhamos com um sorriso e sem saudade.

Fui optimamente recebido na *quinta das Mouras*. Era uma propriedade antiga, mas bôa, muito inculta e estragada, que os administradores não tinham vigiado e a que os caseiros tinham sugado tudo que as suas largas consciencias permittiam. Os embarços da escripturação, as suas deficiencias e faltas, fizeram-me adivinhar muita cousa que não honrava o meu antecessor.

Fui obrigado a pôr as minhas amas a par dos negocios da casa, o que ellas primeiro recusaram com horror, mas que acabaram por acceitar ante a minha pertinacia. Olhavam-se pasmadas, benziam-se, e por fim acabaram por se julgar perdidas, arruinadas! Soceguei-as e fiz-lhes vêr que bastava uma administração séria e honesta de meia duzia de annos para regularizar os transtornos e desvios do fallecido administrador. Havia mesmo, grandes fontes de riqueza que nunca tinham sido aproveitadas, como o corte e venda de madeiras, das quaes se podiam auferir bons lucros quasi immediatamente. As taes senhoras, que nada entendiam de negocios, respondiam-me a tudo:

— O que o senhor Sousa quizer. O que fizer é bem feito.

A casa que me haviam destinado estava

situada n'uma das dependencias do palacio. Não era bonita nem feia, mas era vasta, e minha mulher e filhas acharam-na excellente comparada ao velho casarão da Tojeira, que eu conservava com muito cuidado, mas onde não fizera melhoramentos, entendendo que me bastava, para mim e para os meus quanto servira a meus paes durante quarenta annos. Assim, os baixos da casa eram terreos, e o vigamento não tinha a mascara lo um tecto pintado. Era tudo muito primitivo, mas muito bem conservado, concertado e aceiado.

Por isso as paredes, forradas de papeis, e os tectos de tabuas aplainadas, todas pintadas de branco e de iguaes dimensões, pareceram-lhes uma maravilha muito superior ao seu estado, um luxo encantador.

Não queriam as senhoras Paivas, (assim se chamavam as proprietarias da quinta das Mouras), jantar sósinhas; por isso o administrador e a familia jantavam todos os dias á sua mesa.

Todas estas innovações nos habitos domesticos fôram interessantissimas para minha mulher e para as pequenas, que uma com onze, outra com dez annos, já eram umas mulherzitas precoces e socegadas, cuja gravidade de aspecto arrancava exclamações de louvor ás senhoras Paivas.

A mais velha d'estas senhoras tinha sessenta e cinco annos, o cabello grisalho e um ar benevolo e sorridente que a tornava extremamente sympathica. Chamava se Natalia. A outra, Isabel, não teria mais de cincoenta, mas era inteiramente surda, tinha a cabeça toda branca e um olhar intelligentissimo, muito negro e vivo, que parecia fallar; e tão alegre, que ninguem a podia suppôr penalizada por aquella incommoda e incuravel surdez. Era por gestos e acenos que geralmente se exprimia e era entendida, porque fallava tão baixo, que pouco ou nada se ouvia o que ella dizia.

Não tinham quasi visitas, porque a casa ficava affastada da aldeia, e a sua idade, forçoso é confessa-lo, não era muito atrahente. Todos lhes suppunham os testamentos feitos, o que evitava os importunos interesseiros. O capellão, um vizinho, proprietario d'uma quinta proxima, tambem já adiantado em annos, e o filho d'este, quando vinha a ferias, eram todas as suas relações. Duas vezes por semana, o jantar era animado pela presença da medica, uma mulher que devia ter aproximadamente trinta annos, que não era bonita, mas prendia, ou melhor, acorrentava fortemente a si os pensamentos e a imaginação dos homens que com ella conviviam.

Era solteira e vivia, na quinta das Fron-

des, com um velho soldado, que fôra impedido e depois criado de seu falecido avô.

A primeira vez que a vi, fiquei pessimamente impressionado.

— Porquê? perguntava me eu.

— Porque achaste um prazer, que ha muito não sentias, na conversação d'esta mulher

Talvez em resultado, da orientação extremamente religiosa da minha vida, contra a qual não reage o meu espirito, naturalmente inclinado ao mysticismo, a minha alma tem requintes de escrupulo de que lhe deriva um perenne soffrimento: a mais leve cousa avulta e afeia. Assim me aconteceu n'aquella noite e vêr-se-ha que não era sem motivo.

Pela minha maneira de vêr, um tanto austera, que para muitos, educados n'outras condições, parecerá até ridicula, eu não queria deleitar-me na convivencia de mulher que não fôsse a minha. Privado d'essa satisfação pela imprevista falta de cultura e escassez de espirito da esposa que escolhi, absteve-me sempre do tracto de toda a criatura que me pudesse agradar, o que era facil devido á vida retirada que me impuzera.

Havia, pois, longos annos que a minha alma se retrahia. Fallar, para quê? Ninguem me comprehendia. Fechado no meu orgulho-so padecer, contrahi, dentro em pouco, duas

pregas aos cantos da bocca, filhas do sorriso de desdem e de ironia que tudo em mim despertava.

Ainda outra cousa me consolava: adorando Christo do fundo do meu coração, perseguido pelo remorso de lhe ter faltado, era-me grato, pelo seu amor, socorrer no meu pouco os desprotegidos da fortuna. Bem vezes dei o meu necessario ao que d'elle carecia, e a alegria suave e duradoura da privação, que me impunha, era vasta compensação ao meu pobre espirito sedento de affectos e sorrisos.

Ha no enxugar das lagrimas alheias uma grande consolação para os entes que não podem ou não querem ser confortados pela compaixão, embora amiga.

Tendo, pois, a minha vida decorrido tristemente serena, e estando o meu coração na indifferença e apathia dos que já nada esperam da terra, impressionou-me seriamente sentir a minha alma vibrar de gozo ao som d'aquella voz desconhecida que me acariciava o ouvido como se fosse amiga! Insensivelmente sahi do meu retrahimento habitual, fallei com sinceridade que ha muito me não vinha aos labios e, quando chegou a hora da separação, apertei-lhe a mão com o affecto só dispensado aos amigos de longos annos.

Cahi depois em meditativo silencio e censurei-me asperamente, tanto mais que não via em volta de mim senão os olhos negros e profundos da minha interlocutora.

Não dormi bem. A consciencia inquieta desquer somno e leito. De manhã porém, a luz do sol varreu a teia de escrupulo que o silencio e a quietação nocturna me permitira tecer. Resolvi-me a escutar a voz da prudencia, affastando-me tanto quanto possivel da pessôa que me causava tão viva perturbação. Mas, embora determinasse assim, as suas feições não me sahiam da lembrança, sentia o maior desejo de a vêr, e procurava desculpa aos proprios olhos.

—E' natural, dizia eu, n'uma terra onde não ha ninguem com quem fallar, desejar vêr a unica pessôa que me pode fazer passar rapidamente o tempo.

A consciencia clamava:

—Bem sabes que não é por isso que a queres vêr: ella agrada-te.

Insensivelmente, levava as mãos aos ouvidos para não escutar a voz interior que me accusava.

Passou uma quinzena sem que a tornasse a vêr, porque faltei propositadamente ao jantar das senhoras Paivas, nos dias em que sabia que a medica ia ali jantar. Por fim, vi-me obrigado a ir com minha mulher pa-

gar a visita que ella nos havia feito ao chegar. Pareceu-me o tempo curtissimo, apesar de não termos fallado senão em assumptos mesquinhos. porque o espirito de minha mulher não dava para mais.

De novo a minha consciencia se sentia alarmada e resolveu procurar, tanto quanto possivel, não se deixar impressionar pela gentil criatura que a deslumbrava. Mas, como nos conselhos que a si propria dava, e nas tenções que formava, achava pouca firmeza, quiz protestar energicamente contra os proprios sentimentos communicando a outra pessoa as tenções que formára para se dar fôrça de as cumprir.

Sentei-me, pois, á minha secretaria e escrevi ao abbade da minha aldeia.

«Querido abbade,

«Desculpe-me por só hoje ter encontrado um instante para lhe escrever. E' tarde para reparar á falta, mas eu sei a benevolencia que sempre me dispensa, e não lhe minto se lhe disser que contei com ella. Aquí nada ha de interessante. Encontrei embrulhadissimos os negocios d'estas senhoras, mas, como é vulgar nas casas ricas, o desleixo, para não ter trabalho, poz de parte muita cousa aproveitavel e rendosa de que conto tirar bom

partido. A vida deslisa igual e monotona como o veio d'agua que corre no fundo do valle. A unica pessoa interessante, aqui, é a medica. Muito sympathica e intelligente, mas que feia! Visitou-nos. Creio porém que não estreitaremos relações

«O abbade conhece o meu genio. Não estranhará por isso se eu lhe disser que estou com esta senhora nas disposições que nos deixa no espirito o seguinte proverbio. «Em amigos novos e casas velhas não ha que fiar.» Que me conta da nossa terra? Que me diz a seu respeito?

«Beija-lhe a mão com verdadeiro affecto o seu grande e sincero amigo

«*Manuel de Sousa*»

«P. S.

«Não deixe de apparecer pela Tojeira e de me ter ao corrente do que por lá se der »

Se alguém, um dia, tiver a pachorra de analysar quanto confio ao papel, não poderá deixar de notar que o verdadeiro motivo d'esta carta era confiar a outro, que não eu, a resolução que desejava manter. Como isto é pueril! Mas que exquisitas e, por assim dizer escrupulosas frivolidades não tem a minha alma!

Ha n'ella qualquer cousa de feminil que não condiz com o aspecto masculino do seu possuidor.

Na noite seguinte, tendo, por cansaço, posto um ponto final nos trabalhos de escripturação, comecei a lêr a *Menina e moça* do nosso Bernardim Ribeiro. Tres pancadas soaram levemente na porta da sala e uma voz, que me sobresaltou o coração, perguntou:

— Estão em casa?

— Entre, minha senhora, eu vou avisar minha mulher?

— Incommodo talvez...

— De modo algum.

— Estava lendo?

— Sim. o delicioso livro do nosso Bernardim Ribeiro.

Ildegarda lançou a capa, que trazia, sobre uma cadeira e sentou se.

Minha mulher, entretida a conversar em casa das senhoras Paivas, entendeu, ao receber o recado de que tinha lá visitas, que não valia a pena incomodar-se a ter pressa, de forma que, quando veio, a nossa conversa já estava estabelecida. Nunca a noite me pareceu tão breve! Comtudo, quando Amelia entrou, acordei penosamente d'um bello sonho.

Ildegarda sorriu apertando a mão de

Amelia e eu notei claramente no seu olhar o seguinte pensamento: «que dirá, de si para si, esta mulher encontrando-me a taes horas em sua casa, conversando alegremente com o marido?»

Sorri. E d'ahi a pouco, como ella se não sabia observada, pude ainda apprehender-lhe o seguinte pensamento: «E' extraordinaria! Não se importa! Como nós somos diferentes!»

E. ao fitar-me, havia como uma mal entendida piedade no seu profundo olhar, não sei se pela desproporção intellectual que notára entre nós, se pela confiança que Amelia tinha em mim, e que a Ildegarda, com o seu temperamento zelozo, parecia indifferença.

Não profundei. Senti-me ferido no meu orgulho e censurei-me pela estúpida curiosidade que, já mais d'uma vez, me levára a devassar nos olhares as ideias dos espiritos alheios, amarrutando muita vez n'esse exame doentio, o meu excessivo orgulho. A conversa, com a chegada de Amelia, perdera o interesse, tornara-se banal. Talvez por isso, ou para significar a minha mulher que fôra descortez fazendo-a esperar tanto, Ildegarda, pouco depois, ergueu-se, despediu-se e partiu. Recolhendo ao meu quarto, fiquei largo tempo debruçado na janella, recordando

uma a uma todas as palavras da nossa conversação.

— É muita intelligente, dizia eu, e.. tem coração.

Esta ultima observação era perigosa... Achar eu que uma mulher tinha coração, eu, que duvidava até de que, no peito de semelhantes sêres, houvesse lugar para elle!... Com a prompta rapidez com que as ideias me occorrem á mente, notei que a descoberta, que julgava ter feito, me podia ser prejudicial e, profundamente contrariado na altivez do meu character, exclamei, indignado comigo:

— Que especie de homem sou eu para me deixar assim prender pela primeira mulher de espirito que me apparece?

Então, o orgulho melindrado tentou socegar-me a afflicta consciencia respondendo bem alto: «Era o que faltava!» Mas o coração, mais sincero, murmurou muito baixinho: «É tristemente verdade.» Então, a razão, serena e secca, ordenou asperamente: «Deita-te e dorme.»

Obedeci tanto quanto em mim coube. Só quando a frouxa luz da madrugada me illuminou o quarto atravez das mal cerradas portas das janellas, consegui conciliar o somno, tendo extenuado o corpo e o espirito em resultado das considerações d'este ultimo, em mim sempre vivo e prompto.

Não ha nada que mais perturbe o animo do que um sentimento illicito, que nasce espontaneo e forte, luctando constantemente contra a voz da consciencia, que tenta em vão subjuga-lo. A alma em que se dá a lucta, passa, antes da queda, por todas as crueis torturas da morte, e ou, energica e altiva, presume muito de si e canta orgulhosamente victoria sem ter para isso razão, ou quebrada e abatida, entrega-se ao pranto e á desolação. Foi-se d'uma vez a serenidade do espirito. Nunca mais se escutam dentro d'elle senão as vozes da consciencia, cujos bramidos apavoram, indo quebrar-se com violencia de encontro ao sentimento que, forte como as penedias, resiste impassivel a todas as grandes tempestades que em torno d'elle se agitam. E a sua impassibilidade, que nem a propria dôr commove, logra todos os dias diminuir a intensidade com que é atacado. Chega o momento em que os olhos, receando perscrutar, se fecham para não vêr, o espirito procura atordoar-se com frivolidades que não lhe interessam, e por fim, extenuado pela longa e inutil resistencia, deixa o corpo cahir nos braços adorados, que se abrem amorosamente para o receber.

Comigo não devia succeder assim.

No dia seguinte travou-se uma lucta no meu espirito.

— Vou ou não a casa de Ildegarda vêr a livraria, como ella me convidou? Vou?... Não vou. É uma grosseria, mas deixal-o! Ir seria imprudencia . .

Em todo caso vesti-me com mais apuro do que costumava e embora estivesse na formal intenção de lá não ir achei-me, sem saber como, a meia encosta do mais alto dos montes que rodeiam o valle. É ali o pequeno cemiterio da aldeia, com ruas estreitas guarnecidas de chorões e tendo aos lados do portão dois unicos cyprestes. Este portão é de madeira, recentemente pintada de verde, e aberto n'um alto muro caiado de branco. Por cima d'elle lê se em letras pretas :

*Requiam aeternam dona eis, Domine.*

Não ha, dentro d'aquelle sagrado recinto, nenhum jazigo ou mausoleu, nem mesmo os modestos berços de ferro, com que na cidade os menos ricos costumam adornar a campa dos seus mortos. Cruzes de madeira, pintadas de negro, erguem se nos pequenos monticulos cobertos de relva que marcam, pouco mais ou menos, uma estatura de homem.

Sob o mais copado chorão dos que orlam a rua principal d'esta pequena cidade da morte, a cruz desaparece sob festões de hera que, guiada por mãos amigas, lhe conserva irreprehensivel a forma impeccavel e sym-

bolica da religião christã. Do tronco do chorrão pende uma gaicla que encerra um casal de rouxinoes, e aos pés da cruz destaca-se, na relva verde, a palavra *Sempre*, desenhada em perpetuas roxas ou amarellas, substituidas mensalmente, a não ser que a invernã, ou qualquer outra causa destruidora, torne mais urgente a sua reforma.

É raro que os poucos frequentadores do cemiterio encontrem alguem junto d'aquella cuidada sepultura. E no entanto nenhuma é mais visitada, nenhuma mais regada de lagrimas do que aquella.

Da porta d'aquelle triste logar avista-se todo o valle. Vê se o rio, serpeando em curvas graciosas atravez dos salgueiros; além da ponte, a velha azenha onde antigamente corria toda a freguezia dos arredores, mas que hoje pouco ou nada trabalha, devido á concorrência dos novos moinhos de vento, que um rico brasileiro fez construir nos cimos dos montes circumvizinhos; a pequenina povoação, alegre e risonha, ao centro da qual se ergue altivamente o campanario parochial; e mais longe, perdida entre a alta e espessa ramaria das arvores, confundindo se na cõr com os troncos dos sobreiros que a cercam, a velha casa senhorial, quasi em ruinas, berço illustre dos ultimos Pereiras de Vouzella. Chama-se aquella propriedade *As Frondes*.

É ali que habita Ildegarda. As ruas da quinta estão cobertas de herva, os campos incultos, os tanques seccos, os pedestaes de pedra, onde se erguiam outr'ora vasos de marmore, jazem derrubados pelo chão. A vasta escadaria que liga os jardins atravez dos socalcos, que tão graciosos e originaes os tornavam, está quasi occulta sob trepadeiras,ervas e plantas. Só as aguas, caíndo do alto d'um cerro penhascoso sobre rochas artificiaes, continuam o seu eterno sussurro até se irem perder no rio que atravessa esta majestosa propriedade.

Sobre a porta principal do solar, n'uma larga fita de marmore, que duas aguias sustentam no bico, lê-se a divisa *Sempre mais alto*, divisa que, quando ali fui, me pareceu ser um pallido reflexo do pensamento de Ildegarda. Sobre a fita em que está escripta, repousa a parte inferior do escudo heraldico dos Pereiras de Vouzelia.

Pelos intersticios do esplendido e trabalhado portão irrompem silvas. Os vidros estão quasi todos partidos, mas as portas interiores, permanentemente fechadas, não permitem saber aos curiosos desconhecidos se a casa é ou não habitada. Comtudo, entrando por uma pequena cancella aberta no fim do silvado que cerca a horta, unica parte cultivada d'aquelle sitio de tristeza, que pa-

rece bradar a quem o contempla: «tudo jaz no passado» vê-se que o rez-do-chão tem moradores.

Emquanto analysava a paisagem, que acabo de descrever, comecei a descer lentamente a encosta. Depois passei a censurar mentalmente Ildegarda pelo estado a que deixara chegar a magnifica propriedade que habitava, e não comprehendia como uma criatura tão superiormente intelligente pudesse ser assim desleixada. Em seguida calculei ainda como, sem grande despeza, se poderia, pouco a pouco, melhorar o aspecto desolador do velho solar e, sem dar por isso, achei-me no espaçoso e terreo largo que precede a fachada principal de *As Frondes*, onde se erguem platanos gigantescos, de tanta elegancia e magestade como ainda não vi outros.

Passando a ponte rustica de madeira, que substitue a antiga ponte de pedra que o tempo destruiu, estava Silvestre, o velho soldado reformado, que serviu durante longos annos o avô de Ildegarda e a serve hoje a ella com igual dedicação.

Merece duas palavras de apresentação este velho que, como disse, se chama Silvestre e responde ordinariamente ao numero 41. Deixára de usar o seu nome desde o tempo remoto em que assentára praça nas hostes dos

liberaes, por occasião do cêrco do Porto. Desde então foi um numero, e, depois que deixou o serviço, pediu para continuar a sê-lo. O seu nome era-lhe insupportavel ao ouvido, parecia-lhe *paisano*, e elle, — confessava o seu peccado, — não só não podia aturar *paisanos*, como tinha por elles o maior desdem. Quando alguém lhe cahia no desgraço, lhe merecia censura, ou se sentia com desejos de injuriar, contrahia o braço n'um gesto de soberano desprezo e murmurava por entre dentes: — Paisano!

Era, a seu vêr, a maior affronta que se podia infligir a um homem. Extremamente dedicado a Ildergarda, deixar-se-hia matar, se julgasse que isso lhe poderia ser agradável. Altivo, probo e sobrio, tinha um excellente coração. Devoto, não se pejava de cumprir os seus deveres religiosos, e resava nas contas ou pelo livro com o mesmo ar sobranceiramente austero com que carregava a espingarda e alvejava uma codorniz. Quanto ao physico, era alto, espaúdado e forte. Devia orçar então pelos setenta annos. Usava uma barba longa e nevada que lhe descia até ao peito, e tinha o ar imponente d'um dos antigos soldados do Imperador.

Assobiando a *Maria da Fonte*, areiava os freios e os bridões, e cuidava com esmero dos arreios. Não longe estava Ildergarda, sen-

tada n'uma antiga cadeira de vime, desbotada pelo tempo e toda derrubada para o lado esquerdo. Vestia um simples vestido de caçadora, de côr cinzenta, o mesmo com que pela primeira vez a vi. Estava immersa na leitura. Vista de perfil, é inegavelmente bella.

O rosto, muito branco, contrasta vantajosamente com a negridão dos cabellos ondedados, que em duas longas tranças lhe pendem ao longo das espaldas. As sobranceiras, espessas e arqueadas, têm um ar despotico que não diz mal com a expressão altiva dos seus olhos pretos...

Fiquei-me a contempla-la, mas fui denunciado por um dos seus cães, que, vendome, se lançou para mim ladrando ferozmente. Erguendo a cabeça e fitando-me, o rosto de Ildegarda foi illuminado por um sorriso. Fechou o livro e dirigiu se para mim, dizendo simplesmente ao cão: — Turco, deite-se!

Foi promptamente obedecida, e eu pude apresentar-lhe os meus respeitos sem receio do nobre animal, que não tinha, para um ex-seminarista, um aspecto nada tranquillizador.

— Estava ahi ha muito tempo? perguntou-me Ildegarda, vindo ao meu encontro e estendendo-me a mão.

— Não, cheguei ha um instante. Como está V. Ex.ª?

— Muito bem, muito obrigada. Sua mulher e suas filhas?

Senti-me corar. Parecia haver n'esta pergunta uma extranheseza pela ausencia d'ellas. Então, procurando occultar tanto quanto possivel a minha perturbação, volvi:

— Estão bem, e decerto ficarão zangadissimas comigo quando souberem que aqui estive. Não tencionava vir hoje, apesar de muito o desejar. Complicou-se-me o dia, e devo a um feliz acaso o poder estar aqui a esta hora.

— Que feliz acaso? perguntou Ildegarda sorrindo.

— A doença inesperada do tabellião com quem tinha a tratar.

— Oh! exclamou Ildegarda em tom de reprovação; chamar feliz acaso á doença d'alguem não me parece que seja uma expressão bem escolhida.

— Releve-ma V. Ex.ª. Eu não pensava no doente, mas em mim, no gozo espirital que esperava encontrar visitando a sua livraria.

E de novo me sentia ruborizado e pouco á vontade. Ildegarda lançou-me um olhar entre malicioso e ironico, e, em voz que em nada condizia com essa expressão, disse-me:

— Venha.

E, voltando-se para o criado que me cumprimentava amavelmente, ordenou :

— 41, vai adiante abrir as janellas da bibliotheca e leva o escadote.

Depois voltando se para mim, continuou :

— Não imagine encontrar aqui os primores da litteratura moderna, . . . não, . . . Tudo que tenho é antigo, mas bom . . . Vai vêr.

Entrámos na ampla sala situada no andar principal do palacio. Tudo alli era magnifico e velhissimo. Examinamos todos os primores da litteratura contemporanea dos nossos avós, e trocamos ideias ácerca de varios auctores. As impressões que Ildegarda me expunha eram sempre intelligentes, concisas e nitidas, e tão harmonicas com as minhas, que chegavam a parecer-me complementos aperfeiçoados de meu modo de pensar. A pouco e pouco a conversa passou dos livros ao mobiliario, e então, já muito posto á vontade pela discussão litteraria que tinhamos tido,ousei dizer-lhe :

— Sabe o que eu vim pensando quando me encaminhava para aqui ?

— Dirá.

— Eu não percebo a razão por que uma pessoa com as faculdades de V. Ex.<sup>a</sup> deixa uma propriedade como esta cahir em ruinas.

Ildegarda esboçou um sorriso superior, e ficou um momento silenciosa. Depois, falou-me como se quizesse lêr-me o pensamento e, decorridos alguns instantes, retorquiu:

— Entra V. Ex.<sup>a</sup> de subito no dominio dos meus sentimentos, mas vou fallar lhe francamente, meu caro vizinho. Pelo que tenho observado, o casamento é um contracto que geralmente não prova bem, no que respeita ao meu sexo. Resolvi portanto nunca me casar. A morte de meu avô foi o maior desgosto da minha vida e, em signal do eterno lucto pela sua perda, resolvi que, desde o dia em que elle morreu, — e já lá vão 19 annos!, — nunca mais esta casa teria alegria e tudo aqui ficaria como o meu coração — desolado pela sua ausencia material. Repare que digo material. O seu espirito nunca abandonou *As Frondes* nem, enquanto eu viver, as abandonará. Olhe.

E apontava-me para o canto mais escuro do aposento Estremeci. Percorreu-me o corpo um calefrio e senti o suor humedecer-me as temporas. Esfreguei os olhos, como se recusasse crer que estava acordado e, mau grado meu, recuei com involuntario horror.

Uma bella figura de velho, de estatura superior á vulgar, vestida com elegancia propria da idade, olhava para Ildegarda com um terno e amoroso sorriso.

— Vê? perguntava-me ella com interesse. Quiz responder-lhe, mas não encontrei voz. Então ella, levantando-se, foi collocar-se no sitio onde eu vira a figura do velho militar e disse-me:

— Como vê, não está aqui nada. Comtudo eu sinto que o tenho á minha esquerda. Está! E estava!

A minha razão vacillava. Receava enlouquecer, e só o muito caso que eu fazia da opinião de Ildegarda obstou a que sahisse d'alli correndo, tão forte era o terror que eu a custo conseguia dominar

A medica examinou-me friamente e estendeu-me a mão com sympathia, dizendo:

— É corajoso, meu caro vizinho, mais do que eu. A primeira vez que vi meu avô, sendo me elle tão querido, o terror foi intensissimo; hoje estou habituada, mas custou-me. Não falle n'isto a ninguem, nem mesmo a sua mulher. Era-me desagradavel que chamassem ás *Frondes* casa de phantasmas.

Voltando á nossa conversa, quando eu morrer, então, como vou ter com elle, permitto que haja alegria nas *Frondes* e que as remoçem. Deixarei aos meus herdeiros o preciso para isso. A minha fortuna não é pequena; pode permittir-me esta extravagancia.

Notando a minha pallidez e coacção, Ildegarda continuou:

—Vamos tomar um pouco de ar. A aparição, que não esperava, incommodou-o.

E, tomando familiarmente o meu braço, levou-me por uma escada interior, fez-me atravessar longos corredores e finalmente achamo nos na horta.

Era tempo! Um pouco mais n'aquella atmosphera, e com certeza passaria pela vergonha de desmaiar. O ar livre reanimou-me.

—Tem muitas vezes estas visitas?

—Quando corro algum perigo ou me apertam as saudades.

—E hoje?

—Que eu saiba .. por ora... nem uma nem outra cousa... Talvez gratidão por eu ter resolvido assim. O seu coração era tão excessivamente terno!

E fallou-me longamente do avô.

Quando sahi das *Frondeas* parecia-me que acordára d'um pesadelo. Tinha o espirito annuviado, a cabeça pesada, sentia febre. Comtudo entrei em casa satisfeito por a ter visto e profundamente contrariado por não me ter sabido manter no meu proposito, tanto mais que não me sahia do espirito a resposta de Ildegarda á pergunta que eu lhe fizera ácerca das visitas do avô.

Eu seria para ella *um perigo*? Tudo me levava a crêr que não. Mas o que é certo é que no meu cerebro se debatiam mil desencontra-

dos pensamentos que m'ò fatigavam e encandeciam.

Passaram varios dias e o meu espirito doente começava a convalescer. Obrigava-me a não procurar vêr Ildegarda, e quando terminava os meus affazeres, dirigia-me com uns livros debaixo do braço em procura d'uma sombra, em qualquer sitio pittoresco, e por lá me ficava lendo até ás horas de vir verificar como os caseiros e trabalhadores tinham cumprido as minhas ordens.

D'uma das vezes, tendo tomado pela estrada real, fui um pouco mais longe e vi á minha esquerda um souto muito cerrado, onde se erguiam annosos e frondossimos castanheiros. Penetrando no mais intimo de elle, avistei, para o lado opposto, uma verdejante e ridente paisagem, cingida por altos e concatenados montes, nos quaes branqueavam pequenas aldeias. Viam-se tenues columnas de fumo subindo mansamente no azul do ar indicando que, apesar de ainda ser dia, já n'aquelles pequenos lares se cuidava da ceia!

Ao longe, atravessando um prado, uma rapariga cantava aguilhoando os bois.

Mais perto, sentado n'uma fraga surgida da sebe que rodeiava o souto, estava um rapaz dos seus treze annos, de guarda ás castanhas em plena maturação.

Soube depois que era este pequeno que figurava no conto de Maria O'Neill, intitulado *Um Pastor de Agarex*.

Travando conversa com o pequerrucho, que achei em demasia intelligente para a sua idade, notei que elle tinha uma forte curiosidade ácerca de quanto me dizia respeito. Por fim perguntou-me :

— O senhor é casado ?

— Sou. Porquê ?

— Ah ! bem me queria a mim parecer. Esteve aqui ha pouco uma senhora, montada n'um cavallo branco, e perguntou pelo senhor.

— E que direcção tomou ?

— Foi para aquella banda.

— Não seria a medica ?

— Nada, não senhor. Essa não costuma fallar a ninguem e passa sempre tão depressa que nem dá tempo a que a gente a veja. Esta deve andar pela estatura d'ella, mas vinha a passo e parou o cavallo junto de mim fallando me com muito bonito modo.

— E que te disse ?

— « Ainda não viste hoje um senhor que costuma sentar-se aqui?— Ainda hoje o não vi, respondi lhe eu. Mas deve estar por ahi a chegar, a não ser que não venha. Quando na torre da ermida dão duas horas, já elle ahi costuma estar.

Despedi-me e retirei-me apressado, seguindo o caminho por onde tomára Ildegarda. Sentia-me alegremente alvoroçado. Ella perguntara por mim . . . viera alli na intenção de me vêr. Então eu tambem lhe não era indifferente? Ah! que bem me dizia o coração . . .

Mas a cabeça, mais sensata e reflectida, observava-me :

— E quem te disse que foi por affecto que ella aqui veio? Quem te affirma que não foi arrastada pela vaidade de ser bôa e elegante cavalleira que ella desejou mostrar-se a teus olhos para que, á falta de melhores admiradores, tu lhe gabasses a gentileza?

O coração indignava-se com estas malevolas suspeições e volvia-me:

— Que injustiça! Tu bem sabes que Ildegarda é incapaz de sentimentos mesquinhos e que a vaidade do vestido ou da attitude é impropria d'uma criatura superior . . .

— Ora adeus, volvia-me a razão. E' mulher, e mulher é synonymo de tudo quanto ha mau

E, em opposição a estes raciocinios, fui a casa de Ildegarda onde o 41 me disse que ella sahira ha muito tempo e não sabia se se demorava.

Volvi a casa, mal commigo, e ainda entregue a esta lucta intima.

## II

Interrompamos por instantes a narrativa de Manoel de Sousa e, com a faculdade que todos os auctores têm de levar os leitores onde querem, vou propôr-lhes um curto passeio até ás Frondes.

São tres horas da tarde d'um dos ultimos dias do outono. No espaçoso e terreo largo que precede a fachada principal do solar dos Pereiras de Vouzella, onde se erguem, como já disse, os mais bellos platanos do mundo, Ildegarda, com as mãos cruzadas sobre o peito, n'uma attitude reflexiva, passeia fazendo estalar sob os seus passos as folhas mortas que atapetam o chão. Um rumor de vozes fez-lhe voltar a cabeça e dirigir-se ao encontro d'uma velha camponeza que, seguida d'um jovem official todo coberto de pó, com ar de quem vem de longe e fatigado, d'esciao carreiro que vinha dar á ponte.

O velho Silvestre que, encostado ao tronco d'um dos platanos, seguia com os olhos os passos da sua jovem ama, emquanto fumava o seu cachimbo, estremeceu de júbilo e, occultando o cachimbo na mão esquerda, uniu os calcanhares, perfilou-se na posição da ordenança e fez uma garbosa continencia militar.

— Este senhor, disse a aldeã depois de cumprimentar a medica, vem aboletado para casa do sr. Prior. Elle foi passar um mez á cidade e deu-me licença para ir vêr a minha filha que assiste a tres leguas d'aquí. Acabava de pegar na trouxa e de metter a chave ao bolso, quando me cai á porta esta praga.

O official sorriu, ouvindo a designação que a mulher ingenuamente lhe dava.

Ildegarda tambem não pôde ficar seria.

A velha continuou :

— Contei-lhe a minha má sorte e elle, que parece bom sujeito, acompanhou-me aqui na esperança de que a senhora lhe dê agasalho e eu me possa pôr a caminho. Eu, se fôsse tres dias mais tarde, não perdia nada; mas já preveni a minha rapariga e . . .

— E você está com vontade de a ver : é natural.

E, voltando-se para o recém-chegado, Ildegarda estendeu-lhe a mão, dizendo-lhe, depois de reparar nas divisas :

— Não fica aqui tão bem hospedado como na parochia, sr. tenente. Comtudo farei o possível para que se não sinta incommodado. E, dirigindo-se a Silvestre, que, contentíssimo, se conservava na posição de sentido, ordenou-lhe :

— 41, acompanha o sr. tenente ao quarto dos hospedes e serve-o o melhor que pudeses.

O jovem militar cumprimentou amavelmente, balbuciou umas phrases de agradecimento, e seguiu o veterano.

Ildegarda, tornando a sentar-se, disse em tom de censura á criada do prior :

— Nunca mais me traga hospedes. Receber alguém em casa é favôr que não faço sem grande repugnancia.

E, como a mulher tentasse desculpar-se, volveu-lhe :

— Está bem, está bem. Por esta vez está perdoada, mas não torne.

E, para amenisar a reprimenda, metteu-lhe cinco tostões na mão.

A camponeza retirou-se desfazendo-se em agradecimentos.

Deixemos Ildegarda entregue de novo á sua leitura, e vamos ter com o recém-vindo.

É um homem alto, loiro e pallido, de olhos azues e farto bigode loiro. Tem um aspecto profundamente altivo, e a sua origem aris-

tocratica não admitte duvida. Basta olha-lo para se adquirir a certeza do seu elevado nascimento. Chama-se D. Bruno d'Almeida. A farda assenta-lhe bem, como em todos os portuguezes. A sua physionomia é alegre e, não ostentando o ar d'aquelles que presumem muito de si proprios, pressente-se que tem, sem exaggero, a consciencia do proprio valor.

Seguindo o seu velho guia, o garboso official analysava o tambem rapidamente e o seu rosto exprimia satisfação.

O velho ia dizendo:

— Isto, meu tenente, é uma casa de homens... um ninho de aguias, talvez seja mais justo.

E indicou-lhe, não sem uma certa vaidade, as duas grandes aves que ladeavam o escudo bordado nos velhos reposteiros do corredor.

— Uma casa de homens! Então aquella senhora?...

Sem um sorriso o velho respondeu:

É filha e neta de militares e, desde que me reformei, faz as vezes de capitão da minha companhia.

D. Bruno d'Almeida sorriu.

— Em todo o caso parece-me que deve ser um chefe excessivamente benevolo...

— Hum! hum! respondeu o velho. É o mais querido de todos os chefes que tenho

tido, mas é impertinente e dá-me muitos cuidados. Coitadinha! continuou elle n'outro tom. Quasi que a vi nascer, sou hoje toda a sua familia e . . . estou tão velho!

Enternecido, mau grado seu, o veterano limpou os olhos á manga do casaco e, depois d'um curto silencio que empregou em dominar os seus sentimentos, disse abrindo a porta d'um quarto magnificamente mobilado, mas cujos estofos e reposteiros já não tinham côr perceptivel :

— E' aqui o quarto de V. S.<sup>a</sup>. Apesar de haver mais de onze annos que não se hospeda ninguem nas *Fronde*s, está sempre limpo e prompto a receber quem vier. E' uma das manias da minha ama da qual só hoje percebo a utilidade.

Depois quiz puxar as botas ao official, mas elle recusou dizendo :

— E' inutil. O meu impedido deve vir ahi. E' favôr, logo que elle chegue, manda-lo subir.

Um impedido! Silvestre exultou e, de si para si, não pôde deixar de murmurar :

— Que pena que a força não tenha vindo toda alojar se aqui! Não fazia transtorno... A casa era bem grande, dinheiro não falta... as despesas usuaes são tão modicas! Como gozaria de me sentir momentaneamente entre camaradas, lembrando os bons

tempos de 34 e contando lhes a elles, soldados que nunca serviram senão para vista, os feitos de armas dos homens do meu tempo.

E caminhava absorto, de cabeça baixa, automaticamente, sem vêr por onde seguia.

— Onde vaes tu tão pensativo? perguntou-lhe Ildegarda junto da qual passava sem a notar.

O veterano sobressaltou se e respondeu ri-sinho :

— O' minha velhinha! era assim que, de criança, lhe chamava nos seus momentos de expansão, — um tenente e um impedido! . . . Que pena não ter vindo a força toda! E' uma alegria a que o seu 41 já não pode aspirar...

— Gostavas então muito de ter toda essa soldadesca nas *Frondes*?

— Podera não!

— Pois bem, se na volta da diligencia em que vão, tornarem a fazer caminho por aqui, dar-te-hei esse prazer.

— Falla sério?

— Parece-te inacreditavel tanta ventura? perguntou Ildegarda affectuosamente.

— Se parece! Ah! E' que a vélhinha não sabe como a vista d'um troço de homens em ordem de marcha remexe o coração d'um velho caçador! E lembrar-me que houve tempo em que eu bradava com convicção: « Não

poder eu mandar tudo isto ao diabo!» Parece incrível!

—Que queres, meu amigo, tornou-lhe Ildegarda, não sem melancolia: ninguém está contente com a sua sorte.

—Diz bem, minha senhora. N'esse tempo o meu desejo era, pouco mais ou menos, uma situação parecida com aquella que hoje tenho, e nem mesmo me atrevia a sonhar-la tão bella.

—Olha! ahí vem o impedido do tenente, observou-lhe Ildegarda

Silvestre guiou o soldado a seu amo.

Ficando só, Ildegarda tomou entre as mãos a cabeça do Turco, que n'um affago viera pousar-lhe nos joelhos, e perguntou-lhe, como se elle soubesse responder-lhe:

—Você também tem saudades do passado ou está satisfeito com o presente?

E como a Celta viesse disputar as caricias que ella fazia ao seu companheiro, curvou-se, pegou n'um pequeno tronco que estava no chão e atirou-o ao rio. Immediatamente os dois cães se precipitaram para o alcançar disputando-o em seguida. Este folguedo repetiu-se até ao momento em que Silvestre, apparecendo á cancella da horta, soltou um estridulo assobio ao qual Ildegarda respondeu por outro semelhante, encaminhando-se para casa.

Na vasta sala de jantar, n'uma pequena

meza, collocada a um canto, junto da janela, estava estendida uma alva toalha de linho guarneçada de formosas rendas de Peniche, e postos dois talheres entre os quaes campeava um baixo e rico centro de meza, de louça de Sévres, cheio de lindas *Despedidas de verão*, essa flôr sympathica e poetica que os modernos, com a mania do exotismo depois de mil combinações seleccionadas, tiveram o mau gosto de chrismar com o pretencioso nome de crysanthemo, que para nós, meridionaes, tem a melhor razão de ser por vir de importação, emquanto que o antigo impregnava as florações, qualquer que fôsse a sua côr, d'um vago perfume de saudade pelas recordações que só a palavra «despedida» evoca no coração humano. Chrisanthemo quer dizer flôr d'oiro. Muito bem quando as florações sejam doiradas; mas quando são roxas ou vermelhas? ... Emfim; seja como fôr: eu e toda a gente de bom gosto optamos pelo antigo nome.

D. Bruno d'Almeida, de pé no meio da sala, admirava as altas cadeiras de couro de Cordova e a magnifica collecção de pannos de Arrás que guarneciam as paredes, representando varios episodios da segunda guerra punica

N'um via-se a chegada de Annibal a Hespanha, onde o exercito, que ainda chorava a

morte de seu pae, o recebe com vivas demonstrações de alegria. A formosura e delicadeza da côr não tinha sido deteriorada n'este panno que conservava o seu esplendido e primitivo aspecto.

N'outra parede ostentava-se o cêrco de Sargunto, e era de vêr e estudar cuidadosamente a multiplicidade de expressões dos rostos dos combatentes, as suas attitudes, e todas as minucias que tornavam este painel um magnifico quadro de guerra que apaixonava o ohar.

Noutra parede era o combate de Tesinoo. O pisodio do filho de Scipião, acobertanda o pai com o seu escudo para o salvar da morte, estava expresso com eloquente grandeza, mas no canto superior da parede, do lado esquerdo, a humidade do muro, começava a deteriorar a tela. Na quarta parede deslumbravam a vista os prodigios operados pela cavallaria de Annibal na batalha de Tresbia, e, nó tecto como se a gloria do grande general cartaginez tivesse alguma ligação com os Pereiras de Vouzella, ostentavam-se entre nuvens duas grandes aguias segurando a fita com a divisa sobre a qual se erguia o escudo heraldico.

Não sei, se por suggestão das palavras *sempre mais alto*, se porquê, o que é certo é que, fitando-se rapidamente o escu-

do, tinha-se a impressão de que elle ia subindo.

D. Bruno, militar, aristocrata e apreciador de antiguidades, não podia comtemplar com indiferença a formosa e guerreira decoração d'aquella vasta quadra.

Vendo entrar Ildegarda, reparou pela primeira vez no estranho traje da rapariga e dirigiu-se para ella amavelmente.

—Pelo que me contou o seu criado, minha senhora, nós somos ainda um pouco parentes. Minha avó materna que era uma Sousa Coutinho, casou na familia de seu pae. O veterano que a serve conheceu-a perfeitamente.

—E eu ouvi fallar d'essa senhora muita vez a meu avô, que encarecia a sua belleza e espirito. Somos então uma especie de primos?

—Se V. Ex.<sup>a</sup> me quizer honrar, considerando-me assim.

—Mas com certeza Terei n'isso muito prazer. Como é o seu nome?

—Bruno.

—Meu Deus! Quem lhe poz esse nome não era seu amigo.

—Porquê?

—Como sabe, bruno é synonymo de «infeliz», e pôr tal nome a uma criancinha é, parece, querer desejar-lhe um triste futuro.

—Sinto que o meu nome lhe desagrada, mas é tão commum em toda a minha familia que ..

— Console-se: o meu não é mais bonito. Chamo-me Ildegarda. Antigamente, quando eu tinha alguem que me tivesse affecto, chamavam-me Arda por abreviatura. Já vê, continuou ella sorrindo, que ter por nome a «ordem de arder», tambem não é agradavel.

Silvestre entrou, trazendo na mão uma terrina fumegante. Ildegarda sentou-se e, offerecendo uma cadeira ao seu hospede, continuou:

— Hoje posso dizer que não tenho nome. Só de anno a anno, pelo S. Miguel, quando renovo os arrendamentos aos meus rendeiros ou quando vou tractar algum pobre e que tenho de fazer a minha assignatura.

—O quê? E' possivel?! Então não convive com ninguem, não mantem uma correspondencia?

—Correspondencia, não. Tenho relações com varios visinhos, mas poucas e nada intimas. Depois, todos se puzeram no habito de me chamar a Doutora, tratamento antipathico ao qual em vão tenho tentado fugir. Esqueceu-me dizer-lhe que sou medica de todos os doentes que não têm dinheiro para pagar.

—Mas tem o curso medicina?

— Tenho

— E não procura exercer clinica nos grandes centros?

— Para quê? Sou rica, não trabalho senão para me distrahir, ou pelo prazer de ser util a alguém.

— E pode achar prazer na monotona vida que aqui tem? Não lhe parece o tempo muito longo?

— Não. Pode parecer-lhe isto original, mas não é, primo, e eu lhe explico porquê. Meu pai casou com uma visinha e parenta da casa dos Arcos, que morreu de parto quando eu nasci. Foi entregue aos cuidados da minha avó paterna, porque a outra tinha já em casa vários nétos de outros filhos. Estava escrito que eu não devia ter carinhos feminis. Justamente no dia em que fiz um anno, falleceu minha avó. Meu pai estava então governando Angola onde, muito mais tarde succumõiu a um biliosa. Não tenho d'elle a menor ideia. Na falta de minha avó paterna, a outra, — faça se-lhe justiça, — quiz tomar conta de mim, mas meu avô, que se me tinha affeioado extraordinariamente, não teve animo de me deixar ir.

«A ama de leite tinha se retirado havia oito dias quando a minha avó teve a congestão que a victimou. Resolveu meu avô não admittir mulheres em casa e o serviço pas-

sou a ser feito por soldados reformados. O 41 foi desde então a minha amã, e meu avô a mais terna das mães. Passaram-se annos... Então não quer mais carne?

— Não, prima. Tenho comido muito mais do que costumo.

— E' natural, com tão grande passeio...

— Mas continue a sua historia, peço-lhe, volveu o moço militar.

— Cheguei á idade em que precisava de ser educada e minha avó materna insistia para que eu lhe fosse entregue ou entrasse para um collegio de religiosas.

— Era o que faltava! interrompeu Silvestre com familiaridade: a minha velhinha freira! Eu fui o primeiro a dizer lhe na cara que, se a mettessem em grades, eu ainda não estava esquecido do modo por que se acabavam os conventos. Olhe que, com as razões da intromettida, o seu avô, que Deus haja, perdeu o somno um bom par de noites e eu tambem andei não sei como... Já não olhava para a velha direito.

Ildegarda e Bruno sorriram e a primeira continuou:

— Decidiu então meu avô ir residir para Coimbra e ahi passamos, todos os annos, o tempo necessario ao estudo. Nas férias regressavamos ás Frondes. Concluida a minha educação, meu avô perguntou-me onde

desejava fixar residencia. Respondi-lhe que aqui. E como eram tambem esses os seus desejos, foi com verdadeira alegria que regresamos.

— O que admira é como, estando tanto tempo em Coimbra, não arranjou por lá um noivo.

— Não faltaram. atalhou Silvestre, mas nós não a tínhamos educado com tanto carinho para a entregar a um bilhostre qualquer. Tivemos sempre o cuidado de lhe fazer vêr o que geralmente valem os homens, mesmo os melhores.

— Essa receita nem sempre serve. Às vezes é até um aperitivo.

— Tem razão. Mas comigo não admira que servisse. Compreendi cêdo os sacrificios que fez meu avô e quiz que elle tivesse uma velhice socegada, o que consegui sem custo. Ora aqui tem a razão por que Silvestre lhe diz que isto é uma casa de homens.

Fez-se um curto silencio. Por fim Bruno perguntou :

— Nunca foi ao Porto ?

— Não, nem a Lisbôa, nem a parte nenhuma. Não me faltam meios para viajar mas resolvi não querer conhecer o mundo senão atravez dos livros, dos jornaes e das revistas. Tenho magnificas photographias de to-

dos os monumentos e quadros celebres. Posso fallar lhe de todos os paizes como se os tivesse visitado e talvez descrever lh'os com mais colorido do que os que lá têm estado, porque decerto os imagino muito melhores do que são.

Reparando que o seu hospede fazia esforços immensos para resistir ao somno, Ildegarda convidou-o a recolher-se ao quarto e a ir repousar. Informou se ainda do motivo que o trouxera alli e soube que viera para manter a ordem na proxima villa durante as eleições. Disse lhe mais Ildegarda que, por uma singular coincidencia, podia continuar a ser seu hospede, porque possuia alli uma pequena casa onde ella e Silvestre costumavam ficar quando o prazer da caça os levava longe demais do solar.

Bruno recusava com receio de incommodar, mas Ildegarda disse-lhe com a maxima franqueza não haver em tal offercimento a menor intenção de ser amavel com elle, mas sim a ideia de dar ao velho Silvestre o prazer de conviver umas horas com soldados.

Devido á lealdade d'esta explicação, ficou assente que na madrugada seguinte Silvestre acompanharia Bruno á villa e lhe faria alli as honras da casa.

Quando Ildegarda communicou ao 41 a decisão que tomára na intenção *exclusiva*

*de ser amavel com o seu parente*, e lhe disse com fingida naturalidade: «Tem paciencia, isto vai-te custar, bem sei, mas é um favor que me fazes Entendo que devo fazer a Bruno o mesmo que o avô faria, se vivêsse» o velho militar sentiu o coração pulsar-lhe mais apressado e o sangue subir lhe ao rosto, de puro jubilo. Ia ainda marchar mais uma vez entre soldados! E sua ama agradecia-lh'o como se fôsse um sacrificio! Protestou lhe a sua grande satisfação por tal motivo, sendo o seu unico receio fazer-lhe falta para a servir.

— Não fazes Almoço qualquer cousa e, quanto a jantar ou vou lá, ou janto em casa das senhoras Paivas, como me appetecer.

Satisfeito com esta resolução, Silvestre dirigiu-se ao seu quarto e abrindo um velho armariõ retirou d'elle um fato de velludo cinzento, umas botas altas e um chapéu de feltro identico aos que os nossos soldados usam no ultramar. Era o traço que o fallecido general lhe dera para acompanhar Ildegarda quando ia á caça. Mas elle achava-o tanto de seu gosto que o não vestia senão nas occasiões que reputava solemnes.

Depois accendeu o cachimbo, pôz se em mangas de camisa e voltando uma cadeira, escarranchou se lhe em cima e apoiou os braços cruzados nas costas d'ella e o queixo

nas mãos. E, fitando os olhos na luz da candeia que collocara sobre a mesa, ficou immovel.

Sigamos lhe o pensamento que vôa rapidamente a muitos annos antes.

— Que voltas o mundo dá ! commentava elle. Quem te diria, 41, que havias de vêr reunidos á mesma mesa os netos do teu cadete e da sua linda Aninhas ! Que bôa e formosa ella era, e que infeliz foi !

Viu de repente na imaginação uma pequena casa, perto de Villa do Conde, á qual, n'uma tarde da mocidade, elle e o fallecido general, então na adolescencia, haviam ido pedir pousada. Moravam alli pessôas da familia de seu amo. Anninhas já então estava promettida ao avô de Bruno, mas, vendo aquelle jovem parente que não conhecia e que os casos aventureiros da guerra tornaram seu hospede perto de dous mezes, não pôde deixar de o amar. Elle, leviano e volúvel, como todos os homens, muito carnalmente apaixonado por uma gentil viuva que cavalgava á frente das tropas no estado maior do seu general, não tinha olhos para a linda Anninhas que quando elle partia para alguma missão arriscada, se recolhia ao oratorio a chorar para pedir a Deus com fé que elle tornasse a voltar. Volveram se annos, e mais tarde, casados ambos, um ga-

lanteio perigoso começou entre elles. Seria só galanteio?

O que é certo é que, despertados os ciúmes do pai de Bruno, um duello pôz fim aos amôres illicitos, e D Cesar — assim se chamava o avô de Ildegarda, — para que Anninhas pudesse recobrar pelo menos o socego, pediu e obteve uma commissão na India Portugueza. E assim se separaram aquellas duas gentis criaturas, nascidas talvez uma para a outra e a que um impiedoso destino traçara caminhos diversos.

O 41 relembra todos os pequenos incidentes que acabamos de narrar succintamente. Via a linda Anninhas, quando elle, na vespera da partida para a India, lhe foi entregar a occultas a ultima carta de D Cesar, o rosto inundado de pranto e um tão fundo e sincero desespero que a morte parecia ao 41 mil vezes preferivel áquella angustia.

A candeia, esmorecendo, bruxuleava tristemente, annunciando que se extinguiria em breve. Então o 41, lançando sobre a mesa o cachimbo que inadvertidamente conservava apagado ao canto da bôcca, ergueu se, e espreguiçou se resmungando :

— Com mil raios! Nada mais triste do que recordar! E no entanto, em se começando, não se acaba. Tanta dôr tantos prantos, para quê? Jazem ambos hoje reduzidos

---

a pó! E, evocando estas lembranças, só eu hoje soffro pelo que vi soffrer. Leve o diabo paixões!

E, soprando a candeia, atirou-se vestido sobre o leito, depois de ter resado as orações da noite.

### III

#### *Do Diario de Manoel*

Hontem sahi por volta das cinco e meia. Começava a escurecer e as sombras envolviam já a terra. Dirigi-me automaticamente para as Frondes. Como ia muito vagarosamente, quando alli cheguei era já noite. Vi com espanto luzir uma janella do primeiro andar. Approximei-me e recebi uma desagradavel impressão. Um elegante rapaz, parecendo ter uns vinte e tantos annos fardado — não pude distinguir lhe a patente — estava debruçado na varanda de Ildegarda com o ar de quem estava em sua casa. A medica não tinha irmãos. Quem era pois aquella creatura que se hospedava em sua casa com tanta intimidade? O espinho do ciume penetrou me no coração.

Depois de permanecer na varanda um curto espaço, pude vêr que o official, fechando apenas a vidraça, se despia e mettia no leito. Pouco depois vi luz na livraria.

Estaria alli a medica? Quiz certificar-me e para o fazer subi a uma arvore proxima.

Sentada junto da mesa central, Ildegarda tinha aberto diante de si um alto e grosso volume, mas não lia. Com a cabeça descansada nas mãos e um sorriso nos labios, parecia embebida n'um agradável sonho. Estava pensando n'elle era evidente

Não pode, quem nunca foi ciumento, avaliar a dôr aguda que me despedaçou a alma. Desci da arvore e retirei-me lentamente. Entrando em casa, as minhas feições iam por tal fórma alteradas, que Amelia, assustada, perguntou-me:

— Que tens?

— Uma dôr aguda no coração

— Chama se o medico?

— Não. E' inutil. E' uma cardialgia. Eu sei o que hei de fazer.

E, applicando um sinapismo sobre o coração, deitei-me de bruços na cama.

Amelia, na casa de fóra, dizia á mais nova de minhas filhas:

— Hum!... Alguma contrariedade forte teve teu pae... aquella dôr não lhe veio assim sem mais nem mais

E não. Foi então que eu conheci o impeto, a violencia, a loucura d'uma verdadeira paixão, e a impotencia de a conter e dominar.

A noite foi cruel, cortada de medonhos pezadeilos. Quando rompeu a madrugada, cahi então n'um somno profundo e reparador.

Ergui-me tarde, para o meu costume, e encaminhei-me logo para casa de Ildegarda n'uma ancia indiscriptivel de a vêr, de lhe fallar, de saber quem era aquelle homem cuja imagem desde a vespera me perseguia cruelmente.

Tinha dado meia duzia de passos em direcção as Frondes, quando o galope d'um cavallo, vindo em direcção opposta se fez ouvir. O coração palpitou-me mais apressado, parecendo murmurar-me.

— E' ella. . . é ella.

E era

Montada no seu fozoso andaluz, vestindo um saiote de velludo azul trazendo na cabeça um *bonet* de jockey, Ildegarda com as faces afoqueadas e o sorriso nos labios, vinha ao meu encontro. Chegando junto de mim, fez estacar subitamente o cavallo e estendeu-me amigavelmente a mão.

— Salve-o Deus, meu visinho, disse risonha. Tem muito que fazer hoje?

— Muito não. Porquê?

— O que lhe vou dizer não é correcto, mas não merece censura porque é sincero. Tenho e não tenho um hospede. Tenho, por-

que o hospede; não tenho, porque já não está no solar. Mandeí o Silvestre fazer-lhe as honras da casa da Villa mas... fiquei só. A minha intenção era vir jantar com as senhoras Paivas, mas de boas intenções está o inferno cheio. Eu disse a Silvestre: ou janto nas Mouras ou vou á Villa jantar com o meu hospede e parente. Mas acontece que não tenho vontade de fazer nem uma nem outra cousa, e me appeteceu convidá-lo a ir comer commigo, nas margens do rio, um jantar improvisado por mim.

— Mas não pensou que n'uma terra pequena como esta, cheia de convenções sociaes mais que as grandes cidades, a que reparos e malevolencias isso pode dar lugar? perguntei eu, desejoso de vêr rebater a minha observação.

Ildegarda encolheu os hombros com indifferença e respondeu:

— O mundo falla sempre, quer tenha ou não razão. Mas esquecia-me de que estava falando com um ex-seminarista e...

— Perdão! Era unicamente no seu interesse que eu fallava. O meu empenho é aceitar o convite.

— Bem, então, ás trez horas, nas Fron-des.

E apertando-me a mão como a um camarada que se estima, partiu a galope desap-

parecendo na estrada entre nuvens de poeira.

Toda a tristeza em que a minha alma estava immersa se mudou em vivissimo jubilo. Voltei a cuidar das minhas obrigações com a alma em festa e, proximo da hora indicada, encaminhei-me para as Frondes Ildegarda já me esperava. Os seus cães, que rapidamente tinham sympathisado commigo, vieram festejar-me e ella, pegando'n'um cesto e dando-me outro de iguaes dimensões, disse:

— Carregue tambem. Não é por muito tempo. Vamos perto

E enveredou por uma das ruas da quinta em direcção ao rio.

Junto d'uma pequena ponte de pedra, quasi encoberta por trepadeiras, parou.

— Aqui é um sitio lindo para se jantar.

Alegremente, como dois collegiaes em férias, começamos a estender a toalha, a dispôr os pratos, e a comer. A nossa satisfação parecia infantil, mas a minha consciencia, sempre á espreita, censurava me, por mais que eu quizesse fechar os ouvidos.

Comemos, conversamos, rimos e, quando o sol se sumiu, separamo-nos com magua reciproca.

— Até amanhã, disse-me Ildegarda, não sem tristeza.

Irreflectidamente, respondi-lhe :

— Não, até logo Tenho uma pergunta a fazer-lhe.

— Porque a não faz já?

— Para ter um pretexto de voltar.

Realmente, duas horas depois, voltava eu ao solar e batia discretamente ao portão

— Suba, gritou-me Ildegarda da janella. Subi.

Estava só na bibliotheca. Aquella sala, desde a apparição que eu alli presenceara, esfriava-me.

— Então qual é a pergunta? Ardo em curiosidade. . . Sou mulher, affirmou ella graciosa.

— Quem é o seu hospede? Disse-me que tinha um, mas por mais que, durante o jantar, eu esperasse. . .

Ildegarda soltou uma franca gargalhada:

— Sempre é muito curioso!

— Não se tracta apenas d'uma questão de curiosidade. E' que. . .

— Julga que o conhece? interrompeu ella sorrindo

— Nada d'isso.

— Então?

— V. Ex.<sup>a</sup> interroga-me e não responde ás minhas perguntas. . . Se fui indiscreto. . . retiro-as.

Ildegarda corou, carregou o sobr'olho e, momentaneamente, pareceu disposta a zan-

gar-se; mas, voltando rapidamente á sua expressão habitual, disse-me affavelmente:

— Não devia responder-lhe, pela... feia e malevola insinuação que acaba de me fazer; mas, como o considero um doente...

— Um doente?! Eu, um doente?!

— Sem tirar nem pôr: é essa a minha opinião Vou satisfazer-lhe a curiosidade O meu hospede é o tenente D. Bruno d'Almeida, ainda meu primo, que veio em diligencia á proxima villa. Está satisfeito?

O meu gosto seria ter podido responder que sim, mas não me foi possível e volvi:

— E' muito amiga d'elle?

— Não; conheci-o agora pela primeira vez

— E' sympathico?

— Bastante

— Intelligente?

— Parece o.

— E', pois, um pretendente em perspectiva? perguntei, querendo dar á voz um tom natural.

— Não creio, nem, francamente, me importa. Como já lhe disse, não estou resolvida a casar-me.

— E se um dia amar?

Dizendo isto, eu estava tremulo de anciedade.

— Fugirei do homem amado como da peste.

— Tem horror ao amor?

— A tudo que possa fazer soffrer Olhe, gosto muito d'uma bôa, leal e franca amizade como a sua, que não provoca palpitações de coração nem me faz scismar Mas sentir um d'esses sentimentos que eu vejo descriptos nos romances! . . . Deus me livre! São inimigos da paz.

— Assusta me ouvi la.

— Porquê?

— Sinto que vai apaixonar-se pelo tenente.

— Não ha perigo. Se, como diz, essa ideia o assusta, pode dormir tranquillo: é um homem loiro

— Antipathisa com os loiros?!

— Profundamente.

— Então eu?

— V Ex<sup>a</sup> é castanho, não é loiro.

— Não antipathisa commigo?

— Sabe demais que não. Não o convidaria para os meus passeios e tagarellices literarias, se o não considerasse um bom e sincero amigo. Agora, diga-me, foi unicamente para me fazer essa pergunta que voltou aqui?

— Foi.

E, sem poder resistir mais tempo, confessei-lhe:

— Não dormi toda a noite. Que quer? Eu sou ciumento até dos meus amigos.

Ildegarda olhou me investigadoramente. Eu desviei o olhar.

Estabeleceu-se um silencio constrangedor.

Ella quebrou-o para dizer:

— Uma das cousas por que eu não posso supportar as mulheres é por terem geralmente ciumes das amigas. O ciume, meu caro visinho, só se entende e perdôa no amor, quando sentido pela mulher.

— Então o homem não tem direito de ter ciumes?

— Não. Quando o seu affecto não fosse correspondido, tal sentimento seria toleima; sendo o, passaria a ser injuria e a injuria offende e affasta.

— Demonstre.

— Meu Deus! é tão facil que não vale a pena Reflecta.

Levei então a conversa para o hospede de Ildegarda Fallamos d'elle e, bem que a minha interlocutora o fizesse com natural desprendimento, eu sentia esse desprendimento ficticio e soffria.

N'um character arrebatado e impulsivo como o meu, as impressões envolvem acções.

Em vão me quiz conter. Tomei nas minhas as mãos de Ildegarda e' com uma ve-

hemencia em que se trahia toda a tortura da minha alma, pedi :

— Jure-me que o não ama !

Ella olhou me admirada, hesitou, mas não respondeu e baixou os olhos córando.

— Vê? volvi-lhe eu n'um tom de amarga exprobração. Não tem valor nem de affirmar ao menos . . .

— Perdão ! Não lhe respondi, mas não foi pelo motivo que julga.

— Então ?

— É que acho devéras estranha a sua pergunta. Não comprehendo em que os meus sentimentos o possam interessar . . .

E fitava-me com fria altivez.

— Não sabe?! tornei eu com impeto. Então não adivinhou ha muito quaes os meus sentimentos a seu respeito? Não percebeu ainda que a amo com a mais violenta paixão? . . . Paixão capaz de todas as dedicações e de todas as loucuras ?

Ildegarda, fazendo um esforço para se mostrar senhora de si, volveu sorrindo com ironia.

— Que está atacado de loucura, vejo eu.

— Não brinque com o estado da minha alma, disse-lhe eu n'um tom entre offendido e desolado.

— Não brinco. Farei de conta que o não ouvi. Mudemos de assumpto.

—E' -lhe tão querido já esse homem que não a deixa serenar, por uma palavra amiga, os soffrimentos d'um coração que, embora lhe seja indifferente, lhe é inteiramente dedicado?

—Não o amo

—E não receia vir a ama-lo?

—Como quer que lhe responda pelo futuro? No presente não amo . . . ninguém.

Ildegarda hesitára em pronunciar a ultima palavra e empallidecera extraordinariamente

Pareceu-me perceber que era correspondido, e, n'uma alegria irreprimivel, ergui-me e avancei para ella de braços estendidos, exclamando:

—E' possível . . . Ildegarda? é possível que . . .

Callei-me Entre mim e a gentil rapariga erguera-se severa a figura do velho militar, tão nitida, tão viva, tão reprehensiva, que um calafrio me percorreu o corpo e tive de me amparar á parede para não cahir.

Ildegarda não vira nada

—Que tem? perguntou-me ella.

—Uma tontura.

—Decididamente, o senhor Sousa não está bem

E, aproximando-me uma cadeira, pediu:

—Sente-se.

Deixei-me cahir sobre a cadeira e limpei o suor que me inundava a testa.

Estabeleceu-se um longo e incommodo silencio.

Um dos cães ladrou.

Ildegarda aproximou-se da janella.

— Que é? perguntou abrindo-a.

Uma voz masculina pediu-lhe que fosse d'alli a duas lguas, á herdade dos Lagares, vêr a caseira que estava muito doente.

— Espere. Eu desço já. — E, voltando-se para mim, disse-me affavelmente:

— A nossa conversa, caro visinho, foi interrompida no ponto em que o devia ser. Vou vêr uma doente.

— A esta hora?! Só?

— Só? Eu não estou nunca só. E, se as horas não dão allivio aos doentes, não devem impedir os medicos de cumprir as suas obrigações.

— Permitta-me que a acompanhe. . .

— Além de inconveniente (estão sempre habituados a verem-me só a toda a hora) seria inutil. Adeus, meu visinho, fique lendo, se quizer.

— Não, não. Eu tambem saio.

A ideia de tornar a vêr o espectro do velho militar enchia-me de receio. Ficar só com elle, n'aquelle casarão, era superior ás minhas forças. Não imaginem, porém, que

sou um fraco. Jogo o sôcco e o pau, aprendi esgrima e não recúo diante dos homens Mas o *sobrenatural* apavora-me ; sinto-me infantil, impotente para a lucta e portanto covarde.

Desci com Ildegarda, acompanhei-a á cavallariça, ajudei-a a sellar o *Raio*, e offereci-lhe o joelho para montar.

Recusou. E, collocando-se d'um salto sobre a sella, partiu a meio galope, seguida pelo Turco, emquanto a Celta ficava de guarda ao solar, que a luz da livraria fazia supôr ter gente.

Vi-a affastar se com magua.

Para que lhe fallára em coisas que ella não devia ouvir? Para que lhe dera o direito de me censurar? Para quê? Não existia entre nós o impossivel? E, dando combate na minha alma a desencontrados pensamentos, tomei o caminho de casa, mal com ella e peor ainda commigo.

Entrando no meu escriptorio, accendi luz, sentei-me á secretaria, e pegando no meu confidente de papel, deitei nas suas folhas de alvura immaculada as dôres e negridões da minha alma. Rompia o dia quando uma necessidade impreterivel de dormir me levou para o leito, onde o somno, sempre amigo dos que soffrem, se apoderou compadecidamente de mim.

#### IV

Ildegarda galopava ao longo da estrada, envolta nas sombras da noite, precedida pelo Turco, que intelligentemente se adiantava ou recuava segundo o que, no seu entender de amigo, parecia poder ser mais util á sua dona.

A medica pensava na estranha confidencia que abruptamente recebera e que a não impressionára, apesar de ser a primeira declaração de amor que escutára em toda a sua vida.

Não era para ella uma surpresa a paixão que inspirára a Manuel. Não ha mulher, por estúpida que seja, que não saiba, adivinhando-os, os sentimentos de sympathy ou antipathia que inspira ao sexo forte. Ser objecto de culto, quando se não concorre para isso com garridice e requebros que occultem um anzol, é sempre agradavel á vaidade feminina. Mas ouvir

uma confidencia inconveniente, para quem tem character, é offensivo. Tudo isto pensava Ildegarda, profundamente aborrecida com o facto.

Julgára fazer de Manuel um irmão, um companheiro dedicado e amigo, com quem, á semelhança dos velhos bairristas que fazem club nas boticas, pudesse jogar o gamão e discutir, mal ou bem, todos os assumptos. E eis que o seu camarada se transformava em apaixonado que falla, a peor especie de apaixonados que existe no mundo! E se ella amasse Bruno? Que tinha elle com isso? Nada mais natural. Era um rapaz gentil, elegante, da sua classe, com gostos e instinctos identicos naturalmente aos seus, e que ella amaria com certeza, se estivesse disposta a amar alguem.

Mas não Quem ama tem de se sacrificar em alguma coisa, e ella era egoista em tudo que de longe pudesse atacar a sua independencia, unica coisa de que era verdadeiramente ciosa.

Quanto a corresponder a Manuel, nem pensava n'isso! Não porque a ideia d'elle ter outros deveres influisse no seu espirito. Ildegarda, apesar de ter sido educada religiosamente, apesar de seu avô lhe traçar constantemente diante dos olhos as palavras «lei e religião», tinha-as nos labios como uma

coisa aprendida, mas nunca lhe haviam entrado n'alma. Era, por natureza, selvagem, independente e espontanea em todos os seus sentimentos e actos, e tinha uma natural inclinação para tudo que fosse liberdade, repudiando energicamente quanto se assemelhasse a freio. A sua consciencia abraçava o bem, porque o sentia comsigo, e repudiava o mal, não por ser mal, mas porque lhe repugnava.

Que um casamento, que fôra um erro, prendesse uma criatura por toda a vida, afigurava-se-lhe um disparate. Não o dizia para não levantar protestos, mas achava-o comparavel á perseverança na falta. Não advogava o divorcio nem o atacava, porque para a selvagem independencia do seu espirito, a lei inspirava-lhe o maior desprezo e, no orgulho da sua consciencia, bradava muita vez: «A lei! A lei, faço-a eu!»

E estava profundamente convencida de que a sua vontade era superior a tudo, e nada a poderia dobrar. Achava Manuel uma criatura interessante, um espirito superiormente culto, mas não era o typo de homem por ella idealizado. Vira-o enfiar de mêdo diante da apparição de seu avô. Sentia por elle affecto e piedade. Estava convencida de que, nos exercicios physicos, apesar de ser mulher, lhe seria superior, e tanto

bastava para o não poder amar. E' necessario que o homem, para realmente o ser, não recue diante de cousa alguma, saiba morrer, mas nunca, vivo, deixar se vencer. Ora Manuel, que tão contente estava com o seu exterior, não correspondia ao typo de eterno vencedor idealizado por Ildegarda. Era prudente, modesto, valente, mas tudo isto com naturalidade, e só o revelava nas occasiões em que era forçoso demonstra-lo. Os seus modos, talvez pela longa permanencia no convento, eram timidos; não tinha emfim aquelle ar de mosqueteiro triumphante que Ildegarda entendia dever ser o apanagio obrigatorio de todo o ser masculino que quizesse usar, merecendo-a, a designação de homem. Portanto, a sua intempestiva paixão irritou a, e dizia comsigo:

— Que incommoda estupidez! Agora, que eu estava tão contente por ter com quem conversar, vem este asno estragar tudo com sentimentalismos ridiculos que me impõem a obrigação de o affastar.

Chegando junto de um bosque cerrado, pareceu á medica que um vulto humano se encobria com o tronco d'uma arvore. Mal tivera esta suspeita quando a viu confirmada pelo seu dedicado guarda. O Turco encaminhava-se para a arvore e tomava, rosnando, uma posição hostil. Um tiro res-

soou no silencio da noite e o valente animal cahiu inanimado no solo. O cavallo de Ildegarda encabritou se, e o vulto humano, sahindo de traz da arvore, tentou lançar-lhe as mãos ás redeas.

Então a medica, fazendo vibrar no ar a chibata, deixou-a cahir com violencia sobre o rosto do homem que, forçado pela dôr, largou as redeas de que se apossara. Cravando a espora no cavallo com fogo desusado, Ildegarda fê-lo dar um galão e partiu n'uma carreira desenfreada.

—Meu pobre Turco! exclamava a medica consternada. Deve estar morto!

E corria loucamente na negridão da noite, na esperança de poder talvez prestar ainda soccorro ao seu nobre amigo.

Eram dez horas quando se apeou na quinta dos Lagares. Bateu duas fortes argoladas ao portão.

Ninguem respondeu. Os cães ladraram com furia. Tornou a bater sem melhor resultado, e finalmente, depois de ter quasi deitado a porta abaixo, abriu-se um postigo no alto e negro muro que circundava a vasta propriedade, e uma voz mascula e estremunhada perguntou:

—Quem está ahi?

—A medica que mandaram chamar para vir vêr a caseira.

— A senhora vem enganada. A caseira não está doente.

— Então a quinta dos Lagares não é aqui?

— E', sim senhora.

— Então tenha a paciencia de descer para me dar uma palavra.

— Lá vou, minha senhora, lá vou.

Ildegarda ouviu fechar e trancar vagarosamente o postigo e uns passos pesados que, batendo os soccos, se affastavam primeiro para depois se aproximarem.

A porta destrancou-se vagarosamente e um homem de meia idade, erguendo a candeia á altura do rosto da recém-vinda, perguntou um pouco desabridamente :

— Que deseja?

— Fui procurada em minha casa por um homem que me disse estar a caseira muito mal. Vim logo, mas ao passar pelo bosque um homem lançou-me as mãos ás redeas do cavallo depois de me matar um dos meus cães. Consegui, vergastando-lhe a cara, que abandonasse o freio do cavallo, mas comprehendendo que, sem o meu cão e sem armas, tenho receio de tornar a passar, só, por ali. Podia emprestar-me uma espingarda?

— Ora essa! Da melhor vontade. Mas eu vou acompanhá-la. Não quero de modo algum que a senhora se arrisque a taes horas por

esses caminhos. Foi uma armadilha que lhe fizeram. Elle sempre ha cada maroto! É mesmo um louvar a Deus! Entre Vossa Senhoria emquanto eu ponho a albarda no macho, e tome uns goles de aguardente. A noite está fria que nem de inverno.

— Lá isso está. Tambem o inverno não vem longe.

Emquanto fallava, Ildegarda descia da sua montada e entrava com ella á redea pelo postigo aberto no portão. Prendeu o cavallo a uma das argolas de ferro que ornavam o pateo, e seguiu o caseiro á sua pequena casa.

Entrando alli, o senhor Tiburcio Pires collocou a candeia sobre a meza e bradou, fazendo das mãos porta-voz:

— Eh! Maria! Enfia um saiote e desce cá.

— Lá vou, *home*, lá vou.

— Não a incommode, coitada! Estava talvez no melhor do seu somno...

— Ora essa! Então a senhora não veio por ahi fóra na ideia de lhe accudir? Não faz mais do que a sua obrigação.

E emquanto dizia, punha sobre a mesa um frasco de aguardente, brôa e queijo.

Ildegarda não se fez rogar.

— Olha, Maria, dizia o Tiburcio á mulher: a sr.<sup>a</sup> Doutora foi chamada á falsa fé

para te vir vêr, mataram-lhe o cão no caminho e quizeram segurar-lhe o cavallo.

— Crédo! Santo nome de Deus!

— Elle sempre ha cada malandrão! Faz companhia á senhora emquanto eu vou aparelhar o Russo para a ir acompanhar.

E, accendendo outra candeia n'aquella, sahiu resmungando:

— Isto só pelo diabo! Estes patifes não se lembram de que, pegando a fazer partidas aos medicos, elles podem acabar por não lhes accudir e farão muito bem. Ninguem gosta de arriscar a pelle. Compromettem-se e compromettem os outros .. Má raios os...

A senhora, Maria ouvia de Ildegarda a narração do estranho successo, com grandes exclamações, bastos signaes da cruz e abundantes gestos de indignaçãc. De repente, pegando na chibata que a medica collocára sobre a mesa, exclamou:

— Ah! minha rica mãe do ceu! Em que estado ficaria a cara do mal intencionado! Olhe, minha senhora.

Realmente, a chibata de Ildegarda estava tinta de sangue na extremidade

A medica encolheu os hombros com indiferença e bebeu uns goles d'aguardente.

E pousando o calice affirmou:

— É bem feito! Não se viesse metter commigo. Pena tenho eu do meu cão. Tão bom,

tão dedicado, sempre prompto a dar a vida por mim. O patife não valia decerto nem uma unha do meu pobre Turco.

— Isso também eu digo. E lembrar-me que foi na intenção de me assistir que a senhora apanhou tal desgosto! Não tenho consolação!

— Tinha de ser.

— Agora, se realmente eu um dia estiver mal, a senhora ha-de arreceiar se de cá vir, lembrando se d'este passo.

— Qual! Venho cá todas as vezes que necessario fôr; mas para não cahir n'outra, quando de cá me mandarem chamar, em vez de me dizerem que está alguém doente, mandem-me dizer que *ha fogo em casa*. E, como elles não podem adivinhar que temos este signal, não torno a correr o risco de ser assaltada no caminho.

— Mas que intenções teria o homem? Roubá la?

— Não me parece. Devia discorrer que não era natural trazer dinheiro ou valores commigo na visita a um doente

— A senhora não sabe de ninguem que lhe tenha raiva?

— Não... por mais que procure, não acho.

Esta affirmação não era exacta.

Ildegarda procurara na sua imagina-

ção quem poderia querer-lhe mal e não tivera dificuldade em achar.

Por sua morte a grande fortuna que possuía era natural que passasse, segundo as próprias disposições por ella tomadas, para os seus parentes dos Arcos. O seu primo mais velho fôra excluído por ella, por ser um gastador e um dissoluto a quem não havia dinheiro que chegasse, nem vida que prestasse fôra da orgia.

Era decerto elle que, no desejo de vingança ou na esperança de vêr entrar dinheiro em casa, a esperara no caminho talvez com intenções terriveis, intenções que ella se não pejava de lhe attribuir, porque sabia quanto elle havia já feito, assassinando um homem na feira por causa d'uma rixa velha motivada pela venda d'um cavallo. Devia ser elle e, como ficára marcado na cara, não seria difficil reconhecê-lo.

O sr. Tiburcio voltou a dizer que podiam partir e Ildegarda, despedindo-se da caseira, que ficava a enfiar Padre-Nossos e Ave-Marias diante d'uma feia gravura encaixilhada em madeira e suspensa da cabeceira do leito, montou de novo a cavallo e partiu a galope precedida do snr. Tiburcio Pires.

A noite estava ainda mais cerrada do que á vinda. Um espesso nevoeiro descera

dos montes visinhos, e não se via um palmo além das cabeças dos cavallos.

—Custa-me a tel-o incommodado, sr. Tiburcio. Fazê-lo erguer da cama para o passeiar atravez da serra por uma noite como esta, é uma verdadeira crueldade.

—Ora adeus, sr.<sup>a</sup> Doutora, não pense n'isso! O que é pena é que lhe tenham morto o cão... Não ha melhores amigos... nunca offendem e estão sempre prontos a punir por nós.

—Lá isso é verdade.

Callaram se e continuaram seguindo um apoz outro, investigando cuidadosamente com o olhar cada moita e cada sebe, que lhe appareciam indistinctamente veladas pelo veu cinzento do espesso nevoeiro. Quando se approximaram do bosque o Tiburcio aperrou as pistolas. Entregou uma a Ildegarda e empunhou a outra. Um uivar lamentoso chegou-lhes aos ouvidos.

—E' possivel que o Turco não tenha morrido? exclamou Ildegarda jubilosa-mente.

—Pelos modos, é certo que está vivo.

A medica, chegando ao sitio onde cahira o seu fiel amigo, apeiou-se, apesar das sensatas e egoistas observações do sr. Tiburcio e, ajudada por elle, atravessou o pobre animal sobre o cavallo e, tornando a montar,

seguiu a passo. O trajecto exacerbava as dôres do animal que, se não fosse bem atado, se teria deitado abaixo do cavallo.

Assim, torcia se, retorcia-se, incommodava a medica, e ficava á sua voz quieto de novo, mas uivando lugubre e desesperadamente.

Chegaram finalmente ás Frondes, apeiaram o pobre animal, e a medica verificou com jubilo que elle se podia salvar. Tinha uma perna quebrada em dois sitios e a bala alojara-se-lhe na coxa. Por um triz o não matara, mas podia viver, embora a perna lhe não pudesse prestar o antigo serviço, pela forma desastrada das fracturas. Ildegarda, ajudada pelo sr. Tiburcio, que se mostrára compassivo logo que, passado o bosque, deixara de receiar pela sua segurança pessoal, transportou o pobre Turco para cima da propria cama e procedeu á extracção da bala. Depois encanou lhe e ligou-lhe a perna. Fimdas essas operações, sempre dolorosas o pobre animal, vencido pelo extenuamento, adormeceu profundamente.

Então Ildegarda prestou toda a sua attenção ao senhor Tiburcio Pires. Offereceu-lhe uma substanciosa refeição, e uma boa cama. Elle queria regressar immediatamente aos Lagares, mas Ildegarda, fiel á promessa que fizera á senhora Maria, não o deixou partir

senão de dia. Antes porém, chamou-o á livraria e mostrou-lhe um retrato d'um rapaz, encaixilhado em velludo vermelho.

— Olhe, senhor Tiburcio, supponho que é este meu primo a pessoa que hontem me saltou ao caminho Deve ser difficil verifica-lo. Mas eu não o posso tentar, e não quero que o meu velho criado saiba nada do que se passou. Isso havia de affligi-lo muito. Lembrei-me de que talvez vocemecê tivesse meio de verificar por alguém da sua confiança se elle tem a cara rasgada pelo meu chicote.

O senhor Tiburcio Pires reflectiu um instante eolveu.

— Das duas uma. Ou o fidalgo se mette na cama e não fala a ninguem. ou sae da terra. Esta parte é a mais natural porque, sendo a senhora medica, elle ha de receiar a sua visita e, recusando se a recebe la, teme causar lhe suspeitas. Deve sahir da terra, e não por esta estação mas pela mais proxima

— Tem razão. Mas por qual tomará elle? Estamos entre duas...

O Tiburcio meditou :

— Se elle costuma vulgarmente ir para Lisboa, deve seguir para o Porto. O senhor Silvestre é homem de quem elle se deve temer, e muito competente para lhe ir na pista á menor suspeita.

— Com certeza. Elle, vulgarmente, vai a Lisboa

— Então irei eu á estação do Norte: verá que o encontro alli.

— Gratifica-lo hei bem, se conseguir vê-lo e dizer-me se realmente foi elle ou não.

O senhor Tiburcio consultou o relógio e, vendo que tinha o tempo restricto para desempenhar a sua missão, metteu o pé no estribo, deu redeas ao Russo, e partiu como uma setta.

Ildegarda foi sentar-se á cabeceira do seu doente e, cruzando as mãos nos joelhos, absorveu se nos seus pensamentos.

Decorreram horas. Quando ella já desesperava de vêr Tiburcio, entrou este triumphante no atrio das Frondes. Ildegarda sahio a recebe-lo :

— Então? perguntou ella com anciedade.

Por unica resposta, o senhor Tiburcio Pires tirou do bolso uma prova photographica e estendeu-a á medica.

Com grande pasmo, Ildegarda reconheceu, na figura que ella reproduzia, seu primo Paulo, com a cara ligada, e um pequeno malote na mão.

— Como conseguiu isto?!!

— Muito facilmente. Pedi ao chefe da Estação, que é meu amigo, para me passar um papel dizendo que vira o senhor Paulo

embarcar alli com a cara ligada. Contei-lhe os motivos, pedi segredo e fiz lhe vêr que a senhora Doutora, visto não me conhecer bem, tinha o direito de duvidar das minhas affirmações. Elle pensou um instante e disse-me: «Ainda lhe arranjo melhor do que uma affirmação minha, de que ella pode duvidar. E. indo buscar a *manica* dos retratos, preparou-a e, mal elle entrou na estação, zás. Foi dito e feito. O que levou mais tempo foi a passa-la ao papel.

Ildegarda entregou uma generosa gratificação ao senhor Tiburcio, acompanhando a dos mais vivos agradecimentos. Depois de o vêr retirar muito reconhecido e satisfeito, tratou dos cães e, montando a cavallo, dirigiu se á casa da Villa.

E ao agradavel som do tropear do seu cavallo, pensava na cantiga:

E' feliz quem não tem nada  
Porque ninguem lhe quer mal.  
Se o amam é por si proprio,  
E não pelo cabedal.

Ai! ter fortuna não presta  
A quem tiver coração,  
Pois nos affectos que o cercam.  
Presente a vil ambição.

— Não é tanto assim, mas... é quasi, commentava Ildegarda.

E pensava com desgosto no Paulo, com quem brincara em criança e quasi considerava irmão.

*Do Diario de Manuel*

Levantei-me hoje triste. Para que fallei eu? Como ousarei tornar a apparecer em frente de Ildegarda? Receber-me-ha ella ou não me ligará importancia, tractando me como um inconsciente?

Não poder eu rehver as palavras ditas, palavras que decerto a feriram! No panno, qualquer ferro quente desfaz as rugas; mas as pregas que o soffrimento faz na alma são indestructiveis, e as rugas que a offensa motiva tambem se não desfazem mais.

Vou vê-la? Não vou?

E n'esta constante hesitação passei o dia todo sem me dirigir ás *Frondes*. Anoteceu. E o meu desejo tornou-se mais forte, mais violento, impossivel de vencer. Resolvi subir á arvore d'onde mais d'uma vez contemplara a mulher querida, e voltar, depois de a ter visto. Com grande espanto meu a casa parecia dormir. Nem uma luz... nada.

Um negro pressentimento me affligiu :

— Está na Villa.

E um ciume horrivel obrigou me a permanecer alli, apesar da chuva e do frio.

Finalmente ressoaram ao longe as patas d'um cavallo e dentro em pouco o Raio parou em frente da cancella da porta.

Aproximei me.

— Recolhe tão tarde! De onde vem?

— Da Villa Fui lá jantar.

— Ah!

— Mas que está a fazer aqui com uma noite d'estas?

— Vinha espreita-la. Não tinha tenção de entrar. Mas .. como vi tudo apagado. .

— Que loucura! entre e aqueça-se com uma chavena de café.

— E' tarde. Não quero incommoda-l'a.

— Não me incomoda. Eu vou fazê lo para mim. Já vê. . .

— N'esse caso, acceito.

Depois de recolher o Raio e de o tractar carinhosamente offerecendo lhe ração dobrada, Ildegarda, seguida por mim, dirigiu-se á casa de jantar. A' noite, aquelle aposento era pavoroso. Não comprehendo como esta rapariga não tem um grande horror a estar só n'este casarão. Aquelles guerreiros antigos pareciam querer sahir das telas, e eu, a quem a apparição da livraria abalára

fortemente o systema nervoso, senti-me mal alli.

— Não podíamos tomar o café n'outra parte?

— Porquê?

— E' tão fria esta sala... tão feia!

— Então, para calor não ha como a cozinha. Ajude a trazer as cousas que é melhor.

Peguei nas chavenas e nos pratos e seguiu Ildegarda, contente por me vêr tractado do mesmo modo que sempre.

Onde está o Turco, perguntei :

— Partiu hontem uma perna. Está muito mal ainda, mas creio que poderá curar-se.

— E como foi?

— Não sei bem. A noite estava escura... Foi uma desagradabilissima aventura, sobretudo pelo grande soffrimento que lhe causou o transporte até aqui.

— Não comprehendo mesmo com o conseguí trazer-lo.

— Que tal está o lume? Agora já não ha frio, heim?

— Agora está-se aqui admiravelmente.

— Mas que dirá a sua familia não o vendo em casa a esta hora?

— Eu não me importo com o que elles podem pensar, desde que muito judiciosamente V Ex.<sup>a</sup> me observou que o mundo falla sempre, tenha ou não tenha razão.

— Pois sim, mas é bom não ir longe demais . . .

— Por V. Ex.<sup>a</sup>?

— Oh! Por mim não. Sou independente. Não tenho que dar contas, nem as dou, senão á minha consciencia .

— Pois por mim não me importo .

— Então vamos ao café.

— Pareceu-me ouvir passos na quinta, observei eu a Ildegarda.

— Deve ser imaginação, respondeu a medica tornando-se subitamente séria e attenta.

— Não é . . . escute! . . . volvi eu.

N'este instante a Celta arremetteu para a porta.

Ouviu-se fóra o ruido de uma lucha travada entre a cadella e alguem. Ildegarda desappareceu e, um instante depois, ressoou um tiro seguido d'um gemido suffocado. Eu hesitava em seguir a medica, na escuridão, para o interior da casa ou de me precipitar sem armas ao encontro do desconhecido.

Esta duvida durou segundos.

Ildegarda reapareceu, com um revolver na mão e uma lanterna. Apontou-me para uma manta que estava sobre um escabello, e disse-me :

— Traga isso, senhor Sousa ha-de nos ser precisa

Sabimos para a quinta. A poucos passos

da porta, um homem jazia de braços no chão. Junto d'elle. a Celta impedia-o de se erguer, sem comtudo o molestar.

Ildegarda dirigiu-lhe a palavra com voz serena :

— Entregue as pistolas, Paulo. Eu podia tê-lo morto. Bem sabe que tenho a pontaria certa. Mas não quiz. Desejêi apeans impedi-lo de se retirar para que me dê a explicação do seu estranho procedimento.

Vendo que o ferido nada respondia e lhe estendia as pistolas em silencio, a medica pediu-me :

— Senhor Sousa, faça me o favôr de vêr se meu primo não traz mais armas consigo.

Revistei-o com cuidado e, vendo que não, affirmei-o.

— N'esse caso ajude-me a transporta-l'o n'esta manta.

— Que queres fazer de mim? perguntou elle, não sem inquietação.

— Nada mau: tractar te do mal que te fiz. Eu sabia que fôste tu que me saltaste hontem ao caminho junto do bosque e sabia que tinhas tomado o comboio na estação visinha. O que não calculava é que voltarias para traz na ideia de rematar a bella obra que emprehendêste. Mas, continuou ella emquanto geitosamente m'o ajudava a deitar n'uma

cama, não te accusei á policia: marquei te, para te conhecer, e tenho a tua photographia com a cara ligada Vê-la-has Ter-me hia sido facillimo livrar-me de ti; mas pelo respeito que tenho pela tua infeliz mãe, preferi deixar-te á solta, julgando, — vejo que mal, — que te arrependerias do teu procedimento.

E, emquanto dizia, rasgava-lhe a bota, e preparava-se para lhe tractar o pé.

Depois sahiu do quarto fazendo-me signal de permanecer alli, e voltou trazendo todos os preparativos para lhe fazer o curativo. Quando terminou, o ferido pediu :

— Manda-me para casa.

— A esta hora? Iria alarmar toda a familia. Comtudo, se o desejas. . .

— Muito A permanencia aqui é-me insupportavel.

— Pois bem. Vou levar te. Mas primeiro quero que saibas a lei em que deves viver. Este senhor é testemunha de quanto aqui se passou, e o caseiro dos Lagares é do resto. No dia em que me aconteça a mais pequena cousa, tem elles ou as suas mulheres, se elles faltarem, ordem de te denunciar á policia, entregando-lhes uma narrativa, escripta pela minha mão, da maneira porque os factos se deram Acompanha la hei do teu retrato que foi tirado na estação, e da minha chibata ensanguentada. Não me faças

desherdar teus irmãos que não têm culpa de que sejas assim.

— Perdoas-me? perguntou elle, n'uma voz secca e rude em que se não trahia o menor sentimento.

— Não tenho que te perdoar, Paulo Assustaste-me o cavallo; rasguei-te a cara Partiste me a perna ao Turco; escangalhei-te um pé. Estamos quites.

— Podias ter-me morto... atiraste da janella... eu não te via... tiveste todo o tempo de me alvejar com cuidado.

— Tive, mas tu não mataste o Turco. Não quiz fazer-te mais do que lhe fizeste a elle. Acredita, porém, que, se o tivesses morto não estarias vivo. Para mim a regra é «olho por olho e dente por dente».

Depois, foi buscar a photographia e mostrou-lh'a.

Paulo estava attonito. E, depois da a contemplar longamente, murmurou:

— E's generosa Apesar de tudo, poupaste-me...

— Pôupei os meus parentes que não tinham culpa de contar um degenerado na familia. Mas como has de ir? Olha que vaes ter muitas dôres. Era preferivel pedir a tua mãe que viesse fazer-te companhia e ires quando a mudança te não fôsse tão dolorosa.

— E dizer tudo a minha mãe? perguntou elle inquieto.

— Pelo contrario, não lhe dizer nada. E' naturalissimo que, sendo medica, te tivesse soccorrido e transportado para aqui, se te tivesses envolvido em desordem nos arredores do solar. . .

— Mas causei-te muito incommodo. . .

— Menos do que aquelle que querias causar-me, mandando-me para a outra vida.

— Matar-te! Eu?! Não era essa a minha intenção.

— Então?

— Tens me tractado sempre com desdem: o teu proprio testamento foi uma prova d'isso, excluindo-me. Eu estimava te, desejava fazer de ti minha mulher. Sabia que não condescenderias, e resolvi tomar-te pela violencia, convencido de que, com o teu character sério, não deixarias de consentir que eu reparasse a falta commettida.

— Estimo que assim seja. Prefiro vêr-te raciocinar como um asno a que tenhas a estofa d'um assassino.

Accendeu-lhe uma lamparina no quarto e aconselhou :

— Vê se dormes. Logo que sejam horas de não assustar tua mãe, irei busca-la. Bôa noite.

Sem dizer palavra, seguiu Ildegarda á

cozinha e sentei-me com ella no esconso junto do lume.

Ouvi então dos seus labios a historia exacta dos acontecimentos da vespera e, tomando café, discutimos os inconvenientes de hospedar Paulo nas Frondes.

Eu insistia para que elle fôsse removido para os Arcos. Udegarda não se convenceu, protestando :

— Eu não sou tão rude que seja insensível ás dôres do meu semelhante. E elle teria dôres atrozes, se o transportassem agora para os Arcos, embora fôsse de maca. O caminho é horrivel e o mais pequeno solavanco provocar-lhe-ia dôres.

— Mas acho muito arriscado para V. Ex.<sup>a</sup> a permanencia de semelhante criatura aqui.

Ella olhou-me com ar de desafio e disse-me, não sem leve ironia na voz :

— Como viu, eu bastei perfeitamente para me defender.

— Supponha por momentos que elle, em vez de vir só, se fazia acompanhar por dois ou tres homens...

— O caso seria mais sêrio, mas talvez não fôsse desesperado.

— Bem Eu devia retirar-me, mas não me atrevo a deixa-la só aqui.

— Porquê? Elle, ainda que o tente, não pode erguer se. A vontade não pode ser supe-

rior a certas e determinadas dôres. Está seguro no leito como se estivesse pregado a prego. Pode ir socegado.

E, pegando no candieiro, acompanhou-me á porta.

Passou-me uma perturbação pela vista, o sangue afflui-me ao cerebro e ia, n'um movimento impulsivo, estender os braços para cingir ao coração a doce figura da mulher amada, que caminhava serenamente diante de mim illuminando-me o caminho, mas a lembrança da apparição da livraria susteve-me o gesto.

Curvei-me respeitosaente diante d'ella e levei aos labios a sua mão que ella me não deu nem retirou.

A noite estava horrivel, mas eu, entrando em casa, não pude recolher-me á cama. Passei a noite no escriptorio e, mal rompeu o dia, parti para a Villa, procurei Silvestre e pu-lo ao facto de tudo, dizendo-lhe a minha inquietação por saber Ildegarda ali só.

Elle prometteu fingir que nada sabia e regressar n'essa tarde ás Frondes, mas, longe de se mostrar inquieto e afflicto, fallava-me de Paulo como se elle fôsse uma perdiz, regosijando-se por elle ter sido ferido e rindo a perder com a resposta que Ildegarda lhe dera quando elle lhe pediu perdão.

No meu intimo, apezar da adoração que

eu tenho por Ildegarda, aquella resposta feriu-me. Pareceu-me brutal para ser proferida por uns labios de mulher.

Silvestre ria a perder, e carregando o cachimbo, dizia cheio de satisfação:

— E' exactamente o meu cadete quando tinha aquella idade! Com que então já teve occasião de atirar aos tigres reaes e não errou a pontaria? Muito folgo! deu-me com essa noticia um grande prazer. Que, aqui para nós, ajuntava elle n'um tom semi-confidencial, eu tinha a certeza de que ella não perderia o sangue frio, quando tivesse de atirar á féra humana. Emfim, estou tão satisfeito, que vou rezar um terço em acção de graças d'ella lhe ter partido um pé.

Não pude deixar de rir d'este estranho dito e declarei-lhe que, já que alli estava, desejava conhecer D. Bruno d'Almeida.

Silvestre guiou-me a um pequeno quarto onde o primo de Ildegarda estava escrevendo. Ao chegar á porta, o velho soldado exclamou, n'uma voz forte que trahia o mais vivo orgulho:

— Meu tenente, dá licença que lhe apresente o portador d'uma bôa nova?

D. Bruno d'Almeida veio risonhamente ao meu encontro repetindo:

— D'uma bôa nova?

— E' verdade, meu tenente, a minha

ama entrou em fogo pela primeira vez e bateu o inimigo. E' ou não é uma Pereira de Vousella a valer?

E concluindo:

— Quem me trouxe a bôa nova foi aqui o senhor Manuel de Sousa, administrador das senhoras Paivas.

O tenente estendeu-me amavelmente a mão e convidou-me a almoçar. Eu não o desejava.

A vista d'este homem, que eu sentia superior em tudo, fazia-me mal; mas tanto instaram que forçoso me foi ceder.

Contei então, por desejo de Silvestre, todo o caso de Paulo e Ildegarda e pude observar, com muito despeito, que elle se interessava infinitamente na narração do caso, dizendo com sentida convicção:

— E' uma mulher rara, uma criatura unica! Tem razão de ter vaidade no seu actual capitão, meu caro 41. Nós tambem deviamos retirar amanhã. E, como tudo correu bem, eu parto hoje comsigo, e entrego o commando ao sargento até amanhã, dando-lhe ordem de se me irem reunir ás *Frondes*

— Ora isso é que é proceder com acerto.

Eu não me achava com animo de applaudir. Quanto mais contemplava D. Bruno, mais me convencia de que elle era o typo que devia agradar a Ildegarda, apesar de

ella me affirmar que não gostava de homens loiros. Qual dos primos lhe poderia ser mais prejudicial, Bruno ou Paulo? Então a propria consciencia, n'um assomo de irreprimivel franqueza asseverou :

Nem um nem outro és tu!

E, curvando a cabeça a esta justa accusação, despedi me com o pretexto de affazeres impreteriveis e retomei o caminho das Mouras profundamente irritado commigo por não ter sabido guardar os meus receios e ter feito com que Bruno voltasse ás Frondes um dia mais cedo do que tencionava.

## VI

Ficando só, Ildegarda subiu ao seu quarto e, fechando a porta sobre si, sentou-se junto da secretaria, apoiou n'ella os cotovellos e mergulhou o rosto nas mãos.

De quando em quando chegava-lhe aos ouvidos um gemido vindo do andar inferior.

O Turco, deitado agora n'um colchão junto da janella, rosnava surdamente ouvindo-o.

Ildegarda permanecia immovel. Dir-se-ia que dormia.

Mas não. O pensamento, mais veloz do que todas as velocidades conhecidas, mais livre de que todas as liberdades convencionaes. analysava a sua vida, até então completamente livre do homem e notava como de repente se via entre duas criaturas que a queriam e que nenhuma d'ellas lhe inspirava amôr. O ex-seminarista, de quem era admiradora e amiga sincera, e seu primo Paulo que ella desprezava, considerando-o

um homem, honra que não fazia a Manuel de Sousa. Em Bruno não pensava. Era uma ave de arribação que muito naturalmente não tornaria a vêr. Mas os outros dois preocupavam n'a um pouco. Gostaria de conservar a amizade e companhia de Manuel sem ter de lhe aturar a paixão. Desejaria que Paulo se affastasse porque receiava, apesar das prevenções que lhe fizera, que o seu indomito e vingativo character não desistisse de tirar desforra.

— E se eu partisse? pensou ella de repente. Se conservasse a amizade de Manuel pelo correio e me livrasse pela distancia da perseguição de Paulo, que, se chega aos ouvidos de Silvestre, pode ter serios resultados?

Um gemido mais forte irritou o Turco. Ildegarda prestou-lhe attenção: seguiram-se outros não menos dolorosos

A medica ergueu-se, examinou o revolver, mettu-o no cinto e, depois de leve hesitação, desceu ao quarto do ferido.

Paulo delirava. Tomando-lhe o pulso, Ildegarda verificou que o accessc era violento. Os cabellos cahiam-lhe desordenadamente sobre a fronte, empastados pelo suor.

Ildegarda, compadecida, limpou-lhe a testa e, arranjando-lhe a roupa, sentou-se-lhe á cabeceira.

Elle fallava. Contava a sua paixão por ella, o desdem que sempre Ildegarda lhe mostrára, e jurava vencê-la fôsse por que modo fôsse.

Depois queria erguer-se. Luctava bracejando contra inimigos invisiveis e recahia sobre as almofadas, gemendo, amarrado ao leito pela dôr.

Ildegarda, apesar de ser moralmente forte, estremecia ouvindo lhe as vehementes ameaças.

Fitando-lhe o olhar desvairado, parecia-lhe que elle ia erguer-se e pagar se de quanto soffria, como nas suas energicas phrases annunciava. Quando rompeu o dia, adormeceu.

Então Ildegarda, vencida tambem pelo cansaço, cerrou involuntariamente as palpebras e adormeceu tambem.

Entrava o sol pelo quarto dentro, e, sem ter attenção com a pobre rapariga que levára a noite de vela, bateu lhe fortemente nas palpebras obrigando a a despertar.

Ella ergueu-se esfregou os olhos e exclamou espreguiçando se :

— Tão tarde !

Depois olhou. Paulo. Dormia ainda. Ildegarda cerrou-lhe as janellas. Sahiu do quarto pé ante pé, entrou no seu quarto, escreveu um bilhete, fechou-o n'um sobrescripto e, cha-

mando a Celta, prendeu-lhe a carta na coleira.

Depois levou-a ao caminho e apontou-lhe com o dedo a casa dos Arcos, que se avistava ao longe perdida na bruma da serra. A cadella partiu correndo, e a medica, entrando em casa, tomou o seu banho, almoçou e entregou-se aos arranjos da casa.

Eram perto das tres horas, quando uma carruagem antiga veio parar em frente da porta principal das Frondes.

Ildegarda desceu apressada a receber a visitante, que era uma senhora de sessenta annos de idade, acompanhada por uma criada, ainda nova, mas de grave aspecto.

—Que é isto, Ildegarda? Que quer dizer o teu bilhete?

—Como V. Ex.<sup>cia</sup> calcula, eu não a incommodaria, se não me visse na absoluta necessidade de o fazer.

—Mas de que se trata? de quê?

—O primo Paulo teve uma questão sem importancia com os rapazes...

—Morreu? exclamou a afflicta mãe no auge da angustia.

—Não, minha senhora: torceu apenas um pé e ficou com o rosto levemente contuso.

—Isso já elle tinha hontem.

—Foi naturalmente em resultado da mesma zanga. Fui chamada a prestar-lhe soccor-

ros medicos, mas como o ser transportado para os Arcos lhe causaria muita dôr inutil. entendi trazê-lo para aqui e pedir a V. Ex.<sup>cia</sup> a fineza de se hospedar em minha casa o tempo necessario ao restabelecimento de seu filho.

— Mas vamos incomodar-te immenso, menina. Tu nunca nos dêste o prazer da tua visita senão de longe em longe. . . Não sei se é abusar. . .

— De modo algum, minha tia: a sua presença dá-me até muito gosto. Ir pouco aos Arcos não revela antipathia da minha parte.

— Então?

— Questão de habito. Não encarreirei para lá. E' possivel que agora, depois de travar mais intimo conhecimento com V. Ex.<sup>cia</sup>, faça mais o caminho dos Arcos de que os meus câes. Não quer subir a vêr o primo Paulo?

— Pois sim, menina, pois sim. Mas primeiro preciso ir á capella dar graças á Virgem de não ser cousa de maior, e depois ao meu quarto compôr o cabello e tirar o chapéu. Bem vêes, como já não estou inquieta, gosto de proceder com methodo... é mais commodo.

Ildegarda escondia a custo o espanto.

Acompanhou a tia á capella, onde ella gastou quasi meia hora em orações, e depois

ao quarto que lhe estava destinado, onde a demora não foi menor. Cinco quartos de hora depois de estar nas Frondes, é que a sr.<sup>a</sup> D. Dulce entrou no quarto de seu filho com a pompa e lentidão d'um actor.

Ildegarda, nervosa e indignada, pensava:

— Quando isto é com o filho predilecto, que será com os outros? Que espantallo!

Paulo, que estava desperto, reconheceu immediatamente a mãe, e agradeceu a Ildegarda ter-lh'a mandado chamar.

Esta retirou-se, deixando os sós

Estava uma tarde amena.

O sol doirava as folhas amarellecidas das arvores, e o azul, varrido de nuvens, alentava o olhar.

A chuva torrencial da vespera limpou os caminhos, e o sol, formoso e ardente, secou-os a ponto de não haver lama. Ildegarda sentou-se no parapeito da ponte de madeira, vendo correr as aguas do rio, engrossado pelas chuvas. Era a primeira vez que, sem ser por vontade propria, se via obrigada a permanecer n'um sitio tendo desejo de estar n'outro. E achava profundamente desagradavel vêr-se alli presa em vez de aproveitar aquelle dia creador dando um bello passeio.

— Que faço eu aqui? dizia ella comsigo. Elle não precisa de nada. Ella? . . . Pois

eu hei de aturar a velha todos os dias? Se o Silvestre viesse. . .

Olhando ao longe, viu Manuel de Souza que se dirigia para ella. Sobresaltou-se alegremente. Ao menos era uma pessoa com quem fallar.

E correu lhe ao encontro festivamente.

— Então? perguntou-lhe elle: como passou a noite o seu parente?

— Mal, coitado! tanto que nem me cheguei a deitar. Teve delirio toda a noite.

— Vê? Se eu tivesse ficado, tinha-lhe poupado o incommodo de perder a noite.

— Incommodo nenhum. O que o é, é ter de hospedar uma velha rabujenta e estar aqui de guita ao pé, sem me poder mexer. Quando o senhor Souza chegou, estava eu pensando no modo decente de me evadir por umas horas. Agora ja achei.

— Como?

— Vou-lhe dizer que me veio chamar para ir vêr uma das senhoras Paivas que está indisposta e, como ellas não se gostam nem se visitam, a ideia é soberba. Espere ahi.

E, deixando Manuel de Souza attonito, desapareceu correndo pela porta da horta.

Um quarto de hora depois, voltou e dirigindo se ao seu vizinho como ella lhe chamava, disse-lhe com risonha ironia.

—Vamos lá vêr a doente. Para alguma cousa serve ser medica.

—Mas, disse lhe Manuel, deixa essa gente que afinal lhe é como estranha, assim, só, dentro da sua casa?

Ella encolheu os hombros com philosophia e respondeu:

—Então que tem? Não me roubam decerto nada; mas, se roubarem, a elles é que fica mal. Eu, mais tarde ou mais cedo, tenho de me separar de tudo isto... Não o hei de levar para a cova. Olhe, hoje não trocava o passeio por todas as riquezas da terra. Está um sol que deslumbra.

—Onde vamos? perguntou Manuel de Souza docilmente.

—Aos Moinhos!... gozar aquella magnifica vista.

E foram. Como Manuel de Souza tem razão para descrever melhor o passeio, pelo estado especial da sua alma, cedo-lhe a elle a palavra.

## VII

### *Do Diario de Manuel*

Que tarde! Ha de lembrar-me toda a vida.

Umas arvores despidas de folhas, desoladas como a minha alma, outras com ellas amarellecidas prestes a desprenderem-se como illusões desfeitas! Um cheiro a terra humida que embalsamava o ar, e um ceu limpo onde o sol esplendia, derramando sobre a terra jorros de luz e calor!

Seguimos os dois atravez dos estreitos carreiros que nos levavam aos Moinhos, parando a cada passo para colher uma herva ou admirar um trecho da paizagem. Ildegarda estava radiante como o dia, segundo a sua propria expressão. Parecia esquecer, como sempre, os meus sentimentos a seu respeito e tratava-me com amizade. Eu procurava enganar-me. Chegamos a um monte coroado de pinheiros mansos, na fralda do qual rumorejavam as aguas do rio que passava nas Frondes. Muitas pinhas juncavam o chão.

—Vamos aos pinhões!

E, feita farta colheita, sentamo-nos nas fragas e, armados de pedras, abrimos as pinhas e comemos as saborosas sementes. Tudo era pretexto de riso e de alegria Sabendo que, no seu tempo de Coimbra, Ildegarda fizera versos, pedi lhe que improvisasse uma quadra que eu guardasse como lembrança do nosso passeio

Recusou-se. Eu insisti. Então, recolhendo-se um instante, pediu me uma fôlha da carteira e escreveu:

As aguas do rio fogem  
E vão perder-se no mar:  
As fôlhas, que cahem, morrem  
Cedendo ás novas logar:

Mas é feliz recordar  
Um momento bem passado.  
Fica em nossa alma immortal  
Eternamente gravado.

Estendeu me a folha em silencio. Guardei-a cuidadosamente na carteira e estendi-lhe a mão para a ajudar a erguer. O pé resvalou-lhe na terra humida. Cingi-a nos braços para não cahir e, por um movimento inconsciente que não sei explicar, os meus labios iam a aflorar lhe os cabellos, quando

senti o meu braço seguro por uma mão fria e forte que me volveu á razão.

Olhei. Não vi ninguem, mas sobre o rio baixava, lentamente, no ar, a figura do velho das Frondes.

Ildegarda olhava-o como eu e uma lagrima, desprendendo se-lhe dos olhos, foi cahir no abysmo.

Tentei desculpar-me

—E' inutil Fallemos de outra coisa.

—Mas eu queria dizer-lhe. . .

Não me diga nada. Entre nós ergue-se aquella sua adorada e paternal sombra. Alem d'isso eu não o amo. Você não é, em cousa alguma, o meu ideal Já vê que toda a discussão em tal assumpto é verdadeiramente inutil.

—Repelle-me? Vaed'aqui em diante recusar receber me?

—Nada d'isso. Ficarei comsigo na mesma situação em que estava. Bem vê, estou tão bem guardada que nada posso receiar.

—Permitte que lhe offereça o meu braço para descer?

—Prefiro a sua bengala, se não lhe faz falta.

Descemos em silencio o monte.

Quando chegámos á bifurcação das estradas, Ildegarda olhou-me attentamente e, notando a minha expressão abatida, disse-me :

—Estou fatigada... Aceito o seu braço, se ainda está disposto a offerecer-m'o.

—Com mil vontades.

—Basta uma, tornou ella sorrindo.

Tinhamos dado meia duzia de passos quando avistamos ao longe Silvestre e Bruno

—Olhe quem alli vem, disse lhe eu, não sem contrariedade.

Ella fitou-me friamente e responde:

—Eu não me importo com Bruno. Pode estar tranquillo. Não creia no que lhe disse ha pouco.

—Ama-me. perguntei eu anciosamente.

Em voz quasi indistintamente, Ildegarda respondeu:

—Ainda não, mas receio vir a ama-lo.

E tomando-me o braço, continuou.

—E' preciso que Silvestre nada suspeite. Mata-lo-ia sem escrupulos e morreria de desgosto. Pobre velho!...

Tinhamos chegado á distancia de se ouvirem as vozes.

Ildegarda, n'um tom de jubilo, que me soou falso, perguntou:

—Então já de volta?

—E' verdade, minha velhinha, é verdade.

Fiz-lhe falta?

—Nenhuma, a não ser pela boa companhia, meu amigo.

E, deixando-me o braço, Ildegarda adiantou-se para o velho e beijou-o na testa dizendo:

— Já tinha saudades.

Enternecido, Silvestre limpou uma lagrima

Bruno curvou-se a beijar a mão de sua prima com gentil cortezia e encaminhamos todos para casa. Chegando allí, despedi-me, com grande pezar meu, mas Ildegarda, depois de leve hesitação, perguntou:

— Não nos dá o prazer de jantar comnosco, senhor Sousa?

E' impossivel, minha senhora. E' sabba-do e tenho de ir satisfazer a fêria aos trabalhadores.

— N'esse caso não insisto.

Trocamos varias phrases de despedida e forçoso me foi retirar para não comprometer a mulher amada. Claro que, se n'um dia de fêria eu faltasse nas *Mouras*, seria um grave escandalo que não passaria sem acerbos comentarios. Era necessario evita-los custasse o que custasse. Recolhi pois a casa, com a consciencia inquieta e tanta tristeza na alma quanta alegria sentira ao iniciar com Ildegarda o formoso passeio. Que tarde! Ha de lembra-me toda a minha vida.

## VIII

Ha extraordinaria animação na casa de jantar das Frondes.

Na cabeceira da grande mesa senta-se D. Dulce, dando a direita a D. Bruno, e a esquerda ao seu capellão que todos os dias, com o pretexto de se informar do ferido, vinha jantar ás Frondes. Ildegarda dava a direita ao padre. Silvestre e a criada da senhora dos Arcos serviam á mesa. Bruno d'Almeida contava com brilho e animação a campanha do Cuamato a que assistira. Todos o escutavam religiosamente, mas Ildegarda tinha no olhar o fogo do enthusiasmo. Oh, a guerra! a guerra! Para que nasceu ella mulher? para que lhe negava a Providencia a gloria de brandir uma espada, o prazer de ordenar uma carga de cavalleria? D. Bruno sentia que era ella alli, á excepção de Silvestre, quem melhor o comprehendia. Fallava pois para ella, E D.

Dulce, grande senhora nas vaidades, mas mulher vulgarissima em tudo mais, fingindo escutar, pensava :

— Não gosto d'este parente. Ildegarda teem-n'ò em grande aprêço. . . Estou vendo que é este boneco de alcova que me trans-torna o plano.

Depois fitava Ildegarda e continuava dis-correndo.

E' feia. Não sympathiso nada com ella. Mas é a mulher que convem ao meu Pau-lo. . . a que elle deseja. . . E' necessario captivá-la.

E, engatilhando o seu mais amavel sorriso, perguntava-lhe :

— Tens desgosto de não poder ser mili-tar, não é verdade, Ildegarda ?

Silvestre, com a liberdade costumada, in-trometteu a sua opinião.

— Militar é ella como poucos. Não é pre-ciso envergar uma farda para o saber ser. Se o meu tenente lhe der uma voz de comman-do, ella sabe-lhe obedecer. Não que o seu 41 não a criou para senhoreca

Todos riram e D. Dulce, que a familia-ridade de Silvestre encommodava altamente, tentou sorrir

— E' verdade, affirmou Ildegarda rindo, se eu assentasse praça, decerto era logo pas-sada a prompto. Tive um excellente instructor.

Contente com o elogio, Silvestre substituiu os pratos com ar risonho.

D. Dulce aproveitou o pausa que a interrupção do velho fizera na conversa para perguntar:

—O' menina, quando te parece que o meu Paulo possa erguer-se?

—Não surgindo alguma complicação, é provavel que dentro de quinze dias o possamos transportar para os Arcos sem incommodo de maior.

—E andar?

—Isso, não posso bem dizer-lhe, mas dentro d'um mes anda com certeza.

—Sem manquejar?

—Tambem por ora lh'o não posso garantir, mas é de crêr que fique sem defeito.

A medica não tinha a esperança do que affirmava, mas entendia do seu dever conserva-l'a nos outros emquanto não era absolutamente necessario desilludi l'os.

Silvestre entrou trazendo o café. E a criada veio dizer que o senhor Paulo pedia para sua prima lá ir.

Ildegarda ergueu-se e sahiu D. Dulce aproveitou a ausencia da sobrinha para fazer insinuações a Bruno ácerca do futuro d'ella e do filho.

Este perturbou-se ligeiramente ouvindo-as, mas, por um instincto da verdade, na-

tural em quasi todos os seres superiores, pressentiu que não era exacto o que lhe diziam.

Quando o jantar terminou, D. Bruno recolheu aos seus aposentos seguido de Silvestre.

Este sentou-se aos pés do leito do tenente, que elle idialisara para marido da sua ama e começou fallando ácerca das campanhas da liberdade.

D. Bruno mal o ouvia e por fim perguntou-lhe abruptamente :

— Meu bom 41. que diz tua ama ácerca da familia a querer casar com o primo Paulo?

— Bem se importa ella com o que elles querem! Aquillo é de tal raça meu tenente, que não foi capaz de me dizer uma unica palavra do que aqui se passou. Se o administrador das Paivas o não conta, nunca eu o saberia.

— E' uma mulher muito sympathica, Silvestre. Era assim que eu desejava a minha companheira.

— E porque motivo o não ha de ella sêr? Olhe que mulher para militar não a encontra melhor em parte alguma.

D. Bruno sorriu, respondendo :

— Tambem creio. Mas ella é que talvez não pense assim. Segundo me disse não tenciona casar se

—Todas dizem o mesmo enquanto o coração não falla.

—Pois sim, mas eu vou-me embora...

—E quem o impede de vir cá passar uma temporada e fazer com ella melhor conhecimento? Olhe, meu tenente, cá para o 41 não havia maior satisfação. Vêr a minha ama casar com um paisano era o maior desgosto que eu podia ter: vê-la ficar solteira, o maior cuidado. Agora, se ella casasse com o meu tenente, igual pelo nome e pelo sangue, militar como o pae, o avô, eu e ella... era uma alegria tão doida que me parece irrealisavel.

D. Bruno ouvia-o e reflectia. Depois voltou:

—Mas tu bem vês, meu amigo, que eu não posso vir por ahi acima sem que ella me convide.

—Isso mesmo, sem tenção alguma, não deixa ella de o fazer. Tem a mesma alma rasgada do avô. Olhe que o meu general, não era muito sociavel: ás vezes contrariava se immenso, quando tinha hospedes; mas ninguem o havia de dizer. Recebia-os tão bem, mettia-os tanto no coração, que todos julgariam um prazer o que era para elle um verdadeiro sacrificio.

—Emfim... veremos. O que tem de ser tem muita força.

—Se tem! Lembra-me esse dito, meu tenente, uma scena que se deu ha uns bons trinta annos com meu amo, que Deus haja. Estavamos então na India. E elle — que Deus lhe falle n'alma, — foi sempre dado a aventuras galantes, namorou-se d'uma linda ruiva, que todos os dias o esperava na janella acompanhada por duas primas quando, elle se dirigia a casa do governador. Todos olhavam e lhe sorriam. Intrigado, perguntei lhe um dia :

«—Qual d'ellas é, meu capitão?

«—A ruiva.

«Um dia mandou-me levar-lhe uma carta, mas quem a recebeu e lhe respondeu foi a trigueira. Quando meu amo conheceu o erro, foi n'uma noite em que ella lhe marcou a primeira entrevista. Era linda tambem a rapariga. Elle não desfez o equivoco. E, quando mais tarde ella o seguiu a Portugal, e a ruiva ficava na India, sem suspeitar que fôra ella quem meu amo mais amara, o avô da min'ha menina, então ainda muito novo e gentil, suspirava acenando com o lenço á ruiva e murmurando por entre dentes: «o que tem de ser tem muita força...»

Emquanto Silvestre entretinha D. Bruno com historias do passado, D. Dulce e a criada faziam as suas rezas na capella.

Ildegarda, sentada á cabeceira de Paulo,

lia-lhe um romance de Pinheiro Chagas no louvavel intento de o distrahir dos seus males.

Deram dez horas. Ildegarda fechou o livro e aconselhou o repouso.

D. Dulce entrou para render a sobrinha junto do doente, e Ildegarda subiu á livraria.

Estava alli havia momentos, quando um papel, entrando pela janella, lhe veio cahir aos pés

Ildegarda baixou-se, abriu e leu.

*Ildegarda:*

«Não me tenho atrevido a ir vê-la, mas o meu coração soffre e a minha alma vôa para ás Frondes a todo o instante.

Não terá n'um movimento de piedade uma palavra de alento para me dar?»

*Manuel.*

Ildegarda, depois de ler, meditou longamente, pegou n'uma folha de papel, e escreveu: «Não tenho».

E, chegando á janella, deitou-a fóra. Pareceu-lhe ouvir o ruido d'um phosphoro e logo atraz o d'um soluço abafado. A sua alma, que era bôa, commoveu-se. Deu um passo para a janella na intenção de cha-

mar. Mas, reconsiderando, deixou-se cahir n'uma cadeira e, escondendo o rosto nas mãos, desatou a chorar.

Então, junto d'ella, formou-se rapidamente uma pequena nuvem da qual surgiu o vulto alquebrado d'um venerando ancião. Pôz-lhe paternalmente a mão sobre os cabellos e murmurou :

—Chora. As lagrimas são o grande lenitivo dos que soffrem.

E pelas faces do velho ellas corriam tambem. Depois pegou-lhe brandamente pela mão, levou-a para o seu quartô, impellindo-a a ajoelhar no lindo genuflexorio de charão e prata ante um Christo de marfim, e em seguida desapareceu.

Ha na oração um grande balsamo, uma infinita doçura para os felizes que a descrença não desilludiu. Ildegarda, apezar de medica, pertencia a esse numero. Rezou aquella oração de S. Bernardo á Virgem, oração que tanta alma afflicta tem confortado, e ergueu-se cheia de força moral. Disse não sei quem, ou li eu não sei onde, que o amor entra geralmente no coração da mulher pela porta da compaixão.

Afigura-se me isto um disparate. Que elle entre pela da contradicção, isso acredito e. . . quasi me atrevo a affirmar.

Ildegarda não sympathisou com Manuel;

mas, desde que o obstaculo surgiu n'essa sombra que se tornava realidade á vista conservando-se impalpavel, o sentimento gerou-se e tentou nascer.

Mas ella, que por cousa alguma, quere-ria desagradar ao seu espirito protector. luctava para se vencer. E quanto mais luctava, mais terreno perdia e mais se avolumava a seus olhos o nada de que fizera cavalheiro.

Confortada pela prece, voltou a sentar-se na livraria. O braço direito pesava-lhe e a mão sentia-se fortemente atrahida para a caneta. Pegou-lhe. Um grande calafrio lhe percorreu a espinha e o braço, e os dedos, impellidos por força estranha, traçaram algumas palavras no papel.

Os olhos de Ildegarda liam-n'as ávidamente, emquanto constantes calafrios lhe percorriam a espinha dorsal.

«Casa com Bruno: darás alegria a todos os teus e muito especialmente a teu avô e a Anna d'Almeida, mãe d'elle »

Ildegarda esperou ainda. Como o espirito não tivesse mais a communicar-lhe, encomendou-o a Deus e ficou meditando.

A cabeça pesava-lhe, sentia-se mal: tentou erguer-se, mas as pernas vacillaram-lhe e um suor frio lhe humedeceu as temporas. Uma sensação de pavor fez-lhe sentir a

aproximação de sêres que habitam n'uma esphera superior á nossa.

Passou a mão pela testa e tentou gritar; mas em frente d'ella surgiu o rosto sorridente de seu avô, que tomou vulto, aproximou-se, e veio collocar-se-lhe em frente. Uma jovem mulher, de singular belleza, mas velada por um diaphano tecido branco, sentou-se-lhe ao lado, e, como n'uma procissão, todos aquelles que a ella se prendiam por laços de proximo parentesco, tomaram logar em volta da mesa. Restava uma cadeira vazia. E sobre ella, em letras de fogo, appareceram estas palavras:

«Quem a occupará?»

Um braço estendeu-se por detraz de Ildegarda e apontou-lhe a magestosa figura do velho que em frente lhe sorria, emquanto que um voz fria, que lhe passava nos ouvidos como sopro gélido, lhe murmurava baixinho.

— Elle está cansado... deixa-o repou-sar.

Ildegarda julgava enlouquecer.

— Meu Deus! exclamou ella afflicta, em que é que eu o impeço de descansar?

O candieiro apagou se como se sobre elle passasse um forte sopro e Ildegarda, aterrada, não tinha animo de se mexer.

Invadiu a um turpor semelhante ao que

se apodera dos viajantes nas grandes altitudes. Em vão, no seu terror, luctava para o dominar. Adormeceu por fim.

Então sonhou que uma velhinha, muito risonha e bonita, lhe dizia:

— Eu sou a Morte. Não posso, nem devo desvendar os mysterios de além tumulo, mas posso fazer sonhar os mortaes com verdades que elles, accordando, apodarão de chimeras. Assim, digo-te: quem morre não descansa nem goza emquanto na terra não tem assegurada a successão. Um numero de nascimentos obriga a determinadas mortes; e como algumas vidas são ceifadas antes das familias terem assegurada a successão (fallo d'aquellas que na alta sabedoria de Deus não devem ainda extinguir-se) as almas que partiram esperam e demoram invisiveis entre os vivos, até ao instante, para ellas feliz, em que um nascimento lhes assegure um lugar no séio do Creador.

Era manhã quando Ildegarda accordou. O seu desejo era recolher-se á cama e chamar um medico. Duvidava da lucidez da sua razão. Sentia-se exgotada, physica e moralmente. Por um esforço verdadeiramente sobrehumano ergueu-se dirigiu-se, ao quarto, tomou banho, deu rapidos cuidados ao vestuario, e desceu.

Esperava-a no atrio um curioso especta-

culo, pelo menos para ella que rarissimas vezes tivera occasião de o observar.

Os soldados estavam sentados e deitados pelo chão emquanto seis grupos de armas ensarilhadas demonstravam que tinham feito alto alli.

D. Bruno, junto da ponte, fallava com Silvestre. Era evidente pelo seu traço que estava prompto a marchar.

Vendo Ildegarda, tirou o képi, e dirigiu-se para ella com risonha amabilidade :

— Esperava-a, minha prima, para lhe apresentar as minhas despedidas e os meus sinceros agradecimentos.

— Não tem nada que me agradecer. A sua visita aqui foi forçada. Espero dever-lhe a fineza de mostrar que o nosso conhecimento lhe não foi antipathico, vindo, quando tiver uns dias de folga, passa-l'os nas Frondes. Os arredores são bonitos e podemos ir á caça e dar passeios a cavallo.

— Beijo-lhe as mãos pelo convite e não o deixarei esquecer.

— Quando vier, meu tenente, previna, que o quero ir esperar. Deixa cá um amigo.

— Bem vejo, meu bom 41, bem vejo.

E apertou-lhe a mão, commovido. Depois ordenou :

— Corneta, toca a unir.

Este executou immediatamente a ordem.

Os soldados ergueram-se como por encanto e correram todos para os sarilhos.

Então D. Bruno ordenou :

— Desensarilhar — armas !

E depois d'uma breve pausa :

— Direita-volver ; ordinario-marche.

E a força seguiu atravez da ponte, subiu ao comoro visinho e desapareceu.

Antes porêm, D. Bruno voltou-se e agitou a espada.

Silvestre enxugou os olhos com as costas da mão.

— Então que é isso, 41 ? Estou quasi a ter ciumes do tenente. Um pouco mais e trocavas-me por elle.

— Não diga isso, vélhinha. Não entende estas lagrimas causadas por uma commoção propria da velhice. Não é elle . . São elles, as fardas, as espingardas, a marcha, tudo que para mim se foi e . . não volta mais.

— Quem sabe? . . . respondeu-lhe Ildergarda, vendo por momentos a cadeira vazia da noite precedente e a pergunta « Quem a occupará ? »

— Em que está a pensar ? Então não vê que eu já não posso voltar ao serviço activo ?

— Tens razão, meu velho ; eu não sabia o que dizia.

— Mas quer ouvir o que eu sei ?

—Dize.

—A minha velhinha devia casar com o tenente.

—Pois és tu?! tu, que me aconselhas que ature um homem?

—Mas este não é como os outros.

—Quem t'o diz? Que sabes tu d'elle?

—Sei que é militar, valente e homem de bem: que tem um grande nome e que deve ter um nobre coração.

—Esse *deve ter* parece-me bastante problematico. Mas não vale a pena pensar mais n'isso. Esta noite tive um horrível pezadêlo que muito me incommodou e não estou bem.

—Mais uma razão para fallar n'um assumpto alegre. Se elle quizesse casar comigo?

—Deixa-te de tolices. Passou por aqui no cumprimento dos seus deveres, nunca mais se lembrará de nós senão como de dois excentricos e, quando fallar em antiguidades, nunca se esquecerá de mencionar os pannos de Arrás da casa de jantar. Creio que foi o que mais o encantou nas Fron-des. Dá-me de almoçar.

—A velhinha não espera por sua tia, que está na capella ouvindo a missa que o senhor Padre João veio rezar?

—Não, meu amigo; eu já a não posso aturar. Passa os dias e as tardes a contar-

me os louvores do seu menino e já se atreveu a dizer-me que elle seria um optimo marido para mim. Estou anciosa por os vêr pelas costas. Mas, como a não quero melindrar, dirl-he-has que fui vêr uma doente.

— E vai sahir?

— Não tenho lá muita vontade . . . mas tudo é preferivel a ter de conversar com a tia.

Silvestre serviu a Ildegarda um excellente almoço.

— Bravo! disse-lhe ella: tu hoje quizeste exceder Alexandre Dumas e o Batalha Reis. O teu almoço está magnifico.

— E' o resto do que servi ao nosso tenente. Quiz que lhe ficasse vontade de voltar.

— Nosso não, teu. Estás apaixonado, meu caro, e n'essa idade as paixões são perigosas.

— E' que eu estou velho . . . e a ideia de morrer . . . sem a deixar amparada . . .

— Quem falla em morrer, quando o sol inunda a casa, a mesa está posta e a garrafa cheia? Nada de tolices, 41! exclamou Ildegarda alegremente, tentando occultar a commoção. A' tua saude, meu amigo! Pega n'aquelle copo . . . vá.

O velho pegou no copo indicado e respondeu á saudação.

Ildegarda abraçou-o e ia a sahir, quando

entrou sua reverendissima, o senhor padre João.

— Muito bom dia lhe dê Nosso Senhor, disse elle curvando-se exaggeradamente diante de Ildegarda e apertando a mão que ella lhe estendia.

Este padre é uma figura a que se devem algumas linhas. E' alto, gôrdo e novo. A intelligencia fugiu d'elle a sete pés; mas é bom, simples, escrupuloso e zelosissimo no cumprimento dos seus deveres. Para elle o mais importante assumpto é vir um dia a ser bispo. N'essa intenção vai a miudo a Lisboa e faz longuissimas visitas ao snr. Patriarcha D. José I, que chega a senti-lo verdadeiramente insupportavel, e nem sempre pode reprimir o fastio que a conversa da simples criatura lhe causa. Quando isso succede, elle retira-se pezaroso e diz comsigo:

«Não chegarei a Bispo!» E, não podendo conter completamente a grande impressão que isso lhe causa, affirma aos outros centos de vezes:

— Não encontrei bem o snr. Patriarcha; Sua Eminencia estava escamado.

Este adjectivo incommodava os aristocraticos ouvidos da casa dos Arcos. E a senhora D. Dulce, pelo respeito que dedicava á dignidade ecclesiastica do seu illustre amigo, torcia-se e retorcia-se na cadeira, mas ficava

silenciosa, o que não faria se tal qualificativo sahisse de outra bocca.

Ildegarda conhecia pouco o padre e não sympathisava com elle. A sua amabilidade excessiva, o gesto estudado e a palavra untuosa faziam com que ella, embora o não demonstrasse (era bem educada), o olhasse com certo desdem, attribuindo-lhe involuntariamente qualidades inherentes á sua triste apparencia, mas que elle não tinha.

— Com que então o senhor P.<sup>e</sup> João já disse a sua missa?

— E' verdade, minha senhora, é verdade.

— Pois eu, com muita pena minha, não lhes posso fazer companhia ao almoço. Tenho de ir vêr uma doente.

— Grande falta para nós, minha senhora, grande falta! Mas tractar os doentes é uma das maiores obras de misericordia, e Deus Nosso Senhor ha-de lhe dar o pago.

— Meu padre, eu, do que faço, nunca espero nem desejo recompensa. E'-me grato honrar a Deus na sua grandeza infinita, mas não gosto de o baixar á mesquinha categoria d'um usurario. Nunca lhe prometti nada. Em minha consciencia seria offendê-lo. Esperar d'elle recompensa seria da minha parte proceder com vil interesse.

— Oh! Oh! Que estranhas ideias, minha senhora!

— Não são. Ora supponha o snr. P.<sup>o</sup> João que alguém tinha a audacia de entrar em minha casa para me fazer um pedido e me dizia: «Se conseguir isto, dou-lhe tantos alqueires de trigo ou tantas pipas de vinho.» E' claro que o meu 41 o faria saltar rapidamente a escada. Porque eu posso fazer favores, mas não negocios. Ora se para mim esta promessa condicional do trigo e do vinho é offensiva, o que seria para a augusta Magestade de Deus, se quem pratica taes actos tivesse a consciencia do que elles significam?

— Mas, minha senhora, o Santo Padre...

— Perdão! Eu tenho a minha doente á espera e não posso ouvir as razões por que o S.S. Padre permite promessas. A' minha consciencia é que ellas não quadram. Pense n'isto, meu bom amigo. Logo ou amanhã dir me-ha se eu tenho ou não razão

Ildegarda sahiu e o padre persignou-se, murmurando:

— Isto não é mulher! é o diabo de saias! Crédo, Santo Nome de Deus! Não se atreve ella a discutir e a desacatar, por pensamentos, determinações e actos que a Igreja acceita e permite? *Abrenuntio!*

Ildegarda, descendo a escada, batia nas botas com a chibata e dirigia-se para a cavallariça.

—Vae longe, velhinha? perguntou-lhe o 41.

—Nem sei, meu amigo: sinto necessidade de ar e de luz.

—Então é aproveitar. O dia está soberbo. Vou-lhe buscar o cavallo.

Ildegarda sentou-se n'um banco e calçou as luvas. Momentos depois o seu velho criado trazia o cavallo e ella partia a galope. Tinha ouvido que a dez kilometros d'alli, n'um sitio ermo e sombrio, vivia um velho que n'outro tempo fôra grande criminoso, mas que agora, arrependido havia muito, vivia uma vida de penitencia, e se entregava ao estudo das sciencias occultas com singular exito.

Predissera varios acontecimentos de importancia e avisara o morgado de Olhalvo de que se puzesse bem com Deus que o seu fim estava proximo. Elle riu, não escutou o aviso e morreu sem se reconciliar com a Igreja. Isto e muitas outras cousas contava o povo, e a fama do velho penitente estendia-se em dez leguas ao redor.

Ildegarda, como a maioria das mulheres, era supersticiosa, embora o não mostrasse nem quizesse ser. O espiritismo tinha-a feito perder aquelle materialismo ôco e estúpido que se apanha fatalmente nos bancos da escola, e volvera-lhe a religião quasi per-

dida. Não como a Igreja a ensina, mas segundo a sua consciencia e razão a interpretava, que é afinal como cada um lhe observa os preceitos. As experiencias, feitas a sangue frio, de phenomenos espiritas, as aparições de seu avô, as relações com varios espiritos, tinham feito com que Ildegarda vivesse n'uma atmospherá especial, differente d'aquella em que vulgarmente se vive. Estava convencida da sua convivencia com os mortos, consultava-os e, quando empunhava a penna, esperava com religiosidade as suas respostas, que eram sempre d'accordo com os preceitos da mais estricta moral e nunca lhe lisonjeavam ou apoiavam desejos mesmo inoffensivos, se, com razão que ponderadamente lhe apontavam, elles não estivessem perfeitamente na linha do dever. A medica materialista e a mulher espiritualista davam-se polemicas na consciencia de Ildegarda. A medica affirmava: «E' uma auto-sugestão, allucinações, um desequilibrio nervoso, que pode levar-te á loucura se te não tractas. E's evidentemente uma nevropathia. Cuida d'isso». A espiritualista volvia: «Não, tu não podes duvidar dos teus sentidos, nem ser desagradecida a Deus que permite que tenhas a consolação de vêr, e o prazer de consultar e ouvir aquelles que chamou a um mundo melhor».

Tornava a medica: «Não está mau prazer! Como podes tu empregar essa palavra quando a aproximação d'esses seres te causa fundas perturbações organicas, dando-te quasi sempre uma sensação de frio que a cousa alguma se compara?»

—«E' verdade: a materia repelle o espirito fluidico que já, por indigna, a abandonou, mas a alma gosa com a aproximação d'outra em estado superior».

E, n'um circulo perfeitamente vicioso, Ildegarda extenuava o cerebro e perdia, porque isso lisonjeava tambem a sua natural inclinação, terreno no campo positivista.

O seu olhar estendia-se pelo vasto panorama sem lhe notar a belleza. A scena nocturna da vespera transtornara-lhe o espirito, as resoluções, as ideias

Monologava em voz quasi imperceptivel:

—Casar? Pois eu hei de casar? Transformar o plano de vida que me tracei? Renunciar ao meu delicioso egoismo, interessar-me por um senhor, aturar-lhe as quizilias, as sentenças, ter filhos.... essa horrivel tortura que tanta vez presenciei no hospital de Coimbra, e que tanto me fortificou na minha sensata resolução? Não, isso não! Então eu atrevia-me a dizer diante de qualquer dos meus collegas os motivos da minha hesitação? E' indubitavel que não. Internar-

me-iam n'um manicómio e eu tenho a certeza de que não estou doida. Vamos a vêr o que o penitente me aconselha.

Ildegarda nunca vira o velho. Era a primeira vez que alli se dirigia, e uma forte commoção se apossara d'ella. Sentia que o seu destino ia decidir-se alli. A' sua razão isso parecia futil, pueril, improprio d'uma criatura equilibrada; ao seu sentir afigurava-se-lhe naturalissimo, e tanto, que sabia de antemão que a causa do seu celibato estava julgada e perdida, por muito pezar e tristeza que isso lhe causasse. O noivo não lhe dava que pensar. Devia ser aquelle que na vespera lhe tinha sido indicado. Elle partira; tudo levava a crêr, por um raciocinio logico, que não voltasse mais.

Mas ella sentia que tinha de ser. Estes presentimentos ou previsões, como melhor lhe queiram chamar, são, para as pessoas n'uma constante hiperesthesia, certezas que a verdade dos factos vem corroborar sempre. Teem o dom da dupla vista, o que não é motivo para lhes dar parabens.

E' tão triste, na maioria dos casos, a observação exacta do que no pensamento alheio não era destinado á nossa observação, que provoca quasi sempre um desencantamento da vida, que leva bastas vezes ao sui-

cidio, ao manicómio e, no melhor dos casos, se suspende n'uma neurasthenia!

Ildegarda avistou o lugar onde o penitente vegetava. Affastado da estrada, erguido n'uma elevação de terreno que nem mesmo merecia as honras de outeiro, havia um grande plaino coberto por oliveiras seculares, ao fundo do qual, arrimada contra uma alta muralha de granito, resto dos paços d'um senhor feudal, se erguia uma pequena cabana de pedra solta, com o tecto de colmo e a porta coberta por uma viçosa parreira, não da tradicional videira, mas de uma linda trepadeira de folha permanente, sob a qual havia um rustico banco de madeira. Dentro, na parede do fundo, pendia um grande Santo Christo. A um canto, sobre tres tabuas mal unidas, um monte de feno e uma manta indicavam que era alli que o penitente costumava repousar das fadigas diurnas. Mais longe, uma arca de madeira e, n'um reconcavo aberto na velha muralha, uma improvisada chaminé. Uma tabua, pregada ao chão por quatro fortes estacas, servia-lhe de mesa, e tres rusticos bancos, tambem feitos a machado, rodeiavam-n'a.

Quando Ildegarda se aproximou, o penitente rezava. Ouvindo o tropear do cavallo, ergueu-se e veio á porta. A medica, mal o avistou, saltou em terra e dirigiu-se para

elle a pé, levando o cavallo á mão. O penitente deu alguns passos ao seu encontro e, antes que Ildegarda lhe dirigisse a palavra, perguntou-lhe:

— Posso ser-lhe util em alguma cousa?

— Venho procura-lo porque assim o julgo.

— Permitta que eu acautelle o seu cavallo. O sitio aqui é muito frio e elle vem quente

— Não se incommoda?

— Absolutamente nada.

E, pegando na manta, que jazia sobre as palhas, cobriu com ella o feroso animal, collocando-o de forma a ficar ao abrigo da nortada que soprava rijamente.

Depois voltou para junto de Ildegarda, que o esperava em pé á porta da cabana e, com um gesto cavalheiresco e gentil, que contrastava com a grossa estamemha que o vestia, pediu:

— Faz-me o favor de entrar? Não lhe digo que a casa é humilde demais para a receber, minha senhora, porque abrigo n'ella a imagem de Jesus Christo.

E offerecendo lhe um banco:

— Não é muito commodo, mas é o que ha.

— Magnifico, exclamou Ildegarda, sentando-se, encantada com a lhaneza do velho, cuja phisionomia lembrava o celebre quadro de S. Jeronymo.

Depois, concentrou-se um momento, emquanto o penitente lhe estudava o rosto, e sobre tudo os olhos, com meticoloso cuidado.

—Sabe o que aqui me traz? perguntou finalmente.

—Conjecturo Na sua idade, é quasi sempre a mesma causa. Quando não seja nada mais grave, tracta-se d'um projecto de casamento. Isto não é adivinhar... é o que a natural observação dos factos me dá.

—E não dá mal. Comtudo o meu caso sai da normalidade. Eu lhe conto.

E Ildegarda, sem occultar o menor pensamento, expôz ao velho penitente o seu caso, não lhe esquecendo fazê-lo encarar pelas duas formas por que ella o fazia.

Elle deixou-a fallar sem a interromper. Quando terminou, ajoelhou-se por terra e ficou longamente em oração. Ildegarda, machinalmente, ajoelhou tambem. De repente estremeceu e exclamou:

—Olhe, olhe. Eu fallo verdade, ou não?

No canto mais escuro do aposento destacava-se na penumbra o vulto elegante do velho militar. A mesa deu tres estalidos secos, e Ildegarda cahiu em transe. A figura do velho, como uma sombra transparente, mas que lhe conservava a expressão da phisionomia, o vulto e os gestos, collocou-se por detrás da cadeira de Ildegarda, sumindo-se

lentamente como se se absorvesse no médium.

Quasi tres quartos de hora durou o interrogatorio que o penitente lhe fez. Findos elles, accordou Ildegarda, aconselhando a a que cumprisse o que na vespera lhe haviam indicado.

Ella pareceu precisar d'uns instantes para se lembrar da sua situação. Depois perguntou com energia selvagem:

—E se eu não fôr feliz?

—O fim da vida não é a felicidade.

—Qual é então?

—Até hoje ainda nenhum mortal o soube, e os que, espiritualizando-se, se tornaram immortaes, não o podem dizer.

—Porque razão?

O penitente sorriu com fina ironia e respondeu á estranha pergunta:

—Eu sei lá. Póde ser por um motivo que transcenda a nossa comprehensão, ou ser por uma causa tão banal como a que leva V. Ex.<sup>cia</sup> a não confiar aos seus collegas em medicina as suas convicções espiritualistas. Não devemos esquecer que foram humanos e que, primeiro que se depurem das manhas terrestres, lhes ha de levar tempo.

—Então o senhor... como lhe hei-de chamar?

—Irmão Marcolino.

—Então o irmão Marcolino acha que o espiritismo póde ligar-se á religião e ideia de Deus?

—Com certeza. Com a ideia de Deus tudo se liga. Que importa que lhe dêem este nome ou lhe chamem força de atracção? Tudo são palavras. Quanto ao espiritismo é uma prova evidente da continuação da vida n'outro mundo melhor. Minha filha, não se ocupe com questões que a fraqueza do nosso entendimento não pode comprehender. Deus habita em si proprio sob a forma de consciencia. . . Escuta-lo é grato dever. E quando tiver aparições, oiça o que lhe quizerem transmittir e encommende os apparecidos á misericordia divina. Mas é preciso ter cuidado: os espiritos nem todos são bons. . . Emfim, visite-me mais vezes. Eu pedirei a Deus pela sua alma. . .

Ildegarda hesitou, perguntando:

—Devo-lhe alguma cousa, meu irmão?

—Não, minha senhora; tive muito prazer em travar conhecimento comsigo.

—Serei indiscreta perguntando-lhe como e de que vive?

—Não, minha senhora. A curiosidade é naturalissima em todo o seu sexo. . .

E, levando-a á esquerda da cabana, mostrou-lhe batatas e couves, dizendo:

—Quando me falta alguma cousa, peço'

e o povo é tão bom que disputa ocorrer ás minhas necessidades.

— Não come nunca pão?

Elle encolheu os hombros como se lhe fosse indifferente, e respondeu:

— Nem me lembro d'isso.

— Consinta então que de dias a dias lhe traga uns pães. E' um pretexto para conversar comsigo.

— Como V. Ex.<sup>a</sup> queira.

E, soltando-lhe o cavallo do qual retirou a manta, approximou-o do banco para Ildgarda montar.

Ella cumprimentou-o com a chibata e partiu a trote largo. O penitente deixou-se cahir no banco e seguiu-a com o olhar até a perder de vista. Depois ajoelhou-se de novo em frente da imagem de Christo, e emquanto o sol morria ao longe no horisonte e as sombras da noite cobriam tudo com o seu pezado veu, á luz bruxuleante da lampada de azeite que o vento, entrando pelos intersticios da porta agitava, o penitente murmurava com sentida devoção:

— *Beati quorum remissa sunt iniquitates, et quorum tecta sunt peccata.*

E seguia o formoso psalmo, pronunciando o latim impeccavelmente e dando ás phrases as inflexões de quem entendia o que dizia.

Este homem teria sido realmente o grande criminoso que o povo dizia? Seria um forçado como muitos affirmavam? Não, não era. A sua historia conta-se em duas palavras:

Tinha sido n'outro tempo um optimo medico. Vivera com muita elegancia na melhor sociedade e frequentára os mais aristocraticos salões da capital. Era na figura herculeo e formoso, mas no sentir delicadissimo. O que para muita gente seria satisfação, para elle, superior demais para ter vaidades, era motivo de tedio. A frivolidade da sociedade incommodava-o, e o egoismo innato em todos os homons feria-o. Sentia-se um pária entre a multidão onde via todas as mãos affectuosamente estendidas para apertarem a sua. Lembrou-se de constituir familia. Tinha o casamento justo com uma linda morena, quando seu pae morreu inesperadamente. Era rico e dizia-se que deixava a terça a este filho pelo qual tinha um grande affecto. A noiva, quando esteve com elle a primeira vez depois da morte do pae, perguntou-lhe avidamente:

— Sempre ficaste com a terça?

Elle fitou-a friamente e respondeu simplesmente:

— Não.

No dia immediato, rompeu o casamento e foi viajar. Em toda a parte do mundo o seu

espírito, desinteressado e bom, encontrou o mesmo repugnante espectáculo. Então comprou aquelle pequenino olival e, desilludido da terra, voltou-se para o ceu. Achou, na contemplação, prazer, e no silencio, paz. Ao fim de tres annos, convencido de que era aquella a vida que lhe convinha, voltou á cidade e fez cedencia aos irmãos de toda a sua fortuna. Elles agradeciam-lhe com phrases calorosas, e elle sorria pensando: «Deixarão de desejar a minha morte. Já não têm que herdar.»

No povo espalhou-se-lhe fama porque, com mais conhecimentos que a gente dos arredores pôde dar-lhes conselhos salutaes. A primeira pessoa com quem alli fallou foi um pobre carreiro que vinha dormindo sobre a carga de lenha. O corpo resvalou-lhe e cahiu á estrada partindo uma perna. O medico que na sua cabana improvisava a mesa, ouviu os gemidos do desgraçado, correu a prestar-lhe soccorro, e pediu ao primeiro camponez que passou que o ajudasse a transporta-lo para a cabana e fôsse avisar a familia. Tractou-o e elle restabeleceu-se rapidamente.

A fama do penitente estava feita. Passou a ser consultado em todos os males. Um dia o prior foi visita-lo. Tiveram uma grande conversa e não voltou lá.

— Quem é o homem, senhor prior? perguntaram aquelles que com elle tinham mais confiança.

— Não sei, respondia o padre, mas bom catholico não é. Dá-se ao estudo das sciencias occultas: é espirita.

— Que vem a ser isso?

— Conversa com os mortos... Elles apparecem-lhe... Emfim, eu nem mesmo quiz que elle me fallasse em tal. São artes do diabo que me podiam impedir de salvar a minha alma

O barbeiro da terra sorriu e piscou o olho ao sacristão, enquanto murmurava baixo ao ouvido de regedor:

— Não chamar elle arte do diabo á Miquelina-Côxa!

— Calla-te, má lingua.

— Ai! Eu é que disse mal ou foi você que lh'o pôz?

E aqui está como por não dizer a pessoa alguma a sua vida, e não conviver com ninguém senão o tempo absolutamente necessario para lhes ser util, elle, em troca dos beneficios que espalhava, arranjou a fama de grande criminoso. É sempre assim o mundo nas suas generosas compensações.

## IX

### *Do Diario de Manuel*

A minha vida torna-se insupportavel. Não posso ir ás Frondes. Os olhos da velha tia não me vêem com agrado. O primo Paulo, que já se levanta, não parece disposto a ir-se embora. Metti-me na cama, fazendo d'uma ligeira constipação uma doença, lembrando-me que talvez Ildegarda viesse verme Enganei-me. Minha mulher sentou-se-me á cabeceira com os ares d'uma enfermeira desvelada. Quando lhe perguntei se não seria bom chamar o medico, fitou-me nos olhos e respondeu com serenidade :

— O que tens não precisa de maiores cuidados do que aquelles que eu sei dispensar-te. Olha, Manuel, eu não sou tola e tenho percebido quanto se passa em ti. As taes idas ás Frondes matam-me.

— Podias tê-lo dito. Não tornaria lá mais.

— E agora que sabes o que eu soffro com isso, não voltas lá só, não?

— Não, affirmei eu profundamente contrariado, mas conseguindo encobri-lo e certo de que não cumpriria a promessa.

Ella, um pouco vexada, disse:

— Não é que eu desconfie de ti, mas notei que lhe não és indifferente.

De mau humor, respondi:

— Está bem: pouco me importam as tuas observações que me parecem sufficientemente tolas. Ella tem lá o primo Paulo que me é incontestavelmente superior.

— Para mim não é, e pode ser que para ella tambem o não seja.

Mudei de conversação, mas ficou-me no ouvido a phrase «notei que lhe não és indifferente».

Nunca mais voltei ás Frondes, mas isso longe de me acalmar o soffrimento exacerbava o, augmentando a minha louca paixão. A minha apparente resignação custava-mos maiores esforços e resolvi partir para a cidade com o pretexto de tratar uma questão das senhoras Paivas, pendente ha longo tempo nos tribunaes de Lisbôa. Ellas abraçaram a minha resolução com a maior alegria. A minha administração, apezar de curta, trouxera-lhes grandes e sensiveis vantagens porque era honrada. E, vendo a gaveta cheia de dinheiro e tudo n'uma ordem em que nunca estivera, ellas diziam convencidas que podia

talvez haver tão bom administrador — duvidavam — mas melhor não existia em parte alguma.

Desde o momento em que eu declarei que ia occupar-me da contestação da herança que ha tantos annos lhes absorvia uma grande parte dos rendimentos, aquellas senhoras reputaram a questão ganha e diziam confidencialmente a minha mulher:

— Se vencermos as primas Nunes, havemos de offerecer a seu marido uma casa e uma quinta aqui.

Esta promessa que ellas julgavam talvez que me atiçava o zelo, não faria effeito algum se Ildegarda me dissesse: «Fique.» Mas ella não só m'o não dizia como parecia ter esquecido a minha existencia.

Na vespera da minha partida para Lisboa, disse ter de ir á proxima Villa para destinar cousas que era necessario fazerem-se durante a minha ausencia. Sahi na direcção indicada, mas, dois kilometros andados, retrocedi em direcção ás Frondes, mettendo por atalhos, na intenção de evitar ser visto. Estava um dia tristissimo de inverno.

A neve cahia lentamente, cobrindo tudo com um alvissimo lençol. Triste! triste como a minha alma desolada. Chegando ás Frondes, fui alli recebido com amizade e admiração.

— Com este dia ! exclamou Ildegarda jubilosamente. Esperava tudo menos a sua visita.

— E porque, minha senhora ?

— Porque este tempo costuma tornar exemplares os chefes de familia.

— Exemplar sou eu sempre. Mas vou partir e não quiz faze-lo sem me despedir de V. Ex.<sup>a</sup>

Eu construíra a phrase insidiosamente, no empenho de vêr a impressão que a noticia faria em Ildegarda. Ella empallideceu estranhamente, os seus grandes olhos exprimiram inquietação, e perguntou com voz commovida :

— O quê ? É possível que saia de casa das senhoras Paivas ?

Entretanto o regosijo animava o enge-lhado rosto de D. Dulce e a bella physionomia do primo Paulo

— Não, minha senhora, expliquei-me mal. Vou á capital por negocios da casa que alli me demorarão, mas continuo a ser administrador das Mouras, onde todos me distinguem com real amizade. Quiz saber se V. Ex.<sup>a</sup> deseja alguma cousa de Lisbôa porque estimaria muito ter ensejo de lhe ser agradavel.

— E' possível. Agora de repente não me lembra. Mas escreva-me de lá, diga como

chegou e qual a sua morada para eu me aproveitar do gentil offercimento que me faz.

— Cumprirei as ordens de V. Ex.<sup>a</sup>. E a senhora D. Dulce não quer nada de Lisbôa?

— Muito obrigada. O meu capellão vae expressamente á cidade para dar as boas festas a Sua Eminencia, e já está habituado a desempenhar as minhas commissões. Mesmo se queres, menina, elle terá muito gosto em desempenhar as tuas.

Ildegarda volveu :

— Prefiro incommodar os meus amigos a dar que fazer aos conhecidos. Mande-me a morada, senhor Sousa.

— Então, se me dá licença, retiro-me . . .

— Isso é que não. Tem aqui logar ás braças, junto de mim. Não vem cá ha dias sem conto e nem ao menos entende fazer-me uma despedida conveniente ?

A senhora D. Dulce julgou que devia intervir :

— Mas, menina, em vesperas de partida, o senhor Sousa tem decerto cousas a destinar.

— E' o que mais me importa. Tivesse vindo hontem. E, se não puder partir amanhã, parte depois. Sente-se aqui.

— V. Ex.<sup>a</sup> manda, respondi eu, feliz pelo interesse que me era testemunhado.

E sentei-me á brazeira no logar que Ilde-

guarda me fez junto d'ella. Voltando-me para Paulo, affirmei-lhe, não sem malevola intenção :

— Suppuz que V. Ex.<sup>a</sup> já tivesse regressado aos Arcos.

— Decerto o teria já feito, se não fosse esta maldita nevada que tem tornado os caminhos impraticaveis.

— A senhora D. Ildegarda é quem ganha.

— Não diga isso : nós temos sido uns hospedes incommodissimos.

Ildegarda, incapaz de affirmar o que não sentia, volveu :

— Querem que lhes diga amabilidades? Não apanham.

E, voltando-se para mim, indagou :

— Como explica esta longa ausencia?

— Estive doente, e para poder partir, sem que os negocios da casa se atrapalhassem, tive de dispôr muita coisa e de iniciar minha mulher na direcção da casa.

— E foi facil? perguntou-me Ildegarda com uma leve pontinha de ironia que me agradou pelo sentido que o meu coração lhe attribuia.

-- Não foi difficil.

— Tenciona então demorar-se lá muito?

— Não sei responder, minha senhora : talvez dias, talvez mezes. Depende tudo dos senhores juizes.

— Pois é pena. Vou ter um hospede e contava muito com a sua bôa amizade para m'o ajudar a receber.

— Então eu não conto? perguntou Paulo, mordendo os beiços com despeito.

— Não. O seu estado de saude impõe-lhe cuidados necessarios sob, pena de voltar outra vez ao leito se os desprezar.

— E quem é o hospede? perguntou a medo D. Dulce.

Com gaiatice pensada, Ildegarda respondeu:

— É um velhinho, muito doente e bom, que vem passar o Natal commigo.

— É o penitente, disse Paulo atirando-se a adivinhar. Não sabe, senhor Sousa, que a minha prima, de tres em tres dias, anda dez kilometros a cavallo, vente ou chova, para ir conversar com o penitente e levar-lhe pão?

— E elle é a pessoa interessante que o povo affirma?

— Muito mais do que isso: é uma criatura instruidissima e muito delicada. Se lá fôr um dia, fica encantado com elle.

E, tirando uma carta do bolso, Ildegarda estendeu-m'a.

Abri-a e li para mim o que segue:

«Ex.<sup>ma</sup> Senhora.

«Minha prezada prima. Apróveitando o

amavel convite que V. Ex.<sup>a</sup> me fez quando ahi estive, venho perguntar-lhe se um parente affastado, que não tem lar que o acolha no Natal, encontrará nas Frondes a illusão de que tem familia.

«Um aperto de mão ao 41 e os meus affectuosos respeitos para V. Ex.<sup>a</sup>».

«Bruno.»

Senti que se me demudava a physionomia, lendo estas linhas, e estendi em silencio a carta a Ildegarda.

— Calcula o que respondi, não é verdade?

Abanei a cabeça affirmativamente. Era-me impossivel fallar. Ildegarda foi buscar uma guitarra:

— Toca? perguntei eu surpreso.

— É ainda uma habilidade que me ensinou o 41.

E Ildegarda pediu a Paulo que cantasse.

Elle tinha uma esplendida voz de barytono. Não se fez rogar, mas perguntou:

— O quê?

— O Fado, que é o que na guitarra fica bem.

Elle pediu:

— Passe-me a guitarra. Prefiro acompanhar-me.

E começou :

Não vás vêr o teu amôr  
Em dia de trovoada,  
Pois, por bom genio que tenha,  
Ha de mostrar-se zangada.

Tu sabes lá, meu rapaz,  
O mal que faz um trovão,  
Na cabeça das mulheres,  
Ás cousas de coração ?

Por mais que se sinta amada,  
Por mais que deseje amar,  
N'um dia de trovoada  
Pode tudo terminar,

Não vás vêr o teu amôr  
Em dia de trovoada,  
Se não queres encontrar,  
Depois, a porta fechada.

Ai! o que faz o trovão  
Aos pobres apaixonados!  
São sempre por Santa Barbara  
Sem piedade abandonados.

Emquanto dura o mau tempo  
Não vás vêr o teu amôr,  
Que a trovoada bem pode  
Tornar o teu riso em dôr.

Ai o que faz o trovão  
Na cabeça das mulheres!  
Quando o sintas ribombar,  
Põe te ao largo, se puderes

Pois a panthera ao pé d'ella,  
E mesmo o proprio leão,  
Em dias de trovoada,  
Têm melhor coração.

— Canta bem, meu caro Paulo, mas não gosto da letra.

— Agora o senhor Sousa, pediu D. Dulce, certa de que eu cantaria peor do que o filho.

— Não sei, minha senhora. Nunca me dei a esses divertimentos, embora muito os aprecie.

— Canta tu, menina, instou D. Dulce.

Ildegarda preferiu tambem acompanhar-se e cantou com um prolongadissimo ai no principio de cada quadra:

Ai! não me digas adeus,  
Porque a dôr da despedida  
Pode á minha alma partida  
Fazer o peor dos males.

Ai! não me digas que ficas  
Pois a tua convivencia  
Torna o amor em demencia  
E faz-me a vida um tormento.

Não fiques, não vás, não morras  
Porque eu preciso esquecer-te! . . .  
Se ficas, goso por vêr-te,  
Se vaes, minha alma te segue.

E quer fiques, vás, ou morras  
Ai da minha alma, coitada!  
Sem ti — perde se no nada . . .  
Comtigo — não tem viver.

Estes versos impressionaram-me em extremo. Pareciam-me uma confidencia dos sentimentos que eu lhe tinha inspirado, e a minha alma sentia-se reconfortada por esta ideia. Instei, e commigo todos, para que os versos fôsem repetidos e tivemos, ouvindo-os, novo prazer. Digo *tivemos* porque D. Dulce e o filho interpretavam-os tambem a seu sabor. É sempre assim o coração humano.

Em conversas futeis passou o dia até ao jantar. Findo elle, Ildegarda disse-me:

— Peço-lhe que me acompanhe á livraria, snr. Sousa. Desejo encarrega-l'ô de me tratar na cidade d'um negocio de summa ponderação.

Acompanhei-a ao sitio indicado com visivel descontentamento dos parentes. Ella fechou a porta atraz de nós e, sentando-se n'uma cadeira, indicou-me outra, com aquella familiaridade que era um dos seus grandes

attractivos. Durante segundos, ponderou o que me devia dizer e começou assim :

— Que ideia faz de mim, meu caro visinho?

— Nunca me atrevi a fazer ideias a seu respeito.

— A resposta é amavel de mais para ser sincera.

— Comtudo, garanto-lhe . . .

— Não insisto. Pois bem, punhamos os pontos nos ii. O senhor fez-me uma declaração de amôr, amou-me, ou julgou amar-me : depois, vendo que eu lhe não correspondia, tirou-se do meu caminho desejando vencer o importuno sentimento; e agora, desejando voltar e não se atrevendo a fazê-lo porque é possível que talvez o promettesse á sua mulher, arranjou este pretexto de viagem para, sem quebra de dignidade aos seus proprios olhos, voltar ás Frondes. Enganei-me?

— Pouco mais ou menos, é isso.

— Estimo ouvir-lh'o porque me demonstra que é sincero. Eu não sou uma *coquette*, embora possa parece-lo. Quando o conheci, não me acautellei em cousa alguma. Nunca tinha amado, e estava convencida de que não podia amar. Depois, não sendo o senhor em cousa alguma o meu ideal, porque eu, como todas as raparigas, tambem, para me entreter, tenho sonhado o meu par, attribuindo-lhe

as qualidades ou defeitos que me encantam, entreguei-me á sua amizade sem restricções. Pois bem: pouco e pouco conheci-lhe os perigos e acabei por lhe confessar que receiava ama-lo. Então julgava-me eu já vencida pelo sentimento e a lucta era apenas de pudor.

Eu quiz interrompê-la, mas ella impediu-me com um gesto e continuou:

— Pois bem. No dia em que me atirou um bilhete pela janella, dia em que eu ia fraquejar, a voz do meu querido morto dictou-me a resposta a dar-lhe Obedeci. Depois passou-se um caso estranho . . .

(Como os leitores já sabem o que se passou não os fatigarei repetindo-o.

Já vê, concluiu ella apoz a narrativa succinta dos factos, que só me resta obedecer, porque, como diz o penitente, não viemos ao mundo procurar a felicidade que não passa d'uma chimera e que não é por atalhos, montes, e vallados que se pode encontrar. Eu podião lhe dizer nada d'isto porque não tenho de lhe dar explicações; mas soffreria no meu intimo se o meu vizinho, julgando pelas apparencias, dissesse: «Eu fui, outro veio, e, mais experimentado em aventuras, venceu.» Vou dar lhe uma prova da minha illimitada confiança no seu character. Se meu avô me aconselha tal enlace é porque é bem e deve ser, e este homem que me esco-

lheu tem todas as qualidades que elle julga indispensaveis para dar um bom marido. Porém, se, tiradas informações do homem em questão, eu souber que é jogador, vicioso, e tem mau character, diga-me o que disser o penitente não acredito n'elle, nem nos meus olhos, nem nos meus ouvidos, porque meu avô não me escolheria um homem assim. Vae a Lisbôa, meu querido irmão, — d'óra avante heide considera-lo sempre assim — tire as informações e mande-m'as. Procederei de accordo com ellas.

Um violento jubilo e uma grande dôr se succederam rapidamente no meu espirito.

Só uma paixão em completa phase de cegueira pode confiar tanto no character d'um homem. Depois, a certeza de que, com a minha consciencia miudinha, não poderia alterar a verdade e seria — eu, — eu! que a entregaria ao outro! Ah! que terriveis pressentimentos teem os nervosos! Ainda o não conhecia e já sabia que essa criatura me havia de ser fatal.

— Bem, disse-lhe eu quando ella se calou Penhora-me a sua confiança e creia que saberei ser digno d'ella. Ildegarda, nunca mais lhe fallarei de amor, mas terá a prova de que elle é eterno no meu coração pela sua alma gentillissima.

Uma lagrima se desprendeu dos olhos de

Ildegarda. Beije-lhe a mão, sem que d'esta vez nenhuma sombra se interpuzesse entre nós, e voltei á sala de jantar, sentindo-me forte para todos os sacrificios.

Digam o que disserem os psychologos, o sentimento mais forte no homem é a vaidade. E a prova é que, sentindo-me preferido, eu assistia ao desmoronar dos meus sonhos e ambições, porque é certo que as tinha, como relativo prazer.

Recebi as ordens da snr.<sup>a</sup> D. Dulce, troquei banaes cumprimentos com o primo Paulo e o padre João e apertando, nos braços o nobre e leal Silvestre, tomei pelo caminho opposto ao das Mouras.

— Então, por ahi, sr. Sousa? perguntou o 41, julgando que eu me tinha enganado.

— Que remedio, meu amigo! a tua ama não me deixou sahir mais cêdo e é-me forçoso ir á villa antes de partir.

— O sr Sousa, desculpe-a. É bom demais para ella. Como está habituada a fazer-me andar n'um sarilho, julga que todos são o 41, e abusa

— Recolhe-te, que o tempo não convida a estar a elle.

— Boa viagem, sr. Sousa.

— Até breve, meu 41.

Não fui á Villa, onde já de vespera destinára tudo.

Quando alcancei a estrada real, volvi para casa.

Entrei na sala das senhoras Paivas onde uma d'ellas jogava o Cassino com Amelia e minha filha mais velha, enquanto a outra, fazendo meia, ouvia com delicias um romance de Ponson du Terrail que minha filha mais nova lhe lia com igual enthusiasmo.

É possível que muita gente, ouvindo isto, diga indignada :

— Pois o senhor deixa a sua filha ler taes livros ?

E porque não ? O perigo não é le-los, é entende-los. Se entende, não lhe faz mal ; se não entende, tambem é uma distracção inoffensiva. Depois, é preferivel ir ouvindo cousas sem significação, mas que nos instruem lentamente, a abrir de repente os ouvidos ao que se ignorava e aprendê-lo de subito. Póde dar-se o mesmo que com a luz a quem estiver muito tempo envolto em trevas.

Em attenção á minha chegada fechou se o livro e interrompeu-se o jogo.

A senhora D. Natalia fez-me perguntas ácerca dos passos que eu tencionava dar para vencer o malfadado processo. Depois, sob o meu dictado, escreveu varias cartas de recommendação, que assignou, entregou-me

um rol de encommendas e exigiu que, sem olhar a despesas, viesse passar o Natal a casa.

— Tem diante de si uma larga quinzena, aproveite-a. Se o processo se vencer, então iremos todos a Lisbôa: não morreremos sem admirar as belezas da capital.

Quando deu meia noite recolhemo-nos ao quarto. Não dormi. Passei uma noite agitada, febril e, quando rompia o dia as palpebras pareciam cerrar-se e tudo me convidava ao repouso, tive de me erguer e partir ao som das recriminações de Amelia, que chorava affirmando, sem que eu o contes- tasse, tal era o meu estado de espirito, que eu já lhe não tinha amor.

E se era verdade, que queria que eu lhe fizesse? Tenho acaso culpa das transformações por que passo? O meu proprio interesse me aconselhava que fôsse um chefe de familia exemplar. Os meus actos eram de accordo com todos os preceitos do dever, mas os sentimentos não, e ainda bem que não. Para escravo basta o corpo. A alma, os pensamentos, os sentimentos, imperam em liberdade pelo espaço sem freio ou limite.

— Mas não foi isso que te ensinaram no seminario, censurava-me a consciencia.

Mas a parte d'ella que costumava rebel- lar-se, bradava-me bem alto:

— Se o pensamento e o espirito não fossem independentes, a capacidade que temos para o sofrimento transbordaria e os nossos actos deixariam de obedecer á ordem que lhe dictassemos. O pensamento e a consciencia da propria força são as valvulas de segurança d'esta machina imperfeita que se chama homem.

Pensando em tudo isto, dirigi-me para a estação, sob uma forte nevada e, chegando mesmo á hora do comboio partir, installei-me o mais commodamente que me foi possivel n'um compartimento de segunda classe, apoiando os pés gelados de encontro ao calorifero.

La só. Dispunha me a entregar-me ao somno que me invadia, quando, na estação seguinte, entrou um grupo de homens. Conheci-os logo pelo aspecto: eram alquiladores que vinham da feira visinha. Chapeus de abas largas, pesadas jaquetas de alamares de prata, collarinhos sem gravatas, presos por uma larga bola de ouro ou prata, calças á bocca de sino, vistosas cintas de côr e o tradicional e commodissimo gabão.

Suppondo-me adormecido, não fizeram maior caso da minha pessoa. O mais novo, anediando as negras melenas, censurava o mais alto e forte:

— Foi um espetanço, Romão. Tu não de-

vias ter dado os noventa mil reis pelo cavallo. Vaes ter de o engordar, e ninguem te dará por elle o preço do custo.

— Isso é o que resta ver.

O mais velho dos quatro affiançou :

— Talvez tenhas razão, rapaz, porque na nossa arte não ha homens honrados.

— Lá isso é verdade, affirmaram os tres em côro.

Contente pelo applauso, o alquilador continuou :

— Um homem pode ser muito verdadeiro, e nunca ter mentido toda a sua vida, emquanto dirigiu uma locanda ou teve um *tem-tudo*; mas, mal entra cá na arte, mente de manhã á noite e foi-se-lhe a honradez.

— É verdade, é verdade, tornaram a affirmar os ouvintes.

— E não é por querer, disse aquelle que respondia ao nome de Romão é que, mesmo; quando as intenções são as melhores, as proprias bestas nos forçam a isso.

Dois apoiaram, mas o terceiro ficou silencioso.

— O anno passado, continuou o Romão, um equitador meu amigo, bom homem, mas de poucos haveres, veio ter comigo em grande embaraço.

« — Se você me não vale, amigo Romão, estou perdido.

«— Homem, tudo tem remedio; só a morte é que não.

«— Pois está visto.

«— Comprei um picarço, que era do duque de Alhandra, por quinhentos mil reis... É um animal soberbo, affiançou elle, vendo a careta de incredulidade que eu fazia. Tirei-lhe a photographia e mandei-a para Hespanha ao *Las Torres* que capricha em que ninguem tem cavallos como os seus. Pedi-lhe *seiscentos duros* com transporte á sua custa. Recebi pelo telegrapho estas linhas: «Dobro a parada se elle estiver aqui dentro de tres dias».

«— Mas isso é magnifico. E então?

«— Então, volveu-me elle com desanimo, o animal está atacado de pulmoeira.

«— E' só isso? perguntei-lhe eu satisfeito.

«— Se acha pouco?

«— Bem. Eu levo o cavallo a Hespanha, entrego-o ao *Las Torres*, recebo o dinheiro, mas quatrocentos mil reis limpinhos são meus.

Muito interessados, perguntaram todos:

— E como intrujaste o gajo?

— Não sabem vocês outra coisa! Ora os innocentes!

— Não sei!

— Palavra que não?

— E tu, Cigano?

— Ai, não! Estava á espera que me ensinasses! Isso cá na arte é mamadeira.

— Conta então a estes, pediu o Romão, na intenção de vêr se aprendia receita nova e mais efficaz.

O velho não se fez rogar :

— Momentos antes de o levares ás cavalariças do *Las Torres* deste-lhe uma grande porção de leite quente.

— Ora eis ahi. Nem mais nem hontem.

— Mas n'isso já entra má fé, affirmou aquelle que estivera mais tempo silencioso.

— Este diabo ha-de mostrar sempre que é novo na arte. Ora dize lá, meu lanzudo, disse o Romão, mettendo um cigarro apagado ao canto dos labios e estendendo a perna direita para tirar do bolso a isca e o fuzil, A quem faziam mais falta os mil e duzentos duros: ao pobre do equitador ou ao *Las Torres*, que é tão rico que offerece o dobro do que lhe pedem para satisfazer um capricho?

— Lá isso é verdade, disse o outro meio convencido.

— Ora pois, eis ahi está. N'estas cousas dá-se cada uma que até parece... eu sei lá! Fui um dia a cavallaria 4 para vêr no leilão dos cavalloos postos fóra do ensino se havia lá alguma cousa que me fizesse conta. Eu já levava de olho um bello animal castanho que

era posto fóra por indomavel. Não supportava na sella o melhor calção e pregou comigo no chão como com os outros. Agradou-me o bicho por altaneiro e fiquei com elle por dez libras porque, apesar da belleza da estampa e finura do animal, ninguem o queria para nada. Todos se espantavam do disparate que eu fizera. Levei-o para a terra, mudei-lhe completamente o tratamento e disse aos rapazes: «Isto é uma questão de sympathia porque deste ladrão, não se faz nada». Pois bem, passado um anno, trouxe-o de novo á cidade e vendi-o, a poder de barato, por oitocentos mil reis. Estava um animal superior, e na terra ainda hoje não querem crêr que fosse a sério quanto eu disse do animal ao entrar na herdade.

— E' assim, é: aquelles . . . deixam uma pessoa por mentiroso.

— Não faz ao caso, visto que a gente já teve de concordar que, cá na arte, não ha homens honrados.

A palestra continuou. Eu não dormi, mas ganhei em os ouvir fazer aquella confissão pela propria bocca. Precisava comprar um cavallo para puxar ao carro porque o da casa estava muito velho. Eu me acautellaria obrigando-o a fazer serviço a contento até passar o prazo em que a pulmoeira se póde disfarçar. De tudo n'este mundo se tira lição,

quando se é observador e se sabe escutar. No entroncamento tive de mudar de comboio e então consegui dormir sem interrupção um optimo somno até Santa Apollonia. Eu nunca vira Lisboa, nem avistara o Tejo senão das Portas do Sol em Santarem. Ao sahir da estação pareceu-me uma terra feia, mas, mal cheguei ao Terreiro de Paço, fiquei encantado. A estatua equestre de D. José, a grandeza severa e ao mesmo tempo modesta das construcções que rodeiam a ampla praça, impressionou-me. Disse ao boleeiro do trem em que me metti :

— Leva-me a um hotel de onde se veja o mar.

Elle transportou-me para o Hotel Central. A primeira cousa que fiz, entrando no quarto, foi chegar á janella. Estava deslumbrado. Parecia-me que em parte alguma do mundo disfructaria um panorama igual. Mas de tarde, quando, por conselho do gerente do hotel, passei á margem opposta e assisti d'alli ao pôr do sol e ao accender das luzes na gentil cidade reclinada sobre o Tejo n'uma caricia, como languida sultana no peito do seu bem amado, a minha admiração não conheceu limites. Senti-me vaidoso das bellezas patrias para as quaes a maioria dos nossos compatriotas não tem olhos.

Fui depois muita vez ao estrangeiro, mas

belleza que me impressionasse a retina, como a do Tejo ao entardecer, quando o sol se afunda no mar deixando o ceu incendiado de luz rubra, como na alma nos fica a saudade dos que desapareceram, nunca, em parte alguma, a observei. Quando, depois de jantar, me recolhi ao quarto, estava exgotado pelas emoções do dia, e, estranhando eu quasi sempre a cama alheia, dormi a noite d'um somno e levantei-me bem disposto.

N'um confortavel quarto do *Pension Hotel*, na rua da Gloria, hospedava-se o tenente D. Bruno de Almeida. Orphão de paes, sem familia na cidade, achara que não valia a pena alugar uma casa para viver sósinho. Sentado n'uma velha, mas commoda, poltrona, lia os jornaes, emquanto o impedido lhe escovava o fato. N'uma pausa que fez, olhou para o relógio e disse ao criado:

— O correio já deve ter chegado. Vá ao escriptorio saber se trouxe alguma cousa para mim.

O impedido voltou instantes depois trazendo n'uma salva duas cartas e um jornal. Elle examinou os dois sobrescriptos e abriu aquelle cuja letra lhe era desconhecida.

*Meu caro primo*

A sua carta é superflua. Nas Frondes tem sempre um lar, em mim uma irmã e no meu 41 um servo respeitoso e dedicado. Creio

escusado lembrar-lhe que dará uma grande alegria ao meu velho amigo se trouxer o seu impedido. Mas faça o que quizer e como mais lhe agradar.

Prima m.<sup>10</sup> affectuosa  
*Ildegarda*

D. Bruno leu duas vezes a carta, cheirou o papel, estudou a letra. Depois d'um cuidadoso exame, disse ao soldado :

— Tu queres que eu te dê licença para passar o Natal onde te agradar, ou preferes ir commigo ás Frondes ?

— Vou com o meu tenente. Isso nem se pergunta. Come-se bem n'aquella casa e é-se tractado com muita consideração. Gosto d'aquillo.

— Tambem eu, concordou D. Bruno, rindo.

E passou a abrir a outra carta que dizia:

*Chico*

Os quarenta duros que me entregaste voaram com a rapidez de fumo impellido por forte corrente de ar.

Careço de *más, mucho más.*

*Pepita*

Elle sorriu, pegou na penna e escreveu :

*Pepita*

Um homem gentil nunca recusa a uma mulher bonita o que ella lhe pede. Tenho gasto contigo o que não posso e me faz falta. Eu tambem precisava *más, mucho más*, mas não tenho; e, como nunca quiz que mulher nenhuma passasse a menor privação por minha causa, digo-te adeus, ou antes, até breve.

Teu do coração  
*Bruno*

— Has-de levar esta carta á hespanhola que trabalha no Colyseu.

— Quer, mais *chelpa*, meu tenente? perguntou o rapaz com riso boçal.

— Queria, mas não pilha. O tempo dos tolos acabou.

Com convicção o rapaz concordou :

— E não acabou muito cedo, porque ella ainda lhe apanhou para riba d'umas oitentas moedas, como quem não quer a cousa.

— Tens muita razão. Nem sabes a verdade com que fallas.

— E quando parte a gente, meu tenente?

— Na ante-vespera de Natal, e voltamos depois dos Reis.

— Isso é que a gente apanha um rega-bofe. Olhe que a tal pipa que está ao canto da adega, á esquerda de quem entra, tem uma pinga que, se um homem a leva á boca, pode o corneta tocar a unir á vontade que não despega d'alli.

— Era o que faltava.

— Como o outro que diz... é um modo fallar.

— Provaste-a?

— Deu-m'a o 41. Aquillo é um homem rasgado. Sendo n'aquella casa mais que um sargento na companhia, não tem soberba nenhuma, come á mesa com a gente e do que se serve, serve os outros. A força veio toda pelo beijo com elle. Se a gente se demora alli mais oito dias, por aquelle processo, levava a gente para onde quizesse.

O tenente riu e deixou-o continuar.

— E olhe que se dava ao respeito. Lá, dois travaram-se de razões e elle mandou-os pôr em sentido em voz de trovão, e, como não lhe obedeceram, pregou dois soccos em cada um e tudo entrou na ordem. Foi uma risota porque ao 68 rompeu-lhe o sangue pelo nariz. Elle então, com um grande desdem, disse-lhes: «Ai, filhos! que sois feitos de alcorce! No meu tempo os homens não eram assim». E ninguem achou que lhe responder, porque entre os quarenta homens que alli estavam,

não havia nenhum que se avantajasse ao alma do diabo, em estatura e porte militar.

— Também digo. Vae levar essa carta e volta, de modo a estares aqui logo que termine o almoço. Quero mudar de hotel a vêr se o diacho da mulher me perde a pista.

— Hum! hum! Se fôsse outra, não digo; mas aquella?... É como um boi manhoso. Conhece os cantos á praça.

D. Bruno riu, e, ajustando a gravata ao espelho, desceu para almoçar.

Entretanto o criado compoz por sua vez ao espelho o bonet, ajustou a fardeta, e, contente consigo, tomou, assobiando, o caminho do Colyseu. Era a hora de entrarem para o ensaio. Pepita, envolta, n'uma capa que todas as extravagancias de D Bruno não podiam pagar, com os dedos pesados de joias, dirigiu-se ao impedido e perguntou-lhe com arreganho:

— A carta?

Elle estendeu-lh'a. Depois pareceu hesitar e disse-lhe baixo:

— Eu tinha alguma cousa a communicar-lhe que talvez a senhora estimasse ouvir.

— Dize

— Aqui?! E se alguem ouvir e me fôr comprometter com o meu tenente? A senhora bem sabe que eu sou militar e estas cousas, cá na tropa, são muito sérias.

Por unica resposta a hespanhola disse-lhe:

— Anda

Atravessaram varios corredores até alcançarem o camarim da gentil criatura Ella sentou-se n'um sophá, deu volta ao commutador da electricidade e leu a carta de D. Bruno. Teve um real desapontamento.

Voltando-se para o impedido, perguntou:

— Que quer dizer isto?

— A senhora não me compromette?

Ella fez um gesto de impaciencia e acciou negativamente com a cabeça.

Então, fingindo fazer-lhe uma grande confidencia, o soldado disse-lhe que uma rica herdeira do Algarve, cuja fortuna orçava por duzentos contos queria casar com seu amo. O pae instava todos os dias para que elle fosse, mas D. Bruno, pela grande paixão que tinha por ella, negava-se terminantemente a partir. O pedido de dinheiro chegou quando elle já não tinha um real de seu. Lembra-se elle de lhe propôr que o deixasse partir, que seria bom para ambos. Elle apanharia boas gorgetas, porque seu amo era generoso e, quando tinha, não o aferrolhava. Ella podia deitar ainda melhores farpellas e andar de automovel.

Pepita, com o rosto apoiado á mão e contemplando complacientemente as scintillações

dos brilhantes que lhe pesavam nos dedos, respondeu ao soldado quando elle se callou:

— És um *niño* atilado!

E, erguendo-se, abriu a bolsa e estendeu-lhe uma desgraçosa moeda de dez tostões que pareceu linda ao 64.

Perfilou-se recebendo-a, fez meia continencia militar e, girando nos calcanhares, desapareceu nas sombras do corredor.

Pepita atirou-se rindo para cima do *sophá*. Se todas as rupturas com tal gente terminam assim, devemos confessar que não são muito custosas.

Voltou o impedido muito ancho a ter com seu amo e disse-lhe:

— Meu tenente, se está bem aqui não se mude. A hespanhola não o procurará.

— Que sabes tu?

Elle, muito vaidoso da sua esperteza, contou-lhe o que se passára

— Não és muito tolo, mas, apesar de tudo, prefiro mudar de hotel. Faze conduzir as minhas malas para o *Hotel Central*.

— O meu tenente manda, mas parecia-me bem escusado

E, de si para si, commentava.

— Se este diabo tivesse a fortuna que eu lhe attribui, não gastaria dinheiro com maior indifferença. . . Parece que tem muito.

— Que estás tu para ahí a rosnar?

— Peço perdão, senhor; não julguei que ouvisse. Dizia eu que a economia não é o principal defeito do meu tenente.

— Não gasto o que é teu.

— Se eu tivesse, meu tenente estava ao seu dispor, exclamou com sinceridade o soldado.

— Está bem, meu rapaz, está bem. Eu sei que tenho em ti um amigo.

E, dando-lhe uma affectuosa palmada nas costas, sahiu rapidamente vendo que o soldado ia a sensibilisar-se.

Estava Manuel de Sousa á mesa do jantar, quando viu entrar D. Bruno d'Almeida, elegantemente vestido á paisana e com uma linda rosa vermelha na botoeira. Ergueu-se, e dirigiu-se ao seu encontro. D. Bruno conheceu o logo e festejou-o com amabilidade.

— Como estão nas Frondes?

— Admiravelmente. Estive lá na vespera de partir

— E demora se?

— Até ao Natal.

— Podemos então fazer a viagem juntos?

— Com o maior prazer. E, se lá se demorar até aos Reis, terá companhia para cá.

— Estimo immenso.

E travaram conversa ácerca das cousas interessantes que Manuel de Souza tinha a ver na capital.

Ao café chegou um dos melhores amigos de D. Bruno que elle apresentou ao administrador das senhoras Paivas. Era um rapaz elegante, fallador, ao facto de quanto se passava nos bastidores dos theatros e nas redacções dos jornaes, e muito sabedor de quanto dizia respeito a equitação e toureio. Fóra d'isso, nada. O seu mundo era aquelle e nada mais o interessava. Mas conseguia prender e interessar os outros. Tinha sempre um dito engraçado, uma anedota espirituosa para contar a tempo, e todos lhe queriam porque era bom rapaz e tinha a rarissima qualidade de nunca fallar mal de ninguém. Chamava-se Marcos Diniz. Manuel de Sousa sympathisou logo com elle. Terminada a refeição, sahiram juntos e foram assistir á recita na Trindade. Marcos Diniz era scintillante de graça. Manuel, que não conhecia aquelle genero de espirito, que só se encontra nos grandes centros, estava deslumbrado. Quando se separaram, Marcos Diniz annunciou-lhe que, como não tinha occupação forçada (vivía dos seus rendimentos) se constituia *cicerone* atravez d'este labyrintho que se chama Lisbôa.

Á despedida, indo já a uns passos de distancia, Marcos perguntou a D. Bruno:

— *Non vás a ver tu maton de Manilla?*

D. Bruno riu e respondeu:

— Fui para o Hotel Central para me livrar de tanto *salero*. O meu impedido não t'o disse?

— Isso sim? O homem é discreto como os que são. E conciso?!

— Uma perola: a inveja dos creados.

E, isto dito, seguiram caminhos oppostos. Com a natural franqueza com que os homens de Lisbôa fallam uns aos outros do que chamam boas fortunas, D. Bruno contou a Manuel de Sousa a sua aventura com Pepita.

Quando elle terminou, Manuel de Sousa perguntou-lhe:

— E não a substitue?

— Por ora, não. Era uma criatura absorvente, intoleravel. Folgo de me sentir em completa liberdade . . . Creia, meu amigo, quanto é demais aborrece, até no amor.

— Não sou perfeitamente da sua opinião. Talvez uma questão de temperamento. Eu...

E a confidencia continuou, mas como era livre de mais para ouvidos femininos, não a quiz escutar, motivo por que a não reproduzo aqui.

## XI

O velho penitente com quem ha pouco travamos conhecimento, anda na horta colhendo folhas de couve gallega para pôr o seu caldo ao lume.

Está um bonito dia de inverno. O sol conseguiu derreter as ultimas neves que agora só alvejam nos cimos dos montes.

Não ha nuvens no ceu, e contudo elle não tem aquelle azul brilhante da antiga bandeira portugueza e do manto da Virgem Maria. É desmaiado, quasi cinzento, mas alegre. Ao longe, sentem-se tilintar os chovalhos d'um rebanho de ovelhas, e na estrada geme, passando um carro de bois.

Feita a colheita, o penitente dirigiu-se para a cabana, lavou escrupulosamente as fôlhas de couve e migou-as na perfeição; depois, poz o caldo ao lume, lavou as mãos e veio sentar-se ao sol. A cabana do velho soffrera varias modificações. Uma cama de ferro estava collocada no canto onde primeiro havia o monte de palha; em logar da

tabua que fazia de mesa, estava uma mesa de mogno rodeiada de commodas cadeiras; uma alta e grossa esteira do Algarve cobria o chão da cabana, e varios utensilios caseiros provavam que uma mulher se interessava pela mesquinha pousada do velho. N'um cesto de vime coberto por um guardanapo, estavam quatro pães de trigo, e sobre a mesa alguns livros da passada geração literaria com luxuosas encadernações. Na parede um relógio, simples, mas bom, agitava o seu pendulo n'um sonoro tic-tac. Soaram tres horas.

O velho sobresaltou-se e murmurou:

— Já! É capaz de não vir hoje.

E o seu rosto annuviou-se cahindo em meditação.

Eis os pensamentos que passaram no cerebro do irmão Marcollino:

— Que estranha cousa é a natureza humana! Quando era rico, não dava valor algum a quanto me cercava. A ideia de que tinha quanto queria e podia obter quanto me appetecesse fazia com que eu não ligasse valor a cousa alguma. Quando abracei esta vida, senti uma especie de voluptuosidade por cada privação que me impunha. E, quando doeí tudo quanto tinha, respirei, como se me tivessem tirado das costas um grande peso. Envelheci e os movimentos tor-

naram-se-me tropegos; mas, habituado ao ambiente que me criára, não sentia falta de cousa alguma. Quiz Deus, ou a fatalidade, que me apparecesse esta rapariga e caridosamente se começasse a occupar de mim. E por cada commodidade readquirida senti uma voluptuosidade maior do que sentira perdendo-as. Não tive coragem de recusar os seus beneficios porque d'elles me resultava um enorme conforto; mas o maior foi ter uma pessoa intelligente e bôa com quem fallar, sem nunca me sentir melindrado pelos seus juizos. . . . Mas, se ella agora deixasse de vir. . . se eu me sentisse de novo só? Que terrivel impressão não seria a do meu desamparo!

E essa impressão que ideava, sentia-a como se se tivesse dado.

N'isto, o tropear d'um cavallo a todo o galope animou-lhe o rosto com uma expressão de jubilo

Dentro em pouco avistou Ildegarda na curva da estrada e, breves segundos depois, estreitou lhe a mão.

— Já imaginava que eu não vinha?

— Começava a receiar.

— Pois fez mal. Eu nunca falto

— Às vezes podia sentir-se doente. . .

— Com o meu feitio não era razão para deixar de vir.

E enquanto fallava abrigava o cavallo, ajudada pelo velho, e retirava lhe da garupa um grande sacco.

Contente, elle reprehendia-a:

— Eu tenho de acabar por prohibir isto. Muda as Frondes para aqui.

— Meu Deus! Que grande exaggero! . . .  
Tinha que fazer!

E, abrindo o sacco, tirou d'elle um elegante jarro de vidro para agua, dois copos, guardanapos, uma toalha, duas garrafas de vinho, carnes frias, fructa e dôce.

O velho soltava exclamações a cada cousa que ella retirava do sacco.

— Venho jantar comsigo. É um appetite que ha muitos dias eu desejava satisfazer.

O irmão Marcollino, ouvindo isto, ficou radiante. E desde esta declaração pareciam dois collegiaes em férias. Tudo era pretexto de alegria e riso.

Animado, pelo imprevisto prazer que Ildergarda lhe proporcionára, o velho fallou do passado. Contou historias da sua infancia e da mocidade. E, como a medica sabia ouvir, se contentava com o que elle dizia e nunca lhe mostrava a mais ligeira curiosidade que podesse ser taxada de indiscreta, elle dava largas ao uso da palavra por tanto tempo reprimido. Entre os varios episodios que lhe contou apontarei este que me pareceu curioso:

— Um dia fui chamado a vêr uma doente que me diziam estar gravemente enferma. (Eu antigamente era medico tambem).

Ildegarda não teve o menor gesto de surpresa.

Elle continuou:

Quando cheguei, vi que ella não tinha nada de grave. Soffria apenas d'uma auto-sugestão. Aproveitei-lh'a fiz-lhe perder momentaneamente os sentidos, pelo cloroformio dei lhe no estomago um lenho superficial interessando-lhe pouco mais do que a pelle e, quando ella voltou a si, mostrei-lhe um grande lagarto apanhado previamente para o effeito.

Convencida, pela vista, de que o bicho, por ella sonhado no estomago, estava tirado, recuperou o appetite e gozou para o futuro d'uma saude florescente.

Ildegarda contou tambem varios casos curiosos passados no hospital de Coimbra durante a sua permanencia n'aquella cidade, e a tarde passou-se mais rapida que um ai.

Antes de se retirar, Ildegarda muito naturalmente arranjou tudo, compoz-lhe o leito e deu á cabana aquelle alinho e conforto que só uma mão de mulher sabe dar. Depois, pegou na roupa suja deitou-a para dentro do sacco e foi pô lo na garupa do cavallo. Em seguida apertou a mão do irmão Marcollino

e, saltando agilmente sobre a sella, partiu a galope, gritando ao bom velho:

— Até depois de amanhã.

Voltando da porta, que fechou sobre si, o velho penitente, como tão impropriamente era conhecido, sentou-se junto da mesa, agora coberta por um panno e, accendendo a luz, pegou n'uma linda *Imitação de Christo* com a capa de marroquim vermelho e gravuras de ouro. Abriu ao accaso e leu:

«Se não podes fazer te a ti tal qual desejas ser, como queres ter o outro á medida do teu desejo!»

«De bôa vontade queremos os outros perfeitos, e não acabamos de emendar os defeitos proprios. Cerrou o livro, e, puxando para a sua frente papel e tinta, escreveu uma lição de moral sobre os trechos acabados de lêr.

Uma grande necessidade de trabalho substituiu n'elle a quasi ociosidade d'uma vida contemplativa.

Depois de pousar a penna, leu duas vezes o seu trabalho e ficou contente com elle. Guardou-o na pasta na intenção de o lêr a Ildegarda e, enterrando-se commodamente na poltrona, começou este soliloquio:

— Accorda em mim a necessidade de empregar o espirito, á medida que o corpo entorpecido se recuza ao movimento. E, de

quanto me havia desinteressado volta o encanto. Ai como tudo é passageiro no coração do homem! Porque não creei eu uma familia? Teria agora filhos á volta da minha mesa e conforto no lar. Como uma arvore que não dá fructo, e secca o machado do proprietario como cousa inutil, assim eu na vida mereço a morte, porque não cumpri a minha missão. Que triste é o despertar da consciencia, quando os annos passaram sobre o tempo e conhecemos que os vivêmos mal e não podemos refazer o que lá vae! «O vento, que parece desarreigar as oliveiras do meu horto e passa ululando sobre o colmo que me abriga, tem queixas que se assemelham ás da minh'alma torturada pela dôr do desamparo que nunca senti tão fortemente como desde que um affecto filial me rodeiou dos seus extremos.

Ai! O que eu dava para poder refazer a vida! Não me peza um acto indigno na consciencia, tenho praticado grandemente a caridade, mas de que serve tudo isso, meu Deus?

«Foi o egoismo o unico mobil das minhas acções. Misericordia, meu Deus! que a minha alma geme e chora como o vento que parece desarreigar as oliveiras do meu horto.

E dos olhos do velho cahiam realmente

lagrimas em fio. A ideia de morrer alli, só, sem que uma mão amiga lhe cerrasse as paipebras, apresentou-se lhe ao espirito e encheu-o de terror.

Como elle havia mudado!

Ainda não passára muito tempo desde que elle, a sós comsigo, dissera assim:

— Morrer só! Suprema ventura para aquelles que envolta de si não encontram almas sinceras. A morte é, como o nascimento, um acto natural. Consumma-lo no silencio e na paz é um grande bem. Aquelle que cerra as palpebras para o ultimo somno, enquanto os herdeiros pensam em disfructar o melhor quinhão, é tres vezes desgraçado. Porque, com os olhos abertos á verdade, desprezará a mentira da vida, verá nos que amou mesquinherias de interesse e lamentará os esforços que fez em vão para merecer um affecto sincero, affecto que lhe faltou até na derradeira hora, apressada pelo excesso de trabalho para lhes dar conforto. Ai! como são dignos de piedade a maioria dos que não morrem sós!

Como o leitor vê, era radical a mudança operada no espirito do velho. Em muita espontanea, e em muitissimo preparada por Ildegarda. Depois de quanto leram não se admirarão se eu lhes disser que dois dias antes da vespera de Natal uma carruagem parou

perto do horto e Ildegarda, apeiando-se, subiu á cabana de Marcollino. Chegando alli, em vez de responder ás jubilosas saudações do velho desenrolou um pacote que trazia, tirou d'elle um frasco de gomma e um grande papel tendo escripto em grossos caracteres :

Quem quizer fallar ao irmão Marcollino procure-o na quinta das Frondes, aldeia de . . .

Depois, pegando n'um grande e amplo gabão e n'um chapéu de feltro do qual lhe tirara a medida artificialmente, pôz lhe, um na cabeça, outro aos hombros, e estendeu-lhe um par de botas de panno, affirmando:

— Podem peccar por grandes, mas servir, servem com certeza.

O velho estava attonito. Quando voltou a si d'aquelle immenso espanto, reagiu com toda a força da fraqueza que a sua consciencia lhe accusava, e disse terminantemente :

— Não vou !

Então Ildegarda chorou. Disse-lhe que elle lhe não tinha amizade, e que D. Bruno ia chegar. Ella não tinha em casa uma mulher respeitavel. Silvestre era um anjo, mas aos olhos malevolos do mundo não passava d'um criado que executava as ordens que lhe davam. E, tão bem demonstrou a necessidade que tinha durante o Natal da sua respeita-

vel presença que, achando um pretexto para transigir, como aliáz era desejo seu, acabou por enfiar o gabão as botas e pôr o chapéu. Depois, fechou a cabana á chave, verificou que o letreiro estava bem collado e, apoiando-se ao braço de Ildegarda, disse-lhe n'um tom de intima satisfação, que não pôde reprimir.

— O homem põe e Deus dispõe. Julguei que até morrer os meus olhos não disfructariam outra paisagem.

Ildegarda sorriu enigmaticamente e não respondeu. Depois de fazer o velhinho subir para o trem, bateu com violencia a portinhola e gritou ao cocheiro com o ar do vencedor que ganha uma importante batalha:

— Para as Frondes!

A carruagem partiu.

Ildegarda quiz levantar a vidraça do lado do irmão Marcollino.

Elle protestou:

— Não, deixe-me vêr e aspirar este ar que me parece differente. Não é crime gozar os bens que a natureza nos dá.

Gaiatamente, Ildegarda observou-lhe:

— Isso é conforme. Ha muitos bens que a natureza nos dá e que não seria positivamente virtude aproveitar.

— Sempre garota! O que é aquillo alli? perguntou interessado o velho.

— É a casa das senhoras Paivas, a quinta das Mouras. Parece que está muito perto, mas, d'aqui lá, são uns oito kilometros.

— Eu, para este lado, não conheço a região. A estação de que me servi para vir aqui, e para as varias idas que depois fiz á cidade, foi a do povo que fica sobranceiro ao valle.

— Melhor, mais bonita lhe vai parecer a paisagem. É agreste, majestosa, abundante d'agua e vegetação. São tão bellas as nossas montanhas, que eu, se tivesse de viver eternamente longe d'ellas, morreria de saudade. Quando estive em Coimbra, parecia-me que estava cumprindo uma condemnação. Mas, logo que soava a hora de começar as férias, estava tudo prompto. Já não dormiamos lá. Os meus velhos tinham tanta ancia de partir como eu. Ai! que alegria se sente no regresso ao lar quando levamos o coração quente das affeições que nos rodeiam! É como hoje estou mais contente do que Napoleão ao vencer a batalha de Iena!

O velho sorriu com bonhomia e commentou:

— As suas comparações são sempre bellicas, minha filha.

— Dize me com quem lidas...

É exacto. Esta casa grande, que eu descubro á esquerda, com persianas pintadas de verde?...

— É a casa dos Arcos, onde móra o tal meu primo que se lembrou de me fazer a espera.

— É verdade, nunca me disse se o seu cão se tinha restabelecido completamente.

— Ainda coxeia um pouco, mas tenho esperança de que fique sem defeito.

— E o seu primo?

— Oh! Esse ha de lembrar-se toda a vida de que a minha pontaria é certa. Fiz quanto em mim coube para reparar o mal que lhe causei. Não o consegui e, com franqueza, não posso ter pena.

— Esse dito não me parece seu.

Pois é e naturalissimo em mim. Os militares passam a vida a treinarem-se para matar bem. Quando matam muito, são heroes. Sempre que acertam no alvo, alegra-os a segurança com que podem matar, se quizerem. Marcando meu primo onde quiz, tive a satisfação de saber que o teria morto se me desse para não ser generosa. Depois, que elle se iembre toda a vida não é mau. Servir-lhe-há de lição.

— E se lhe accordar o desejo de vingança?

— Eu tomei as minhas precauções.

E Ildegarda contou rapidamente ac irmão Marcollino o que dissera a Paulo depois de o ferir.

O velho ouvia-a com atenção. Quando ella terminou aconselhou-lhe:

— Tenha cautella. Esse homem, se perde completamente a esperança de a possuir, vingar-se-há.

A medica encolheu os hombros com indiferença e apontou-lhe, não sem alguma vaidade, o vulto pardacento e severo das Fron-des dizendo simplesmente:

— A minha casa é alli.

— Tem um soberbo aspecto.

— Selvagem como a dona.

— A dona calumnia-se, sempre que pode.

Momentos depois, o trem atravessava a ponte e parava em frente da porta pincipal que Silvestre se apressou a vir abrir.

— O meu 41, disse Ildegarda apresentando Silvestre.

Este estava de orelha murcha, tinha o aspecto de quem receiava no recémvindo um rival no coração de Ildegarda; mas a cordealidade do irmão Marcollino desarmou-o. Abrindo os braços ao veterano, o penitente disse:

— Um apertado abraço. Tem sido verdadeiramente o pae de sua ama. As dedicações assim são raras em todos os tempos.

Para encontrar o caminho do coração de Silvestre não era preciso mais.

Retribuiu o abraço expansivamente e desanuveou-se-lhe o rosto.

Ildegarda quiz que o velhinho visitasse as casas principaes e a capella; mas como, ao sahir d'esta, elle se mostrasse fatigado, a medica mandou servir o jantar e apoz elle offereceu-lhe o braço e conduziu-o ao quarto que lhe tinha preparado dizendo-lhe que, se precisasse de alguma cousa, tocasse a campainha.

Ficando só, o velhito ajoelhou-se no lindo genuflexorio de Ildegarda que ella lhe puzera no quarto e murmurou uma curta prece. As emoções da tarde tinham-no exgotado. Mal descansou a cabeça nas almofadas, cahiu n'um somno profundo e reparador que havia longuissimas noites não dormia.

Ildegarda e Silvestre, sentados na livraria, aqueciam-se ao fogão onde se consumiam achas de lenha e toros de pinheiro.

O veterano affirmava:

— Era o maior gosto que a minha velhinha podia dar ao seu 41.

— Tanto basta, meu amigo, para que eu o faça, se me for possível.

— Então que impossibilidade pode haver?

— Varias. Em primeiro logar pode elle não gostar de mim; em segundo, pode estar pelo casamento, mas não querer renunciar á sua carreira. Eu não tenho animo de sahir das Frondes. Em terceiro, posso não ter d'elle

informações que abonem o seu caracter. Qualquer d'estes pontos é de importancia bastante para que o consorcio, ambicionado por ti, se não realise.

— Concordo com dois dos pontos que a vêlhinha expõe, mas ha um contra o que me revolto e que nenhum homem de caracter pode acceitar: o abandono da sua carreira. Pois um rapaz que aos vinte cinco annos está tenente, que tem diante de si um futuro radioso, que é *militar*, que tem a honra de o ser, ha-de tornar-se *paisano* (e este paisano era dito com um desdem inimitavel) por um simples capricho de mulher?

Ai! não. Ou elle não é o homem que eu penso çu nada o fará quebrar a espada, a não ser que ache indecoroso servir-se d'ella.

A indignação do 41 era soberba.

Ildegarda, quando elle acabou de fallar, murmurou:

— Tens razão. Mas eu não tenho animo de me separar de ti, de deixar esta casa, o cemiterio, e o bom irmão Márcollino, tudo isto para seguir um bonito rapaz que nada me diz ao coração.

Por sua vez o veterano concordou:

— Tambem tem razão.

— Já vês, tornou Ildegarda entre contente e contrariada.

— Talvez a Providencia nos depare um

meio de conciliar tudo. E depois de momentos de reflexão, suggeriu.

— E se elle podesse ser collocado no regimento da Villa?

— Talvez mas não entendo nada d'isso. Veremos. Por agora não nos occupemos do futuro e gozemos do presente.

— Está dito.

E fallaram no velho penitente, na caridade que era se conseguissem conserva-lo nas Frondes, ua vinda de D. Bruno, no pé do primo Paulo, na ausencia de Manoel de Sousa, etc. E, ao baterem onze horas, recolheram-se aos quartos e não dormiram peor do que o santo velhinho que pela primeira vez descansava sob as telhas hospitaleiras do velho solar.

## XII

### *Do Diario de Manuel*

Fez-me bem ao espirito esta vinda a Lisboa. A vista de cousas que não conhecia, os negocios importantissimos que tenho entre mãos, o estudo a que me dei do character de D Bruno, tudo isso concorria para não me deixar pensar e me adormecia as dores d'alma. Um dia porém, entrei n'uma livraria da rua do Oiro e examinando o que por lá havia de litteratura estrangeira, saltou-me aos olhos um nome: Ackremann. Não era para mim um nome desconhecido, mas não tinha lido senão raras producções suas, todas maravilhosas

Comprei.

Entrando no hotel, sentei-me junto da janella, abri o livro ao acaso, e li:

*Après tout, si l'amour n'est qu'erreur  
et souffrance,  
Un cœur peut être fier de n'avoir point  
aimé.*

Quando temos n'alma adormecida uma dor, o mais pequeno incidente serve a despertar-la. Bastaram estes dois versos para me fazer lamentar a minha estulta e intempetiva paixão. Depois querendo esquecer-me, tentei absorver-me na leitura. Não me foi difícil mas a minha alma de fervente catholico sentia horriveis calefrios, sensações de pasmo e indignação, ao ver sahir de labios femeninos aquellas grandiosas blasphemias que eu na minha pequenez comparava ao temivel bramir das vagas quando, quebrando-se furiosamente de encontro ás rochas, parecem querer submergir a terra no seu seio.

Eu sou uma natureza fraca, impressionavel que a mais pequena emoção abala fortemente.

Quando acabei a leitura, tinha a cabeça em fogo e sentia febre.

Metti-me no leito. D. Bruno, admirado de me não ver ao jantar procurou-me no quarto.

— Está doente? perguntou-me inquieto.

— Não. É um accesso de febre nervosa. Sou sujeito a estes achaques, que não tem gravidade alguma, mas incommodam.

— Não quer que lhe mande um caldo?

— Obrigado. Para isto o melhor é o repouso absoluto e não carregar o estomago.

— Se tiver necessidade de alguma cousa, não faça cumprimento.

— Abusarei com toda a franqueza do seu offerecimento.

Elle tornou a fechar a porta e na minha cabeça em estado de recrudescente exaltação, combatiam-se violentamente ideias contrarias ao bom senso que ultimamente me tinha guiado os passos. Dizia eu :

«Não ha nada que me faça voltar para as Mouras. Não quero aturar minha mulher. Tenho-lhe horror. A mim o que me convem é ficar aqui, arranjar uma hespanhola, como Bruno teve, e divertir-me. A vida são dois dias. Toma-la como um pezado fardo, quando ella pode ser um manancial de gozo, é uma estupidez que não tem qualificação possivel.»

E via-me no Colyseu, com um elegante monoculo, assistindo aos trabalhos equestres, vestido como um d'estes peralvilhos que occupam o pensamento em não ter uma prega na calça.

Emfim um typo quasi de caricatura, e que o será logo que a moda passe se tiver tido a infeliz ideia de tirar o retrato assim.

Olhava a minha *estrella* que furava arcos de papel. enquanto os palhaços davam cambalhotas na arena. A estas scenas succederam outras não menos disparatadas. Via Ildegarda no tribunal da Boa Hora, vestida de beca, advogando e dando uma solução favoravel á questão das senhoras Paivas. Con-

tente pelo inesperado successo, quiz levar-lhes promptamente a noticia e, metendo-me n'um barco, sahi a barra, luctando contra a violencia d'uma grande força de mar.

Creio que levei toda a noite assim. Ao romper do dia, quando accordei, vi D. Bruno embrulhado no seu capote militar, sentado á cabeceira do meu leito.

Ao movimento que fiz, elle ergueu-se e perguntou:

— Quer alguma cousa?

A minha inconsciencia era tanta que, em vez de lhe agradecer a prova de interesse que me dava velando-me o somno, respondi-lhe simplesmente:

— Agua.

Elle affastou-se um instante e voltou trazendo-me um copo com agua.

Bebi-o d'um trago e, cahindo nas almofadas, adormeci profundamente.

Quando tornei a acordar. D. Bruno estava sentado da mesma forma que de madrugada o vira, mas d'esta vez dormia. Um suspiro voou-lhe dos labios e o nome de Ildegarda chegou-me aos ouvidos mortificando-m'os.

Quando o impedido de D. Bruno veio bater levemente á porta do quarto, o tenente ergueu-se, entreabriu a porta, e disse-lhe simplesmente:

— O Dr. Sousa Martins.

É inutil, affirmei eu.

— Marche, ordenou o meu improvisado enfermeiro.

Quiz fallar, mas, por um gesto, elle indicou-me que o não fizesse.

Accedi, porque me sentia tão fraco que o mais pequeno esforço me era extraordinariamente penoso.

Cerrei as palpebras e cahi n'uma somnolencia que nada tinha de agradável.

Não sei quanto tempo se passou podia ser muito ou nenhum. A porta abriu se e eu vi entrar uma das mais feias e mais intelligentes caras de homem que tenho visto em toda a minha vida.

Mandou abrir para traz as portas das janelas, tomou-me o pulso, auscultou-me, quiz ver-me a lingua e declarou :

— Não vale nada.

— Eu já tinha dito a este senhor que era atreito a estas febres.

— Sim, o senhor é um nevrotico. Alguma forte impressão moral?

— A causa a que attribuo o meu estado é ridicula: uma simples leitura.

— E porque não?

N'um tom imperativo, que tão bem ficava á sua figura e á sua voz, elle ordenou.

— Vai tomar um calmante e um pouco

de quinino. Repouso absoluto. Em dois dias deve estar bom.

Despediu-se de mim seccamente trocou com Bruno algumas phrases risonhas e amigas, que me admiraram porque a impressão que senti ao vê lo, é que não saberia sorrir. E, ao retirar se atirou-lhe com bonhomia estas palavras:

— Aparece á noite para conversarmos.

Eu ia fazer as minhas observações a Bruno ácerca da impressão que o medico me fizera quando elle, pondo me um dedo nos labios, me voltou as costas sem cerimonia.

Ai! a disciplina militar é a cousa mais terrivel que conheço. Iminterpreta as ordens á letra e d'alli não ha desviar um passo. Tive de o sentir durante os dois dias que se seguiram.

Ao fim d'elles, quando menos esperava, entrou me Sousa Martins pela porta dentro e, voltando se para Bruno depois de me examinar, disse gracejando:

— Não ha como este José Thomaz para dar saude a quem a não tem. Ris-te? É pelo menos a opinião d'uma sobrinhita que lá tenho. Ha dias foi com a mãe á igreja. Estava desinquieta, voltando-se para traz a todo o instante. A mãe reprehendeu a, dizendo:

— «Tu não te envergonhas de estar na

igreja com tão pouco respeito? Diante de nosso Senhor, pregado na cruz e cheio de chagas, tudo por nosso amôr?

«Ella ouviu com muita attenção e, mal a mãe terminou, volveu-lhe promptamente:

«Então, se o Pae do ceu está tão doentinho, porque não vae elle á consulta do José Thomaz?

«Posta a questão n'este pé, era irrespondivel, pelo menos alli.

«Eu, quando me contaram o caso, cresci um palmo no meu proprio conceito e descri do proverbio que affiança não fazerem milagres os santos de casa. Você está vendo a conta em que a pequerrucha me tem.

Rimos todos com a graciosa anecdota e elle sahiu, apertando-nos cordealmente a mão.

— Que sympatica criatura!

— E' um anjo, volveu-me D. Bruno com calor. Se eu começasse a contar-lhe casos da sua inexcedivel caridade, não acabava nunca.

Marcos Diniz, sabendo que já me era permittido fallar, veio trazer me a alegria da sua chistosa conversa. D. Bruno aproveitou e sahiu.

— Este seu amigo, disse eu a Marcos logo que ficamos sós, parece-me uma excellente criatura. Mal me conhece e tem-me

tractado como se eu fôsse um companheiro de longos annos.

— Tem um grande coração e era digno de melhor sorte.

— Porquê? Não é feliz?

— Não é nem deixa de ser. Mas não tem a vida para que estava destinado.

— Ah! conhece-o ha muito?

— De crianças. Andamos juntos no collegio onde elle teve sempre os primeiros premios. Filho unico, era adorado pelos paes. A mãe morreu-lhe cedo. Eu julguei, e comigo todos, que elle não resisteria ao desgosto. O pae morreu o anno passado. Fechou a casa, que era propria, e nunca mais lá entrou. Anda na sociedade como um pária. O pae tomava-lhe muito tempo. Era elle que o tractava, que lhe lia para o distrahir, quando tinha insomnias, que lhe dava os remedios, etc. Elle costumava dizer cansado de o vêr penar: «é a minha cruz». Mas quando se viu sem cruz, não comprehendeu a razão de existir.

— Foi então que se lançou na extravagancia? perguntei eu insidiosamente.

— Na extravagancia? Elle? Bem se vê que o não conhece. Teve, é certo, algumas aventuras como todos os homens em plena liberdade. Mas enfastia-se depressa. A maneira porque viveu e os habitos que contra-

hiu desde muito novo, talharam-n'ò para dar um bom chefe de familia.

— E nunca pensou em se casar?

— Não é facil. Elle tem muito bom senso. Não poderia fazer a corte a sério a uma d'estas mulheres que estudam os movimentos ao espelho, põem a sua gloria no chapéu e passam nas ruas a contemplarem-se em todas as vidraças dos mostradores. Sem se sentir prezo pelo coração, não é homem que dê o passo fatal. E chegar a interessar-lh'ò é difficil.

Tudo que Marcos me dizia era contra os meus desejos, mas eu estimava ouvir-lh'ò. Havia em mim uma grande ancia de me sacrificar ao bem de todos, em vez de os sacrificar ao meu. Senti uma dôce voluptuosidade em poder no dia seguinte escrever uma carta a Ildegarda e dar-lhe do seu primo excellentes informações.

Chegou a ante-vespera de Natal e partimos. Marcos acompanhou-nos á estação e prometeu esperar-nos no regresso. Era um excellente moço que, mal o conheciamos, incluíamos inconscientemente na conta dos amigos.

No compartimento em que entramos, iamós nós, uma rapariga dos seus quinze annos e o irmão que parecia não ter mais de vinte. Estava o comboio quasi a largar,

quando appareceu um velho, uma velha ro-tunda e exotica, e um elegante rapaz vestido á paisana, mas tendo prezo nas correias que cingiam o malote um capote á militar e uma espada. O rapaz saltou agilmente para a car-ruagem, arrumou o malote na rêde e esten-deu as duas mãos á velha que — n'aquelle tempo! — vestia guarda-pó e levava a cabeça envolta n'um grande veu azul com receio da poeira, que não existia. Ella estendeu-lhe o chapéu de sol dizendo :

— Arrume primeiro o *mimoso*, senão não poderei subir.

Impaciente, o velho instava: — Avia-te senão ficaremos em terra.

O rapaz voltou presto a estender-lhe as mãos e eu, vendo que elle corria risco de cahir atraz do enorme pezo ajudei do lado emquanto o velho empurrava por detraz. Emfim içou-se a basilica e o velho subiu com relativa agilidade.

Entretanto a sua cara metade, com aspe-cto muito risonho, foi sentar-se no extremo da carruagem em frente da rapariga, dicen-do lhe :

— Eu, apezar de velha, gosto de gente moça. Alegra-me. E' por isso que me ve-nho sentar junto da menina.

A rapariga sorriu e não retorquiu cousa alguma.

— Vae para muito longe?

— Apeio-me na quinta estação.

— E' pena. Eu vou até ao extremo da linha e estimava ter tão graciosa companhia... Mas agora reparo, leva na rede um selim de amazona! Pelo que vejo é cavalleira?

— Gosto muito de andar a cavallo.

— O meu enteado tambem.

O velho, até ali callado, asseverou:

— E' um magnifico exercicio.

— Tem cavallos? volveu a velha curiosa.

— Em Lisboa tenho, na aldeia monto no do medico, que é um excellente animal, que elle ainda não conseguiu estragar, apesar do muito que para isso tem feito.

E, animada pelo assumpto, que parecia interessar lhe, a rapariga, vendo que era escutada com attenção continuou:

— Eu não contesto que medicos e padres sejam excellentes pessôas, mas o que são sempre são pessimos cavalleiros.

O rapaz sorriu divertido e a velha perguntou:

— Porquê?

— As suas profissões impedem n'os geralmente de se interessarem por questões de *sport*. Criam habitos e gostos mais ou menos semelhantes aos das mulheres, e atrophia-se-lhes a valentia natural do homem,

o prazer sempre grande de arriscar a vida. D'aqui a maior covardia e cuidado nas suas pessoas.

O velho tornou a abrir a bocca para dizer :

— Tem uma certa razão no que diz, mas toda a regra tem excepção.

Estouvadamente a rapariga volveu :

— Eu não lh'as conheço.

E erguendo se poz se á portinhola de ca-beça de fóra.

— Não tem frio? perguntou a velha.

— Algum, mas ha mais de seis mezes que não tenho o prazer de estender a vista por estes campos. Eu criei me aqui.

— Prefere o campo á cidade?

— Imcomparavelmente.

E, mal acabara de pronunciar esta palavra, retirou da portinhola com a mão n'um olho.

— Que é? perguntou a velha com sollicitude.

Uma faulha de carvão que me entrou para o olho.

— Deixa ver, disse-lhe o irmão. E soprou-lh'o fortemente, perguntando depois :

— Então?

— Nada. Não sai.

E as lagrimas borbulhavam no olho attingiõ e tudo se congestionava em volta.

— V. Ex.<sup>a</sup> permite-me que eu veja? perguntou o rapaz.

— Com altivez, ella volveu-lhe:

— Obrigada. Não preciso.

A velha entendeu dever explicar: — É que o meu enteado é medico.

Então, sorridente, sem se desconcertar, a rapariga voltou-se para elle e disse lhe:

— Então, doutor, se traz uma pinça tire-me este demonio, e vingue-se como os padres e os medicos o costumam fazer. Entrego-me nas suas mãos.

O rapaz tirou uma carteira do bolso escolheu a pinça e affirmou:

— Vou vingar-me.

Ella poz as mãos atraz das costas e estendeu o rosto.

Com uma delicadeza de mão infinita, que provocou apenas á rapariga uma ligeira contracção, elle retirou-lhe do olho onde estava bem cravado o pedacito de carvão.

— Vê?

— Vejo.

— Peço os meus honorarios.

— Quanto quer?

— Justiça.

— Como?

— Convido-a em nome de minha mãe e no do meu pae a ir com seus paes e irmão passar quinze dias ao Giestal e fazer-me um

exame de equitação. Promette que vae?

— Eu não dependo de mim, mas farei o possível.

Os velhos reiteraram com insistencia o convite.

E a conversa cahiu sobre outros assumptos. Eu e D. Bruno fômos divertidissimos. Quando a rapariga se apeiou, os commentarios ainda foram mais curiosos. Ao apeiar-mo-nos, D. Bruno murmurou-me :

— Tinha graça que d'alli sahisse um casamento. . . Elles são sympaticos.

— São. Mas a velha sobretudo é deliciosa.

Silvestre e o impedido de D. Bruno e o caseiro das Mouras vieram receber-nos e, com muito pezar meu, seguimos caminhos oppostos. Ao sahir da estação cruzei com o primo Paulo. Elle ia affastar-se, desejoso de que eu o não visse, mas querendo certificar-me, chamei-o.

— Senhor Paulo, ó senhor Paulo?

Elle voltou-se, como se não me tivesse ouvido da primeira vez.

— Então como passa? Já está inteiramente restabelecido?

Seccamente respondeu-me :

— Estou o melhor que posso estar. Tenho muitas dôres, muitas, e arrasto um pouco o pé.

— Isso ha de passar, se Deus quizer.

— Não creio.

— E sua mãe como está?

— Muito bem, muito obrigado.

— Pois não quero tirar-lhe tempo nem demora-lo ao frio. Desejei apenas dar-lhe as boas festas

— Tambem lh'as desejo alegres.

Boa noite.

Separamo-nos e eu fui pensando:

— Que diabo veio fazer este typo á estação? Não esperava ninguem . . . Teria alguma suspeita da chegada de D. Bruno? Seria para se certificar da vinda d'elle ou da minha?

E, em quanto o caseiro das Mouras, com o meu malote ao hombro, me ia pondo ao facto do que accorrera durante a minha ausencia, eu continuava sem o ouvir:

Hum! Por bom não estava elle alli . . . Isso não estava.

### XIII

Paulo, separando-se de Manoel de Sousa, murmurou enraivado:

— Raios o partam! Aquelle diabo tem olhos de lynce. Pois eu, com este gabão e este carapuço, parecia-me que não estava reconhecível. Com que então o priminho da cidade vem cá passar o Natal heim? Pois affianço-lhes que o hão de ter alegre.

E mordia os beiços até lhes fazer espirrar sangue.

Entrando em casa, dirigiu-se ao quarto da mãe.

Esta, logo que o viu, perguntou com vivo interesse:

— Veio?

— Veio, disse elle, deixando-se cahir sobre uma cadeira.

— Então, meu filho, aconselhou prudente e affectuosa a mãe, tira d'alli o sentido. Já não tens tido poucos desgostos por causa d'aquella mulher. Depois continuou ella no in-

tento de o consolar e sem se importar de calumniar a sobrinha, tu sabes lá se ella é doida ou não, tudo leva a crêr que sim. Criada sem mãe, sósinha, senhora absoluta de todas as suas acções... Quem sabe lá?... quem sabe lá?... Olha que se agora te custa, porque tinhas posto isso no sentido, tempo ha de vir em que te regosijes por a Providencia te ter livrado de semelhante peste.

— Não creio.

E, dito isto, foi fechar-se no quarto.

Abriu machinalmente a gaveta, onde guardava o revolver e murmurou :

— Está sujo. Precisa ser bem limpo.

Tornou a fechá-la e atirou-se vestido sobre o leito.

— Proceder sem exacto conhecimento das cousas é imprudencia. Preciso certificar-me inteiramente de que a minha causa está perdida. Então eu lhes direi...

E voltava-se á direita e á esquerda sem conseguir conciliar o somno. Viu nascer o dia, fazendo planos de vingança, todos mais tetricos uns do que os outros.

Quando o sol já ia alto, adormeceu.

Quando deu meio dia, a senhora D. Dulce, inquieta pela desacostumada ausencia, entreabriu suavemente a porta do quarto e espreitou.

O sôl batia na cabeça de Paulo que escondera o rosto na roupa por um movimento inconsciente.

— Pobre filho! murmurou ella.

E entrando pé ante pé, foi cerrar-lhe as portas de madeira e retirou-se com as mesmas cautellas com que entrara.

Voltou aos seus aposentos. Alli, encostou-se aos pés da cama, apoiou o rosto nas mãos e meditou. Quando ergueu de novo a cabeça, tinha tomado uma grande resolução. Chamou a sua criada de quarto e ordenou:

— Diga ao João que ponha immediatamente a sége, e venha-me ajudar a vestir.

Admirada, a criada executou a ordem recebida, sem commentarios.

— Que vestido quer, minha senhora? perguntou ella entrando de novo

— O de damasco preto.

— Onde irá a minha ama tão tafula, pensava a Augusta do Rosario.

— Eu devo acompanhar V. Ex.ª?

— Não. Vou só.

— A senhora Augusta não podia crêr nos seus ouvidos.

Terminada a longa *toilette*, que mereceu n'aquelle dia a D. Dulce especiaes cuidados, desceu ao atrio, teve cuidado de subir para o trem com o pé direito, e, depois de se persignar vagarosamente, ordenou ao cocheiro:

— Para as Frondes.

A velha sege partiu, dando solavancos que dariam cabo dos rins de D Dulce, se ella não fôsse da epoca da sege.

Pelo caminho a mãe de Paulo rezava o Rosario com grande devoção. Tin'ha-o já concluido ha mais d'um bom quarto de hora, quando a sege parou á porta principal das Frondes.

Ildegarda assomou com D. Bruno á janella da livraria e vieram ambos a baixo receber a velha senhora.

Apeiou se ella, sem grande esforço e, acceitando o braço que D. Bruno lhe offerencia, subiu a escada pensando na maneira por que havia de insinuar aos seus jovens parentes a inconveniencia de estarem juntos n'uma casa sem que alguem de respeitabilidade, etc, etc.

Mas eis que, ao pôr o pé no ultimo pata-mar, lhe apparece a veneranda figura do irmão Marcollino, envolto no seu habito castanho e com a linda e cuidada barba cahida até a cinta.

Ildegarda fez a apresentação, concluindo por dizer, tão bem conhecia a malevolencia de sua tia:

— Como vê, tenho agora a mais respeitavel e santa protecção, que se conhece em dez leguas ao redor

O irmão Marcollino teve um gesto de protesto, e D. Dulce encareceu a opinião da sobrinha, querendo por fôrça beijar a manga do santo penitente.

Entraram para a livraria, conversaram em varios assumptos e D. Dulce, depois de alguma hesitação, pediu:

— Acompanhas-me á capella, menina? Desejo ir orar pelo Paulo. A senhora das Frondes é tão milagreira.

— E' verdade, e como está elle?

— Custa-lhe muito a mexer-se. Aquelle malvado apromptou o para todos os dias da sua vida.

— Tambem digo, respondeu Ildegarda inadvertidamente. E acompanhou a velha senhora.

Mal tinham dado uns passos no corredor, quando ella lhe disse com voz tremula:

Menina, desejo fallar-te em particular.

Ildegarda encaminhou-se para o antigo escriptorio de seu avô e, offerecendo uma commoda cadeira a sua tia, sentou-se em frente d'ella e esperou.

A velha senhora recolheu se uns instantes e finalmente disse:

— Que ideia fazes do meu Paulo?

— Que é um excellente rapaz, embora um pouco leviano.

— E de apparencia que tal o achas?

— Gentil.

— Que responderias então se eu te pedisse para o desposar?

— Que não,olveu promptamente Ildgarda. Nem os nossos gostos, nem as educações que recebemos, nos asseguraríamos a felicidade. A mulher que convem a meu primo é uma criatura pacífica e bôa, habituada a obedecer e que se sintafeliz com o menor gesto de aprovação que o seu senhor lhe dispense. Comigo estaria em conflito permanente e acabaríamos por jogar a pancada.

— Minha filha, tu desconheces inteiramente o poder do amor. Muda os genios mais asperos. Se soubesses qual era o meu feitio e o que eu aturei a teu tio!

— Acredito. Mas, como não tenho amor pelo primo Paulo, essa transformação no meu character não se podia dar. Demais, não tenho vontade alguma de soffrer. E' mesmo uma cousa incompativel com o meu feitio.

— Não posso então ter esperança em que, reflectindo, me dê outra resposta?

— Nenhuma.

— Tenho muita pena. Affaguei longos annos o sonho de te tornar minha filha. . . Paciencia. Quanto Deus faz é pelo melhor.

— Acredite, minha tia, se nos casasse hoje, quinze dias depois daria tudo para que tal disparate se não tivesse realisado.

Era tal a convicção com que Ildegarda affirmava isto que, abalada, a senhora D. Dulce concordou :

— Talvez tenhas razão.

Dando por terminada a conferencia, a bôa senhora foi fazer as suas orações e retirou-se quasi contente, dizendo consigo :

— A Ildegarda tem razão, não é mulher para o meu Paulo. Não tem mesmo nenhuma das qualidades necessarias para dar uma bôa mãe de familia.

Ildegarda, vendo da janella sumir-se a sege, tinha nos labios um ironico sorriso que D. Bruno e o irmão Marcollino notavam sem o comprehender bem. Silvestre, chegando á frente da casa a arejar os freios do Raio, perguntou com a rudeza que lhe era habitual :

— O que lhe queria a coruja, velhinha?

— Adivinha?

— Sei lá!

— Pedir-me em casamento para o primo Paulo.

A noticia causou sensação. E Ildegarda, que afinal de contas era mulher, não deixou de achar uma certa graça a observar, ao da-la, o rosto de D. Bruno.

— E que lhe respondeu? voltou o 41.

— Essa pergunta agora não me parece tua! Que não.

— Pois está visto, voltou consolado o ve-

lho. O que faltava era entrar na familia um paisano e dos de peor especie.

Todos riram da exclamação e Ildegarda, sentando-se n'uma cadeira de balouço, affirmou ao irmão Marcolino :

— Coitados! Aquillo d'um certo modo é inconsciencia. Nos Arcos, considera-se ainda a mulher um animal necessario para a bôa arrumação da casa, vigilancia das inumeras servas, perfeição nas passagens das meias dos senhores e confecção dos dôces. Quando um dos senhores falla, treme a terra, e a pobre mãe, apesar de ser naturalmente egoista, vôa ao menor gesto d'um dos meninos. Sente-se velha e entendia que eu podia secunda-la. Longe vá o agouro! Ella tem em Murtadella uma collecção de parvas, todas lindas, muito mais novas do que eu, e que qualquer d'ellas ficará radiante, se fôr escrava do lindo primogenito da casa dos Arcos. Para mim, é muito tarde para aprender a obedecer.

O irmão Marcollino observou-lhe :

— Não gosto de a ouvir fallar assim. Para saber mandar olhe que é preciso saber obedecer, não é verdade meu tenente?

D. Bruno approvou.

— Garanto-lhes que isso não é preciso para nada. Eu nunca obedeci a ninguem e sei mandar na perfeição.

— Acredito, disse D. Bruno divertido.

O velho riu. Ildegarda disse a D. Bruno:

— Pergunte ao irmão Marcollino quem manda agora n'elle. Sem duvida, com o orgulho natural do homem, responde-lhe que é elle. . . Mas não é tal. Sou eu.

— Pois sim, mas o irmão Marcollino, observou o penitente, é um velho, que matou no coração todos os sentimentos e instinctos naturaes no homem. Duvidão muito, Ildegarda, que encontre um marido como deseja.

— Perdão! Está assente que eu me case, mas não está provado que eu deseje um marido.

— Aceite a emenda, disse o velho, curvando-se gentilmente n'um gesto de corte.

— Se não é indiscrição, minha prima, que predicaos deve ter quem quizer aspirar á sua mão.

— Oh! muito poucos. Não me obrigar a sahir das Frondes, nunca me dar ordens nem me contrariar, ter um physico sympathico, e não ser *paixano* para que o meu Silvestre o não deite a murro pela escada abaixo.

— Que lhe parece? perguntou divertido o irmão Marcollino.

— Parece-me que é justa nas condições que impõe. Nem com a educação que teve, éra natural outra cousa.

— Não é verdade? Disse Ildegarda contente por se sentir apoiada.

D. Bruno agitou afirmativamente a cabeça.

— É isto, disse a medica abraçando o velho: este benevolente irmão, desde que se arvorou em censor de todos os meus actos, tomou-se d'uma severidade unica, Mas eu o amansarei. . . eu o amansarei.

Silvestre annunciou que o jantar estava na mesa. Era preciso comê-lo cêdo para ter vontade á ceia que não devia ser para enjeitar. Disse tambem que o padre Narcizo viria dizer a missa da meia noite.

— É o que se quer. Enfeitaste a capella?

— Eu e o 64 puzemo-la que nem um palmito.

Ildegarda abraçou Silvestre com transporte, exclamando:

— Isto é um anjo! Sabe tudo. Até me passageia as meias para que eu o não faça e não tenha de metter a praga d'uma mulher das portas a dentro.

— E queria a *coruja* da sua tia que lhe fosse tratar do enxoval dos *paizanos*!

O jantar correu alegre, Bruno referiu episodios da sua infancia, o irmão Marcollino da mocidade, os soldados sorriam, e, animados pela familiaridade com que os tractavam mettiam de quando em quando uma observação mais ou menos chistosa.

Estavam quasi á sobremesa, quando a porta se abriu e Manoel de Sousa entrou com a familiaridade que alli tinha.

— Ora viva seu fugitivo! Julguei que nunca mais queria nada comnosco. Chegou hontem á noite!

E, indicando Manoel a irmão Marcollino e vice-versa, disse:

— Não os apresento. Teem obrigação de serem amigos visto que os amigos dos nossos amigos...

— Nossos amigos são, diz muito bem. O irmão Marcollino permite que lhe beije a mão? perguntou Manoel n'um tom submisso que lembrava o seminarista.

— Ó meu caro senhor Manoel de Sousa, dê-me um abraço exclamou o velho erguendo-se de guardanapo na mão.

Ildegarda voltou-se para Bruno e com um gesto gaiato observou-lhe:

— Como vê, eu não mando nada.

Conte lá então o que viu por essa Lisbôa. Vale a pena lá ir?

— Isso vale ainda que não seja senão para vêr o Tejo.

— Não sei que interesse possa ter, para quem foi criado nas montanhas, uma grande toalha d'agua.

— Essa agora!

— Deixem-n'a, affirmou Manoel de Sou-

sa. A senhora D. Ildegarda quando lhe fallarem em bellezas estranhas á sua provincia, está como aquelle camponez que, sahindo d'uma das mais miseraveis aldeias da França, disse no mais fôrmoso sitio de Paris n'um tom não isento de desdem :

— « Não ha duvida que isto é bello, mas não chega aos calcanhares da minha terra » .

— E tinha decerto razão, volveu Ildegarda, ruborisando-se por sentir que o bote de Manuel de Souza era certo. A belleza, quanto menos preparada pela mão do homem, quanto mais filha do acaso ou da mão de Deus . . .

— Perdão, isso é já outro modo de encerrar a questão.

— Silvestre, acode-me, meu 41, tentam cercar-me.

— Deixe lá, vélhinha, tem alliados fóra da praça que lhe prestarão auxilio á primeira voz.

— Bem. Já que chegaram á sobremesa, permitta que, com muitas boas festas, minhas e dos meus, lhe apresente uma lembrança que lhe trouxe da capital. Aqui para nós, meus senhores, tremo de não ter conseguido atinar com o gosto d'esta extravagante criatura.

— É muito possivel, concordou Ildegarda. Quem o mandou trazer-me lembranças?

— Então, minha, filha, censurou o irmão Marcollino.

— Prefere que minta?

— Não, mas... *est modus in rebus*.

Silvestre voltou momentos depois, trazendo entre uma enorme bandeja de doces da capital uma mangedoura, cheia de delicadas palhinhas tendo um menino de Jesus do tamanho d'uma criança nascida.

Não ha mulher, que, por pouco feminina que seja, não se interesse muitissimo pela vista d'uma imagem de criança, quer ella symbolise, um santo ou simplesmente uma boneca. Quer n'uma tela seja ou reproduza um quadro de mestre ou n'uma oleographia sem valor consiga dar um pallido reflexo d'uma criancinha gentil.

Ildegarda soltou um grito de jubilo e, com a precipitação de que era dotada, tirou immediatamente a imagem do centro da bandeja.

— Que lindo! exclamou ella. Parece exactamente uma criança nascida.

E com a infantilidade que, de ter sido um mimalho, lhe ficára. levou o menino junto do irmão Marcollino e disse lhe:

— Vá, dê um beijo ao avô.

O velho re-prehendeu-a com a mesma doçura costumada.

— Venha ceiar comnosco, peñiu Ildegar-

da. Verá se eu fiz ou não caso do seu presente.

— Bem sabe com que gosto lhe obedeceria, mas é completamente impossível.

— O irmão Marcollino fez um signal a Ildegarda que Bruno viu muito bem. Ella callou-se.

D'ahi a pouco, o velho, curvando-se ao ouvido do tenente, murmurou lhe :

— Com caracteres assim dasse-lhes a illusão da independencia e são felizes e afinal de contas, consegue-se tudo d'ellas pelo coração : são mulheres !

— Tem razão meu venerando amigo.

— Que estão para ahi a segredar ? Que mysterios são esses ?

Terminado o jantar, o irmão Marcollino disse a Silvestre :

— Meu amigo, estou muito velhinho. Não poderei estar esperto á meia noite a não passar pelo somno.

— Quer que lhe dê o braço ?

— Não seria mau. Estou um pouco fatigado. Passava às vezes tanto tempo sem vêr ninguem que o movimento d'estes dias tem-me fatigado um pouco. Mas não te esqueças de me chamar. Olha que ha muitos annos que não assisto ao sagrado sacrificio da missa.

— Ora essa ! Pode dormir descansado,

tocar-lhe-hei a tempo para deitar correias. e avançar.

Tudo isto era dito com muita gravidade. O velho respondeu-lhe com igual seriedade: — Então fico tranquillo.

Silvestre, depois de acompanhar o velhito e de verificar cuidadosamente que elle ficava deitado e bem coberto, foi ter com o 64 que o esperava na cosinha. Silvestre aos olhos do impedido de D. Bruno era mais notavel que o mais notavel heroe. Prodigio na cosinha e na frasqueira, narrador das façanhas do seu tempo, intransigente em pontos de disciplina e religião, mas benevolo em tudo mais, era para o pobre rapaz muito superior ao seu tenente e realmente amigo. Quando o 41 fallava, o 64 parecia um penedo; não fazia o mais ligeiro movimento. Chegava a parecer que reprimia a respiração para escutar melhor. O velho soldado, entrando na cosinha, fechou a porta e, enchendo duas canecas de vinho, pegou n'uma, estendeu outra ao companheiro e cantou.

*Vivam os patuleias!*  
*E morram os malhados!*  
*Corja de bandidos,*  
*Má raça de damnados!*

O outro, em vez de beber ficou boquia-

berto e, quando Silvestre esvaziou o copo, imitou-o exclamando com convencimento.

— Ó sôr 41, você sempre è homem de todos os diabos!

— Qual, rapaz! eu não quero nada com um, quanto mais com todos. Vou dar-te uma novidade, disse Silvestre apoiando os cotovellos sobre a mesa e aproximando-se quanto possível do companheiro sentado na sua frente.

— Venha ella.

— Vou casar os nossos amos.

— Isso é verdade, meu sargento? exclamou radiante de jubilo o bom rapaz.

O 41 deu uma punhada valente na mesa:

— Em que lingua queres tu que eu te diga que nunca passei de cabo?

— Perdõe-me, meu alferes.

— Decedidamente tornou o veterano descorçoado, o vinho subiu-te á cabeça e fez-te mal.

E n'um tom compadecido que deixou ganhar coragem ao pobre 64, ajuntou.

— Vai dormir, meu pobre diabo. Quando estiveres em estado de me entender, fallaremos. Eu estou optimamente, meu . . . foi um engano . . .

— Em cousas de tropa não se admitem. Bem, passemos a outro assumpto.

— Já me entendi com o teu patrão e son-

dei também cá o meu commandante. Nós vamos dar-lhes os dois, eu e tu, um empurrão valente esta noite. Vaes ao quarto do teu amo e tiras-lhe da carteira o bilhete que tem o retrato.

— O bilhete de identidade?

— Esse mesmo... e trazes-lhe também uma bota. Dos outros eu me encarrego. Anda de pressa que é preciso pôr isto em acção. É um aiolveu o impedido.

E o 41 começou a enfeitar a cosinha com hera e camelias brancas, formando com camelias vermelhas estas palavras por cima da chaminé: «Vivam os noivos!» Depois ajudado pelo 64, alinhou na chaminé uma bota de Ildegarda, outra de Bruno, outra do irmão Marcollino, uma feita de papel e attribuida ao padre João, a do 64, e por ultimo a sua. Metteu na de Bruno o retrato de Ildegarda e na d'elle o do tenente, na do velhito poz um papel em que se lia «nomeado pae adoptivo de Ildegarda e medico do estabelecimento com permanencia forçada nas Fron-des», outro na do p.<sup>o</sup> Narcizo com uma nomeação para casamenteiro e capellão dos noivos, na do 64 a nomeação de ministro do interior, e na sua apenas: «o ministro do interior passa ás finanças e occupar-se-ha dos negocios externos»

Os dois soldados riam como crianças pre-

parando o que elles estavam convencidos que era a ventura dos seus amos. Sentindo passos na escada, o 41 disse ao companheiro:

— Espreita. Se vires que é o snr. Sousa, chama.

O 64 cumpriu a ordem, e o administrador das senhoras Paivas entrou.

Lendo o letreiro que encimava a chaminé empallideceu estranhamente e amparou-se á mesa para não cair. Os dois soldados correram para elle:

— Que é isso, snr. Sousa?

— Nada meus amigos, desde a doença que tive em Lisbôa fiquei sujeito a estes achaques.

— Um de nós vai acompanhá-lo.

— É inutil. Logo que apanhe o ar exterior, reanimar-me-hei. A vossa festa está linda. Deus os faça tão venturosos como eu desejo.

— Obrigado snr. Sousa, obrigado. O senhor ainda é dos bons.

## XIV

### *Do Diario de Manuel*

Mal me vi no escuro e sem testemunhas, sentei-me n'uma pedra e chorei. Como Ildegarda estava contente, feliz, e como me esqueceu depressa. . . Fallam da leviandade dos homens. Que se dirá da crueza das mulheres? Eu estimava Bruno como um irmão, mas adorava Ildegarda, e nem os vinculos do sangue têm força quando a paixão irrompe violenta das almas como as lavas da cratera d'um vulcão.

Fallam tanto da crueza do homem!

Que se dirá da leviandade das mulheres?

Ardendo na furia do ciurne, busquei um sitio de onde pudesse vêr. Encontrei o. Ildegarda e Bruno, sentados a grande distancia um do outro, conversaram animadamente. Era assim que d'antes me fallava e que algumas noites foram para mim como se fossem segundos.

Ai! Para que disse eu a verdade a Ildgarda, para que causei eu proprio a ruina dos meus sonhos?

E gelado, sem dar conta de que a neve cahia sobre mim, sentindo que os olhos me saham das orbitas, não tendo animo para fazer um movimento, eu ia talvez cair, n'um entorpecimento se a apparição do velho, que presenciara tanta vez na livraria, não surgisse junto de mim e me não dissesse com brandura:

— Não te arrependas do bem que praticaste. O senhor enjeita os que têm o dolo nos labios e não escutam a voz da consciencia. Ergue-te e caminha. O Senhor te dará a sua paz

Esvaiu-se a apparição, mas o effeito moral estava obtido Ergui-me e. dirigi-me para as Mouras. Não trouxera cavallo na intenção de observar se o primo Paulo rondava as Frondes

O caminho foi-me pois penosissimo. Felizmente os ciumes de minha mulher estavam adormecidos com a confidencia que eu lhe fizera d'um proximo casamento entre a medica e o meu amigo: Arrastei-me difficilmente até a casa. Entrando no meu quarto, onde havia sempre uma lamparina accessa ante a imagem da senhora das Dôres, vi o velho das Frondes ajoelhado no meio do

quarto com uma nitidez como até então nunca o vira, e recitando n'um tom claro e plangente:

*Peccatores non abhorres.  
Sine quibus nunquam fores  
Tanto digna filio.*

O meu fraco espirito não podia mais. Soltei um grito estridente e caí desmaiado.

Quando voltei a mim, minha mulher metia-me na cama ajudada pelo caseiro. No corredor ouvia o choro convulsivo das pequenas. As senhoras Paivas, ajoalhadas aos pés da Virgem, rezavam commovidamente Padres Nossos e Aves Marias á desgarrada. E eu senti um desespero medonho por não estar só e não poder chorar.

Minha mulher, acceza em viva angustia, mal eu entabri os olhos, perguntou-me:

— Que foi isto?

— Caí na neve, ergui-me tornei a caminhar. . . Não posso mesmo dizer como cheguei aqui. Um segundo ameaço do que tive em Lisbôa. Chama as pequenas.

Ellas entraram chorosas, de olhos no chão.

— Isto não tem importancia, minhas filhas. Foi do frio. Na noite de hoje não se querem tristezas. Vão, peçam ás senhoras

Paivas, e vão todos festejar o menino Jesus. O Manoel virá de quando em quando saber se eu preciso alguma cousa.

— Eu fico aqui, instou minha mulher.

— De modo algum. Preciso de dormir.

Conhecendo-me o genio, minha mulher não insistiu. Ficando só, adormeci realmente d'um somno profundissimo. Entraram muitas vezes no meu quarto e eu, que em estado normal não vōa uma mosca sem que eu dê conta, não senti nada.

A primeira sensação que tive accordando foi de horror.

O leitor, se nunca sentiu dentro de si a dôr enorme d'um desmoronamento das chimeiras em que pozesse toda a sua ventura, — e oxalá que não, — não poderá dar valor ao que eu sentia. Apalpava-me para ver se tinha existencia real, olhava em roça e via tudo no mesmo logar. Enfiando a vista pela janella aberta, reparava nas arvores rebrilhando á luz do sol. Tudo estava pois na mesma. Só no meu espirito se condensava a treva. E eu tinha de viver, de andar, de fallar! Ouvindo como alheia a voz propria, procurando dar aos outros a idea de que n'este corpo, aniquilado pela dôr, vivia um espirito que eu sentia ausente! Depois uma immensa vontade de *rir*, que eu dominava cerrando os dentes por um soberano esforço de vontade.

Assaltava-me um horrivel receio de enlouquecer. Apalpei a testa. Escaldava-me. Depois ergui-me d'um salto, vesti-me febrilmente e fui sentar-me no meu logar habitual no escriptorio. E' que me atravessára o espirito a ideia de que Ildegarda, sabendo o meu estado, lhe adivinhasse a causa. Isso lisonjearia a sua vaidade de mulher, e eu não queria dar-lhe esse prazer. Almocei com a familia, mostrei-me alegre e distribui gratificações a todos segundo a diligencia que haviam mostrado no seu trabalho durante o anno. Depois quiz sahir a cavallo, mas as pequenas atiraram-se-me ao pescoço, pedindo.

— Ai não, paisinho! não, que ficamos em cuidado.

— Então vou para a cama. Estou gelado e preciso aquecer.

— Pois vá.

Deitei-me e cahi no mesmo somno profundo que me tomara na vespera. Quando eram oito horas da noite, minha mulher, inquieta por tão extranho dormir, tentou acordar-me, mas nada conseguiu. Só no dia immediato, á hora habitual, é que despertei. Deus ouviu as orações do espirito das Fron-des porque, durante o periodo agudo do meu soffrimento, deu-me somnos assim, em que o meu organismo, abatido pela dôr, se refazia para mais penar.

Felizmente ninguem atinára com a causa exacta do meu mal que foi lançado á conta de perturbações nervosas. E eu pude ter o prazer de ouvir as senhoras Paivas affirmar a minha mulher, que era uma doença vulgar, o pae d'ellas soffrera d'isso; apparecia sem causa e também se ia embora quando menos se pensasse. Esta ultima parte rego-sijou Amelia que encetou com as filhas uma novena para que o mal me abandonasse com rapidez.

XV

Quando a senhora D. Dulce se apeiou da sege á porta da sua solarenga casa, seu filho Paulo veio recebe-la e perguntou-lhe, com aquella rudeza que o caracterisava.

— D'onde é que vem?

— Das Frondes.

— Que foi lá fazer?

— Tractar do teu negocio?

— E então?

— Subamos, meu Paulo, não são assumptos estes que se tratem á porta da rua.

— Tem razão. Quer o meu braço?

— Acceito, porque as escadas fatigam-me muito.

— Vamos lá que poder subil'as já não é mau. Agora reparo que foi de pannos largos.

— O assumpto que ia tratar exigia o. Ildegarda não percebe nada d'isso... em todo o caso...

— Mas que se passou? Estou ancioso por saber...

— Quando cheguei, estava ella com o figurão do tenente e o velho do Horto das oliveiras na livraria.

— Ella tem lá o penitente?! Que especie de homem é elle!

— Um velho, muito velho, que em moço devia ter sidó um rapaz gentillissimo, pelo que se pode avaliar, e que, sob o seu burel, é um homem de côrte.

— Bem, mas deixe isso e vamos ao que interessa.

— Pedi a Ildegarda para ir commigo á capella e uma vez no corredor disse querer fallar-lhe em particular. Fez me entrar para o escriptorio do avô, ouviu-me sem me interromper e disse-me que tu eras um rapaz muito gentil, bom apesar de leviano, mas que não casaria commigo.

— Ah! ella disse isso? perguntou Paulo entre irado e ameaçador.

— Disse, menino. E o que é certo é que, pensando nas razões que me apresentou, não se pode negar que pensou com tino.

— A mãe acha então que eu sou um homem que se enjeite?

— Quem te diz isso, filho? Ella affirmou-me:

Olhe, tia, se eu fosse tão tola que casasse com o primo Paulo, ao segundo dia questionava-mos e ao terceiro jogava-mos a pan-

cada. A mulher de que elle precisa deve ser uma criatura obediente, pacifica e bôa. Nada d'isso eu sou. Não nasci para ser mandada, etc . . . muitas cousas n'este genero. Eu ainda insisti, mas ella não me quiz deixar a minima esperanza.

— Então aquella princesa entende que eu, seu primo direito, não posso aspirar á honra de a desposar. Para mim só uma mulher tola é que pode servir?

— Mas, val'ha-me Deus, meu filho! ella não disse isso.

— É o mesmo. Ouro é o que ouro vale.

— Mas anda cá, meu Paulo é preciso ser justo. Se ella te d'issesse um atrevimento com aquelle ar petulante, que ás vezes tem, tu eras homem para a matar.

— Qual! Dava-lhe um beijo e estava tudo acabado.

— Parece-te isso agora, mas não é do teu feitio.

— Aposto que se o boneco do tenente? . . .

— Não sei. Não vi nada que me possa fazer nascer a menor suspeita.

— Pois o que lhe garanto é que, se não casa commigo, tambem não pertencerá a outro. Essa lhe juro eu.

Isto foi dito n'um tom tão selvagem que a pobre velha estremeceu.

— Então, Paulo, tem juizo. Eu compre-

endo que é triste perder uma boa fortuna com a qual se sonhou tantos mezes, mas acredita-me, filho, tem mais Deus para dar que o diabo para levar.

— Bem me importa a mim da fortuna. A mãe está a ler. O que eu quero é a mulher.

— Não deve nada á belleza, não sabe cousa alguma do que é dado a uma bõa dona de casa. . .

E com desdem terminou :

Nem meia sabe fazer !

— Pois com todos os seus defeitos é ella que me convém e não outra.

— Tira d'ahi o sentido, rapaz. Ella disse-me que não eras em cousa alguma o seu ideal.

— E o tenente ? Que diz ella do tenente ?

— Já te disse, não vi nada que me permittisse a mais ligeira suspeita

Quanto aos seus sentimentos não sei. Eu não podia cometter a indiscrição de lhe fazer perguntas nem ella tinha feittio para m'as admittir.

— Tambem digo. Mas o que lhe torno a garantir é que não casará com outro. Eu pertenço ao numero dos homens que fazem pagar caro os desdens que recebem. Nunca ninguem me pizou impunemente.

Tudo isto era dito n'um tom frio, arras-

tado, com a voz quasi sumida. Depois, voltando-se para a mãe recriminou-a:

— Em parte, a culpa é sua. Eu não tenho um curso, não aprendi nada. Sei ler, escrever, um bocado de latim e francez, porque o bom do capellão embirrou de m'ó fazer aprender; mas ainda me lembro que a mãe, com as suas pieguices, andava sempre a dizer ao padre: «Não m'ó esfalfe, reverendo; mais vale um burro vivo do que um doutor morto.»

Devido aos seus excessos de cuidado, fiquei um burro. Não admira que ella, uma mulher que estudou, tenha o maior desdem pela minha ignorancia. A culpa é sua.

As lagrimas rebentaram dos olhos da pobre velha e, sem tentar defender-se escondeu o rosto nas mãos e deu-lhes livre curso.

Elle olhou-a um instante quasi arrependido. Depois, murmurando entre dentes uma phrase brutal, sahiu atirando violentamente com a porta e dirigiu-se ao quarto. Retirou o revolver da gaveta, desarmou-o, limpou-o com o maior esmero, e carregou-o de novo. Tudo isto era feito assobiando por entre dentes um estribilho em voga e sob uma preocupação visivel e constante. Quando terminou, guardou a arma dizendo:

— Estás prompta para a funcção. Aleijou-me para todos os dias da minha vida e

recuza-se a partilhar uma existencia que inutilisou.

A consciencia exprobou-lhe: — o mal que ella te fez foi em legitima defeza. Como procederias tu com a lembrança da chicotada que na vespera te retalhara o rosto, se ella te não tivesse inutilisado?

Como sabia que o que tinha premeditado era indigno d'elle, disse alto, á laia de quem se desculpa:

— Pois sim, mas não o fiz.

E a consciencia, sempre justa, volveu-lhe:

— Porque não pudeste. Concorde que foi um bem quanto se deu: terias depois vergonha de ti proprio.

Querendo callar aquella incommoda voz, agitou a cabeça, como se assim expulsasse pensamentos importunos e murmurou:

— Cantigas, tudo isto não são senão cantigas! Ideias que convêm á sociedade e nos mettem na cabeça mal abrimos os olhos: honra, dignidade, religião, dever, . . . tudo freios inventados para diminuir os instinctos animaes do homem: Os que lhe são propios e de que elle obedeça por estas palavras sonoras que não têm nada dentro de si, mas a que o habituaram a dar altas significações. A ellas, ás taes palavras, se sacrificam vidas, paixões, prazeres, tudo que no nosso

coração nasce espontanea e fortemente. O lobo lucha com o seu semelhante, quando mais forte, domina-o, vence-o e mata-o muito naturalmente. O homem faria o mesmo, se lhe não tivessem posto desde o berço os cinco freios de que fallei, que não bastam a conter lhe os impetos dos seus instinctos sanguinarios. Eu porei de parte as tolas peias com que de féra indomita me pretenderam fazer manso animal domesticado. E já que me não instruíram, já que sou inculto e ignorante em tudo quanto as pessôas bem nascidas costumam saber tornar-me-hei um homem primitivo, sem lei nem religião. Não serei considerado um tolo como a maioria dos morgados, mas os canos da minha espingarda hão-de espalhar o terror em vinte leguas ao redor.

E, n'estes planos de doçura e suavidade, passou o primo Paulo a tarde até que a campainha ecoando atravez dos largos corredores annunciou que o jantar estava na mesa. Então lavou as mãos e baixou á casa de jantar.

A senhora D. Dulce, com os olhos vermelhos do muito que tinha chorado, já alli estava com os seus filhos mais novos que, vendo entrar Paulo o olharam com reprovação. O mais novo d'elles murmurou ao ouvido do irmão.

— Vai beijar a mãe. Affligiste-a tanto.

Paulo reprimiu um movimento de mau humor e aproximando-se da snr.<sup>a</sup> D Dulce, abraçou-a e beijou a dizendo :

— Não esteja zangada. Uma pessoa, quando soffre um grande desgosto, quer sempre não ter culpa, e atira-as para os outros. Não é justo nem bonito, mas é humano. Perdõe-me.

— Tu bem sabes que estás sempre perdoado, respondeu a pobre mãe fazendo esforços immensos para conter as lagrimas prestes a soltarem-se-lhe de novo.

— Bem, bem; hoje é vespera de Natal não se querem tristezas, bradou Ricardo beijando a mãe no que foi imitado por Eduardo e Quintino.

O jantar correu com relativa alegria e quando se ergueram da mesa a snr.<sup>a</sup> D. Dulce estava consolada.

— É verdade, que é feito do nosso capelão que não jantou hoje connôco?

— Foi á Villa enviar um telegramma de boas festas para S. Vicente, e jantava com o senhor Vigario.

— Então não temos a missa da meia noite?

— Então não havemos de ter?

Sai de lá depois das sete e está cá a muito boas horas.

Erguendo-se da mesa, Paulo desceu á quinta. Ricardo ia para o seguir, mas a mãe observou-lhe :

— Deixa-o só é preferível.

Paulo seguiu por uma longa rua guarnecida de pinheiros deu volta á nora, e entrou na arribana. Não estava ninguém. Tornou a sahir e desceu á margem do rio. Um homem mal encarado estava cavando alli.

— Bom dia, senhor Paulinho, brandou elle assim que o avistou.

— Bom dia, Joaquim.

— Então o fidalgo vem cá a baixo com este frio?

— Queria fallar-te.

— Mandasse-me chamar que eu lá ia.

— Não era assumpto para se tratar em casa. Ora dize lá, é verdade que tu tens sete mortes ás costas?

— O senhor bem sabe que quem conta um conto augmenta um ponto... sete é muita cousa.

Mas o senhor tem necessidade que eu lhe, *avie* alguém? perguntou o monstro humano cujos olhos faiscaram de cubiça pressentindo umas libras a ganhar.

— Não se trata d'isso. Eu aborreço-me aqui mortalmente... não tenho uma distração... Pensei... sabes em quê?

— O senhor dirá.

— Arranjar uma pequena quadrilha que assaltasse òs commerciantes que vêm ás feiras no seu regresso a casa. Não matar senão em caso de defesa propria, mas apoderar-mo-nos do seu ouro. Que dizes?

— A ideia é bôa. A gente arrisca a pelle, mas vê cousa que tira o ventre de misérias.

— E tu tens homens seguros para completar o bando?

— Então não tenho?! O Zé da Chica é uma navalha como não ha outra; O Jacintho Pita...

— Olha que esse não me parece. Passa por ser um homem honrado.

— Passa, mas não é. Foi elle que me ajudou a *aviar* o caseiro de Santo Ildefonso.

— Elle!?

— Elle, sim. Calla-te bocca... A gente nunca deve comprometter um camarada que nos ajuda a fazer limpamente a *tarefa*.

— Tens razão.

— Quantos homens quer o senhor?

— Poucos e por boas razões. Quantos menos fôrem, mais recebem, menos probabidades ha de traições, mais certeza de impunidade.

— Seis?

— Sim, podemos ser seis ao todo. Seis homens decididos valem por vinte.

— E onde ha de a gente fazer a toca?

— Nas pedreiras velhas. Ninguem lá vae.

— Pelo que vejo o senhor tinha o plano amadurecido. Pensou em tudo.

E, olhando para Paulo, disse a mêdo:

— E o seu pé?

— Para que servem os cavallos?

— Metter animaes em certas cousas. . .

— Mas quando não ha remedio a dar-lhe, que se ha-de fazer?

— E que condições offerece aos homens?

— Bom sustento á minha custa. Quanto se roubar divide-se em oito quinhões eguaes, tres para mim e um para cada um de vocês.

— É justo.

— E quando quer o senhor começar?

— Com o anno.

Paulo cingiu na sua mão branca e delicada, a mão callosa do trabalhador e affastando-se, murmurando por entre dentes:

— Eu te direi linda prima. Desdenhas ser mulher d'um homem honrado? Pois eu te forcarei a ser amante d'um bandido.

E nos seus olhos negros e profundos brilhava o desejo de insaciada vingança.

## XVI

O 64 agitáva festivamente o sino da ermida das Frondes por tanto tempo reduzido ao silencio. Na sacristia o P. João paramentava-se :

Silvestre accordava o irmão Marcollino e Ildegarda, na livraria, conversava ainda com D. Bruno. Em quê? Naturalmente fallavam de amôr supporá a leitora. Não, minha senhora, tenho pena de não poder concordar consigo: era mais poetico, mas não seria a verdade.

Ildegarda descrevia-lhé o horror que sentira ao ter de dar a primeira lição pratica de anatomia com um cadaver á vista. E era n'este e outros assumptos identicos que elles haviam entretido o serão! O irmão Marcollino entrou sorridente :

— Então, meus filhos, vamos para a missa?

— Vamos lá. Vou pôr uma mantilha e enfiar um casaco porque a capella é muito fria.

E, voltando-se a D. Bruno, aconselhou :  
— Não é conveniente ir assim. O fogão dá a esta sala um conforto que o resto da casa não tem.

Ildegarda voltou momentos depois e D. Bruno pediu :

— Vão V. Ex.<sup>as</sup> andando que eu já lá vou ter.

Elles não quizeram, e, momentos depois, todos juntos, entraram no pequenino sanctuario e a missa começou.

Não estava ninguem de fóra.

O descostume de que as portas da capella se abrissem ao publico fazia com que o sino se tivesse agitado em vão. Terminada a missa, todos foram beijar o pé ao menino Jesus, e sahiram para voltar á livraria, quando Silvestre pediu para entrarem na cosinha. Chegando alli, todos se mostraram alegres, menos Ildegarda que, carregando a viseira, disse asperamente ao seu velho amigo :

— E' a primeira vez que abusas estupidamente da confiança que sempre tenho depositado em ti.

— Perdão, prima. A culpa não é do nosso 41. Fui eu que, julgando estar nas condições de poder ser seu marido, pedi ao Silvestre para lhe apresentar o meu requerimento. Elle fe-lo por um modo original, mas isso

não a obriga a acceitar o noivo, se elle lhe não agradar.

Ildegarda estendeu a mão a D. Bruno e, abraçando Silvestre, pediu quasi humilde:

— Perdôa-me a rudeza.

— Perdôo, mas não devia. Bem. Toca a vêr o que cada um tem nas botas

O irmão Marcollino sensibilisou-se, lendo o que Silvestre lhe metterá na bota.

Todos apoiaram, e elle, chorando commovido, não teve força de protestar.

Depois sentaram-se á mesa e a ceia começou alegremente entre ditos e folguêdos. Era quasi manhã quando recolheram aos quartos. Então Silvestre, que viera perguntar a sua ama a que horas queria que a chamasse no dia seguinte, disse-lhe:

— O senhor Sousa ficou encantado com o effeito da minha ornamentação na cosinha, Mas aquelle senhor não anda bom. Não sei se foi de erguer a vista por um pedaço, se de quê, ia para o chão se a banca não estivesse por detraz d'elle. A que horas quer que a chame?

— A nenhuma. Deixa-me, assim como aos outros, dormir até accordar.

E deitando-se, murmurava: — Pobre Manoel! Nobre e generoso coração! Não é de modo algum o meu ideal e comtudo eu preferia-o aos outros, se isso fosse possível.

Mas como não era, e Ildegarda não era pessoa para perder tempo em vãs lamentações, deitou se para baixo, enrolou se commodamente na roupa, e adormeceu

D. Bruno, com a imaginação excitada por muitas libações e realmente enamorado, sonhava desperto venturas sem fim. Os soldados dormiam como dois innocentes. Só o irmão Marcollino, de joelhos no seu genuflexorio, deixava o seu coração transbordar de jubilo.

-- Tu me ouviste, Senhor, e te apiedaste de mim. Como a dôr da minha alma era sincera, e grande o meu arrependimento, a tua generosidade me deu aquillo de que o egoismo me havia privado. Eu verei a minha filha ter filhos e ensinarei aos netos o teu nome.

«Felizes os que na velhice se vêem acarinados pela mocidade e que, ao descer ao tumulo, vêem surgir vidas em volta de si como promettedoras auroras! Graças, Senhor, porque me ouviste e entornaste sobre mim a tua infinita misericordia.»

O padre Narcizo, esse, tinha de ir ajudar a cantar missa n'uma freguezia distante. Por isso, enquanto estava quente da ceia, poz-se a caminho no seu pequeno macho. Já estava a manhã clarissima embora o sol ainda não tivesse surgido. Bem agasalhado, com o capuz do seu varino enterrado até ao na-

riz, o padre Narcizo percorria os ingremes carreiros que o levavam á aldeia onde ia ajudar a cantar a missa. Durante o caminho ia monologando:

— Era bem bom que aquillo fôsse a valer. Que menos me poderiam elles dar do que trinta mil reis, cama, mesa, e roupa lavada?

Depois respondia a si proprio:

— Com que então V. Rev.<sup>ma</sup> não fazia isso por menos? Fazia... Oh! se fazia. A medica, tanto se lhe dá ter missa como não. Os velhos é que não são assim. Então, se o irmão Marcollino pensa em ficar nas Frondes, a capellania é certa. Com missa obrigatoria só aos domingos, casa, alimento, etc. E você, padre Narcizo, podia fazer isso por dezoito mil reis... até por doze! Boa casa, excelente mesa, gente educada... Não seria começar mal o anno.

E assim foi todo o caminho enumerando as grandes vantagens que a possivel capellania lhe podia trazer. Era um pobre homem pelo qual nunca viria mal a ninguem. Passando na venda do Enguias e vendo que estava aberta, o padre Narcizo não resistiu a parar á porta e a pedir um calix de agua ardente. Bebeu-o d'um trago e pediu mais dois que despejou um cada bota. Pagou e seguiu o seu caminho.

Apezar de ser um homem simples e sempre inclinado a pensar bem, pareceu ao padre Narcizo que dois vultos, sentados a uma das bancas do fundo, se collocaram de modo a que lhes não fôsse visto o rosto. Não se enganou. Eram Paulo e aquella criatura repelente quem lhe ouvimos dar o nome de Joaquim.

— O *gajo* ter-nos-ia visto? perguntou este ultimo.

— Parece que não,olveu Paulo Elle hoje janta em minha casa. Não me seria agradavel que me tivesse conhecido.

— Não conheceu, affirmou o Enguias.

— De onde viria elle tão cêdo?

— Das Frondes,olveu o estalajadeiro. Aquillo este anno está por lá muito divertido

— Sim? perguntou Paulo.

— Sim senhor. Pelos modos casa-se a fidalguinha.

— Com quem? perguntou Paulo empallidecendo.

— Não sei. Mas os pequenos da Horta de Baixo andaram para lá a levar rosas do Japão e um d'elles veio-me dizer que um soldado novo que lá está tinha dito que o letrado devia ser todo com rosas vermelhas e que dizia *Vivam os noivos*. E o rapaz que, é pequeno e muito palouso, veio perguntar-me o que queria dizer.

— Logo, disse Paulo, já eu faço o padre Narcizo contar-me o que sabe e o que não sabe. Ó Enguias?

— Meu fidalgo!

— Sabes um que nos convinha apanhar na feira do anno?

— O Minhava?

— Tal qual.

— Emquanto calculas tu a maquia que elle costuma levar quando volta para casa.

— Eu lhe digo, fidalgo, menos de cinco a seis contos não será.

— Já nos dava a conta, e elle não empobreceria muito.

— Não lhe fazia grande falta, nem que fosse o triplo. Aquillo não sabe o que tem.

— Eu esta noite annuncio a minha partida para a cidade com grande demora. E os meus irmãos hão-de vêr me embarcar na estação.

— O senhor já pensou nas cartas?

— Então não havia de pensar? Tenho tudo bem destinado. Receberão a correspondencia regularmente.

— A gente escolhe de antemão o gajo, ou deita-se ao que primeiro passar?

— Tu, Enguias, levas o teu burro á feira, ou não o levas, e dás alli uma volta a ver o que faz melhor negocio. Avisas, e esse

é que é. Não ha nada como jogar pela certa.

Muito tempo ainda discutiram estes illustres personagens as pessoas que mais lhes convinha roubar; mas, começando os caminhos a ser mais frequentados e a venda concorrida, Paulo apertou-lhes as mãos e sahio.

— Com que então, dizia elle comsigo, festejam os noivos, heim?

E ria d'um modo sinistro.

— Hão-de ser bem festejados . . . isso lhes juro eu. Com que então, esse . . . esse tenente está persuadido, assim como aquella seresma, que eu me deixo tractar como um trapo? Eu *festejarei os noivos*.

E uma ideia diabolica fê-lo sorrir sinistramente.

Olhando as Frondes, mostrou-lhes com raiva o punho fechado e seguiu para casa, ruminando sempre no modo mais cruel de se vingar.

Chegando aos Arcos, entrou como um vendaval pelo quarto da mãe e disse-lhe abruptamente:

— Estão noivos. O meu instincto bem o adivinhava.

— Quem to disse?

— Quem o sabe.

— Tem resignação, menino, não faças tolices.

— Não faço, mas preciso sahir da terra. Quero ir viajar, instruir-me, voltar superior ao outro e depois... nós veremos se ella ainda me prefere aquelle boneco da cidade.

— Pois sim, meu filho, tudo que tu quizeres contanto que não faças loucuras.

— Minha mãe. . .

— Filho?

— Queria partir antes do casamento ser publico.

— Partirás. Mas não te afflijas. Verás por esse mundo fóra mulheres encantadoras, muito superiores a esta criatura que te deslumbrou porque aqui quasi não ha mulheres e as poucas que existem são boçaes. Mas em confronto com as outras... tu verás... tu verás o que ella vale Vaes te amanhã de manhã. Para quem não conhece o caminho é mais bonito fazer a viagem de dia.

— Pois sim, disse elle com uma docilidade que espantou D. Dulce.

Esta abraçou-o e beijou-o ternamente e foi commovida preparar-lhe a mala. Mal sabia a desventurada mãe, ao entregar lhe uma soma avultada de dinheiro, para que lhe dava azas.

Ao jantar appareceu o padre Narcizo e, muito naturalmente, não se cansou de fallar na festa da vespera. A snr.<sup>a</sup> D. Dulce tentou fazê-lo callar, mas Paulo, sem despre-

gar os olhos da mãe, tanto perguntou que até soube os sonhos que elle fazia com a prometida capellania.

O morgado escutava-o com grande interesse. Quando o padre se callou um instante, elle perguntou-lhe :

— E minha prima gosta do noivo ?

— Pois-se casa por vontade ? Nem ella é mulher que faça o que lhe não agrada. Tambem, não desfazendo em quem esta presente, elle é uma excellente pessoa.

D. Dulce estava torturada. Quando o jantar terminou, Paulo ausentou-se uma meia hora e voltou a passar o serão com a mãe e os irmãos, mostrando-se para todos affectuoso. No dia seguinte de manhã, D. Dulce, envolta n'um grosso chale manta, foi bater de mansinho á porta do quarto do filho.

— Entre, minha mãe

A velhita entrou. Paulo, rodeado dos irmãos, estava de pé no meio do quarto. Abraçou a mãe com transporte, pediu-lhe perdão dos desgostos que lhe dava e, emquanto a pobre velha, debulhada em pranto, lhe acenava com o lenço da janella principal dos Arcos, elle, acompanhado dos irmãos, seguia para a estação, parando a espaços para lhe corresponder. Comprou na estação um bilhete de segunda classe, e, despedindo-se dos irmãos, partiu. Duas estações abaixo, com

o comboio em andamento, entrou na carruagem que Paulo ia, um homem, exactamente vestido como elle. Paulo entregou-lhe o bilhete e na estação seguinte apeiou-se pelo lado opposto e passou para o lado extremo da linha. Estava alli parado um cavalleiro, segurando um cavallo pela redea. Paulo montou-o e partiram a galope.

— Então, meu fidalgo, desistiu da empreza ?

— Por agora, homem, o que quero é vingar-me. Mas cá lhes deixo dinheiro. Podem começar por sua conta. Que d'aquillo em que não entro, não quero parte alguma. Conseguiste arranjar o petroleo ?

— Ai não !

— Compraste-o ?

— Isso podia fazer com que suspeitassem de mim.

— Então ?

— Entrei pela madrugada e mais o Joaquim, no barracão do carreiro e trouxemos quanto lá havia.

— Já deram pelo furto ?

— E' natural. Mas correm para o regedor e para a villa e não vêm cá da nossa banda.

— Bello. Onde o deixaram ?

— Ahi é que não havia por onde escolher. Ficou em casa do fidalgo, no palheiro onde dorme o Joaquim.

— Não gosto lá muito.

— E' que alli ninguem o vae procurar.

.....  
Noite velha, uma carrocinha puxada por um macho seguia a caminho das Frondes. Atraz d'ella um homem com uma enchada na mão apagava cuidadosamente, á luz branca do luar, os vestigios da sua passagem. Tudo dormia nas Frondes. Até os cães, que ficavam no inverno dentro de casa, deitados á porta do quarto da sua dona, roncavam profundamente.

— Os dois vultos dispuzeram rapidamente os elementos que tinham preparado para atear o incendio e lançaram-lhe fogo depois de terem partido o carro e de o untarem com petroleo. Retiraram-se rapidamente sempre apagando os vestigios da passagem. A poucos passos encontraram um homem com um cavallo á mão. Paulo montou-o e atirou ao Enguias uma bolsa cheia de dinheiro.

— Obrigado, meu fidalgo, Deus lhe dê muito para dar.

Paulo desapareceu a todo o galope. Quando chegou ao monte vizinho não resistiu a voltar-se.

Um immenso jubilo lhe illuminou a physionomia perversa. As Frondes eram um montão de lavaredas. Com uma gargalhada lugubre, bradou ironicamente :

— Aguias reaes dos Pereiras de Vouzella, mais alto! sempre mais alto!

E, mettendo esporas ao cavallo, conseguiu chegar á fronteira antes que rompêsse a manhã.

Nas Frondes tudo dormia. A primeira pessoa que acordou afflicta com o fumo, foi Silvestre. Egueu-se com difficuldade e abriu a janella. Retrocedeu suffocado. Sahiu do quarto fechando a porta sobre si, e accordou, o 64 gritando-lhe aos ouvidos

— Rapaz! fogo.

E dirigiu-se ao quarto da sua ama, gritando com toda a força dos seu pulmões:

— Fogo! fogo!

Ildegarda ouviu-o, ainda elle vinha a grande distancia. Vestiu-se rapidissimamente e abriu a porta do quarto levando sob o braço esquerdo o menino Jesus que Manuel lhe dera na vespera e o retrato de seu avô. Os cães, accordados á voz de Silvestre, esperavam ordens.

— Salva o velhinho! gritou Ildegarda a Silvestre.

E tentou descer. Retrocedeu porém. Era impossivel sahir. Entrando na livraria, encontrou já todos alli.

— Nada de perder o sangue frio, meus amigos, disse D. Bruno, tomando naturalmente a direcção da situação. 64, tu, como mais novo e mais agil, vaes vêr se conse

gues d'um pulo alcançar a arvore fronteira. Uma corda... Não ha uma corda para se improvisar um cabo da vae-vem?

Silvestre forneceu o utensilio pedido. E o 64, depois de dar um grande balanço ao corpo, ficou suspenso á força dos braços do platano fronteiro. Estabeleceu-se o cabo.

— Agora a prima.

— Eu só saio no fim.

— O irmão Marcollino.

— Eu não posso. Deixem-me morrer. Como hei-de eu suster-me a pulso?

— Eu vou lá pô-lo e volto, bradou o tenente. Atem-m'o bem á cintura.

A travessia foi penosa, mas fez-se. D. Bruno ia voltar.

— Não volte, gritou-lhe Ildegarda. Isso só nos faria perder tempo. Vamos, Silvestre, adiante.

O velho militar, com as lagrimas nos olhos, obedeceu por saber que era inutil insistir. Mas ia resolvido a seguir a sorte da sua ama qualquer que ella fosse. Alcançaram com incrível velocidade a arvore, porque o veterano, com receio de que as forças de Ildegarda faltassem, recuperou momentaneamente a agilidade d'um rapaz. Mal Ildegarda alcançou a arvore, as lavaredas atingiram a corda que lhes servira de salvação. Ildegarda, com o seu menino Jesus em

ar de mochila e o retrato do avô a fazer de bernal, foi sentar-se no muro derrocado que antigamente fechara o largo dos platanos e desatou a chorar. O 64 correu a pedir auxilio ao povo visinho. O irmão Marcollino resava. D. Bruno via a completa impossibilidade de apagar o incendio, e Silvestre, com os braços cruzados, não podia impedir uma lagrima atrevida de lhe correr ao longo das faces. Ildegarda chorava perdidamente. Uma mão que ninguem mais viu passou-lhe no hombro e a voz amiga de seu avô disse-lhe meigamente ao ouvido:

— Deixa arder. Os bens da terra não teem valor. Tu reconstruirás as Frondes. Não te faltam meios para isso. Seria enxovalhar o apellido de tua mãe perseguir teu primo Paulo. A consciencia o condenará.

E, depois de lhe dar um beijo na fronte, affastou-se vagarosamente.

Ildegarda olhou em roda.

Todos estavam nas mesmas posições.

— Silvestre! chamou Ildegarda, com voz abafada pelo soffrimento, monta a cavallo, se podes, e vae buscar-me um *landau* á Villa.

A ordem foi facil de executar, porque as cavallariças, estando separadas da habitação, tinham sido poupadas. Quasi uma hora e meia depois chegou Silvestre seguido do

trem pedido. O 64 voltara também, seguido por muita gente.

— Meu rapaz, disse-lhe Ildegarda, toma a direcção d'esta gente e façam o que puderem para extinguir o incendio; mas não deixes arriscar nem uma vida. As Frondes não valem isso.

— Eu fico, disse-lhe Bruno serenamente.

— N'esse caso obriga-me a ficar.

— Ceda, meu tenente. Ella já não tem força para mais e a sua vida vale tudo.

Todos subiram para o trem e Silvestre, montando de novo a cavallo, seguiu á estribeira. Trez quartos de hora depois, apeiaram-se á porta da casa da Villa. O irmão Marcollino estava desolado e não sabia como consolar Ildegarda. Bruno, silencioso, mostrava-se contrariado por não ter ficado nas Frondes. Silvestre dizia a sua ama:

— Foi bom affastar-mo-nos d'aquelle espectáculo! Eu já o não podia supportar mais.

Ildegarda disse ao irmão Marcollino:

— O rombo que isto dá na minha fortuna é insignificantissimo. Não chego mesmo a senti-lo. Mas é o passado que desaparece para não voltar mais. Em menos d'um mez, Bruno, hão de começar a reconstruir-se as Frondes, não como eram, mas com um plano novo que Bruno me ha de escolher.

— Os lindos pannos de Arrás! murmurou o irmão Marcollino.

— Mandarei fazer umas imitações idênticas. Emfim, antes a casa ardesse do que tivesse morrido algum de nós.

— Isso não, disse o irmão Marcollino; a minha vida está finda e era bem menor perda.

Ergueram se protestos unanimes que sensibilisaram o velhinho. Silvestre foi preparar um leito para elle descançar, e deitou o como quem deita uma criança.

Ildegarda pediu a D. Bruno que se deitasse sobre o sophá: receiava que Paulo, vingativo e cruel como era, matasse D. Bruno á traição

— Perdõe me de o guardar á vista, mas este incendio transtornou-me o espirito.

D. Bruno, olhando-a, reconheceu que ella fallava verdade. Um tremor nervoso sacudia lhe de quando em quando o corpo, e o olhar estava desvairado. D. Bruno fê-la sentar junto de si e encostou a brandamente ao hombro ficando com a mão d'ella entre as suas.

Silvestre, entrando momentos depois, encontrou-os adormecidos

— Pobres pequenos! murmurou elle.

Foi buscar um cobertor e abafou-os. Depois, embrulhando-se no capote á militar, adormeceu junto d'elles.

Nada se pôde salvar das *Fronde*s. A casa estava velhissima e o fogo muito malvadamente lançado.

A agua era atirada aos cantaros, não havia bomba e, ainda que o rio ficasse perto, como o predio era enorme, os esforços eram vãos. A's tres horas da tarde ainda havia que arder. Só depois das seis, é que o 64, extenuado, entrou na casa da Villa.

— Então? perguntou-lhe Silvestre.

— Vi arder tudo até ao fim: mas o effeito que me fez é que a agua, assim deitada ás gottas, ainda ateiava mais o incendio.

— Bem. Vae comer e dormir.

— A gente que trabalhou pede dinheiro.

— Lá lhe irá. Elles bem devem adivinhar que n'este momento não o tenho.

— Vieram dois commigo que estão alli fóra á espera

— Eu já lhes vou fallar. Vai tu comer e descansar, que bem precisas.

E precisava. O pobre rapaz estava extenuado.

## XVII

A senhora D. Dulce não podia dormir. Os corações das mães adivinham. Agora que nada podia remediar, lamentava não lhe ter dado, em vez de dinheiro, uma ordem para o receber em Lisbôa. Relembrava a attitude resignada do filho, tão contraria ao seu genio violento e indomito. Tremia.

Como não pudesse conciliar o somno e a febre lhe escandecesse o cerebro, ergueu se Abriu as portas de dentro da janella, limpou os vidros embaciados. e olhou.

Um luar esplendido inundava o valle  
— Que linda noite! murmurou.

Mas, de repente, o seu rosto tomou uma expressão attenta. Lá em baixo, uma carrocinha ia em direcção ás Frondes. Foi buscar um binoculo e o seu coração de mãe foi lançado por terrivel angustia.

Não havia duvida de que era Paulo que seguia á frente do carro; o que apagava com

a enxada os vestígios da passagem é que ella não logrou conhecer. Sahir, correr, alcança-l'ò, como, se a distancia era já tanta? e os seus movimentos tropegos e difficeis! Mandar-lhe os irmãos, nem pensar n'isso. Seria talvez provocar entre elles uma scena de morte. Ella sabia por experiencia que nada affastava Paulo de executar uma tenção por elle formada. Afflicta, sem se atrever a tomar uma resolução, chegando quasi a duvidar dos seus proprios olhos, a snr.<sup>a</sup> D. Dulce limpava de quando em quando um vidro da janella e não sahia d'alli. O coração dizia-lhe que se ia passar qualquer cousa terrivel, e os olhos, desmesuradamente abertos, tentavam em vão sondar a escuridão em que o arvoredò envolvia as Frondes. De repente reprimiu um grito e um choro convulsivo se apoderou d'ella. As Frondes ardiam por todos os lados e o vento, que soprava rijo, ateava a fogueira.

— Pobre pequena! exclamava a snr.<sup>a</sup> D. Dulce. E' assim que elle paga o modo carinhoso por que ella o tractou!

E precipitou se para a porta na intenção de chamar filhos e criados e de os mandar todos em socorro da sobrinha.

Tinha já a mão no fecho da porta, quando este pensamento lhe atravessou o espirito:

«E... se elle não teve ainda tempo de fugir?»

Deixou cair a mão ao longo do corpo e voltou para junto da vidraça, n'uma ansiedade medonha, murmurando baixinho:

— E se m'ò prendem? Se m'ò matam? O povo d'aqui, quando se indigna, não hesita n'isso. Ai filho! filho da minha alma! em que má hora tu vieste ao mundo!

Depois, a consciencia censurava-a:

— Mas tu, callando-te, não fazendo nada em favor dos desgraçados que alli estão, és cúmplice d'um crime: se morrerem, foste tu que os ajudaste a matar.

Dava um passo em direcção da porta e estacava.

— Não, não! murmurava quasi infantilmente. Primeiro que tudo, é preciso dar ao meu filho tempo de se safar.

Depois, como se o quizesse desculpar aos olhos de Deus, parava em frente do oratorio e dizia:

— Elle não é mau, Senhor! A sangue frio seria incapaz de commetter tal horror... Está desvairado pela paixão, é o que é. A principal culpa é minha, que me não serve a velhice para ser prudente e acautellada, e lhe forneci dinheiro...

Depois, como se sentisse que tudo quanto dizia não podia ter valor ante a justiça de Deus, voltava se para a imagem da Senhora das Dores, torcendo angustiosamente as mãos

e prostrando-se por terra, como quem apella para a ultima esperanza.

— O' Virgem mãe, vós que sois o amparo dos que soffrem, vêde o meu coração desolado. Fazei com que o pezo das suas faltas chova sobre mim. Fui eu que não soube educa-lo nem inspirar-lhe nobres e generosos instinctos. Salvae o meu filho, Senhora, e puni-me sem dó.

Era um espectaculo profundamente commovente a angustia d'esta pobre mãe que, com os cabellos nevados em desalinho, se rojava no chão, implorando do Altissimo misericordia para o filho e punição para ella, cujo corpo, vergado ao pezo dos annos e dos desgostos, já mal se podia mover.

Rompeu o dia. Então, convencida de que Deus escutara a sua prece, e seu filho já estava longe, mandou todos para as Frondes e ordenou a Ricardo que voltasse promptamente a casa a informa-l'a se havia mortes.

Foi terrivel a angustia da velha emquanto o filho não voltou. Os segundos pareciam-lhe seculos. Finalmente o rapazote entrou esbaforido e, atirando comsigo para cima d'uma cadeira, murmurou arquejante:

— Descance, mãe, ninguem morreu, nem mesmo se queimou. Estão todos sãos e salvos na casa da Villa.

A velha cahiu, entoando o *Te Deum*, aos

pés da cruz. E o rapaz, cingindo a nos braços, cobriu-a de beijos e caricias. Este pequeno adorava a mãe e tinha d'ella um infinito dó. Não dissera nada, mas pressentia a verdade e calculava o que a pobre mãe soffria.

A senhora D. Dulce teve de recolher á cama e foi necessario chamar o medico Ricardo sentou-se-lhe á cabeceira e tratou-a com desvelado carinho. Só quando muito cansado é que cedia o logar a um dos irmãos. As criadas não tinham licença de entrar no quarto porque a doente, no delirio da febre dizia toda a sua angustia. Passou longos dias entre a vida e a morte até que um dia entrou em franca convalescença.

Ildegarda conhecia pelo medico a marcha da doença. Logo que soube que a tia estava melhor, disse ao clinico:

— Doutor, entregue esta carta a minha tia. Verá como ella recupera a saude a olhos vistos.

E assim foi. A carta dizia:

*Querida Tia*

«Esteja tranquilla. Eu, não só não perseguirei Paulo, como guardarei segredo ácerca do seu procedimento, sendo a primeira a tomar a sua defesa, se preciso fôr. Devo

isso á memoria de minha mãe que usava o seu nome, e perdô-lhe de todo o coração. Restabeleça-se depressa, que dará com isso o maior prazer possível a sua sobrinha muito amiga

*Ildegarda»*

Recebendo esta carta, a senhora D. Dulce chorou, coseu-a n'um saquinho de seda roxa, e fe-la pendurar aos pés da Senhora das Dores. Desde esse dia não houve para ella no mundo mulher superior á sobrinha. Mas uma incuravel tristeza ficára no espirito da pobre velha. Passava horas contemplando as ruinas das Frondes atravez dos vidros, e sentia uma magua infinita de ser mãe d'um incendiario. Durante o periodo mais grave da doença de D. Dulce chegara de Madrid uma carta de Paulo narrando as bellezas da sua viagem e dizendo para onde lhe haviam de escrever.

Os tres irmãos reuniram conselho e Ricardo foi encarregado de se desempenhar da resposta. Depois de pensar muito, escreveu-lhe:

*Meu infelix Paulo*

«Ninguem duvida de que fosses tu o incendiario das Frondes. A mãe, de desgosto, tem estado ás portas da morte e não quer mais

ver-te. Eduardo e Quintino encarregam-me de te dizer que morreste para elles. Eu não te digo o mesmo. Fui sempre tão teu amigo!

«Nunca mais voltas. Serias prezo immediatamente: sabemos de fonte certa que ha ordem para isso. A mãe morreria. Se visses como ella está! Pede tudo que te fôr necessario. Não queremos que te falte nada. Não te dou conselhos; tu és mais velho: peço-te apenas que tenhas dó d'esta infeliz, cujo estado moral commove o mais empedernido coração. Adeus, Paulo, sou sempre teu amigo e irei vêr-te dentro de alguns annos. Não deixes de me dar as tuas noticias, porque eu ficaria em grande cuidado

Teu irmão

*Ricardo»*

Lida a carta aos irmãos, foi aprovada. mandada ao seu destino, sem que a snr<sup>a</sup> De Dulce fosse consultada. A mãe, fraca e indulgente, começava a estranhar que o filho lhe não escrevesse, e Ricardo teve de a elucidar.

— Olhe, minha mãe, os meus irmãos recusaram-se a fallar a Paulo, a estender-lhe a mão. Perceberam tudo e são de opinião que, se elle voltar, recomeçará. Para o impedir d'isso eu escrevi-lhe esta carta, olhe.

A velhita leu e, quando acabou, perguntou chorando :

— Então eu nunca mais hei de ver o meu filho ?

— Quem diz isso? Se elle não pode, nem deve cá vir, podemos nós ir lá. Olhe, minha mãe, para que Paulo pudesse voltar era preciso optar por elle e deixar ir embora Quintino e Eduardo, dois filhos que nunca lhe deram desgostos. Depois, bem sabe como eu gosto d'elle; mas olhe que isto é verdade: vendo que com o incendio só a casa é que soffreu, idearia uma nova vingança para impedir o casamento da prima.

A pobre velhinha foi forçada a concordar.

Uma cousa soubera a senhora D. Dulce prever, com o seu instinto de mãe. Ildegarda perderia o grande prestigio que tinha aos olhos de Paulo logo que elle visse outras mulheres.

As hespanholas deslumbraram-no e pouco tempo depois de estar em Madrid não comprehendia a sua paixão por aquelle *estafermo*, como desdenhosamente lhe chamava. A carta de Ricardo commoveu-o e irritou-o. Quando viu o mal que causara á mãe, ficou afflictiissimo. Era a unica pessoa que elle estimava verdadeiramente.

A attitude de Ricardo sensibilisou-o; quanto a Eduardo e Quintino, bradou fulo:

— Se não fôsse a mãe, ia lá, só para os correr a pontapés.

Depois, uma curiosidade lhe vinha. Ricardo não dissera se Ildegarda e Bruno tinham morrido. Fôra sob as janellas dos seus respectivos quartos que elle amontoara mais lenha e entornara mais petroleo.

Não queria perguntar, mas tinha pena de não saber. Depois, encolhia os hombros e dizia :

— Minha mãe tinha razão. Aquillo é lá mulher ao pé das bellezas madrilenas ! Fui bem parvo, mas tudo tem um lado bom : se não fôsse o estafermo, eu não teria vindo viajar. O peor é o estado da mãe.

E, mettendo as mãos nos bolsos, passeiava na casa profundamente contrariado.

Tem sempre amigos em toda a parte quem tem dinheiro. Paulo, trez dias depois de estar em Madrid, já tinha uns poucos. Um d'elles entrou-lhe pela porta dentro convidando-o a ir assistir á chegada dos estudantes de Salamanca. Elle acceitou e, cinco minutos depois, nem lhe lembrava a mãe nem Portugal. Ria, conversava, e divertia-se. Pobre D. Dulce !

## XVIII

### *Do Diario de Manoel*

É com espanto que, ao sahir do meu quarto, me dão a noticia de que as Frondes estão a arder. Recebo-a com dôr e corro alli immediatamente, seguido de todo o pessoal que pude juntar. A gente da aldeia trabalhara em vão toda a noite para extinguir o incendio. Era impossivel penetrar no palacio por nenhum dos lados. A fachada principal acabara de abater. Perguntei pelos habitantes e disseram-me que se tinham retirado para a casa da Villa e que não haviam soffrido senão o susto. Palpitou-me que o primo Paulo não era estranho a tudo isto, mas não dei parte a ninguem das minhas suspeitas. Sentei-me sobre um tronco derrubado e contemplei com tristeza o solar. Que horas alegres eu passára alli! Era pois necessario que do passado não existisse nada, que não houvesse um objecto, um movel, uma cousa que recordasse a Ildegarda a mi-

na curta passagem na sua vida? Os homens que eu trouxera, sentindo-se como os outros, impotentes, assistiam com pena aos desabamentos consecutivos. Mandeí o caseiro á Villa informar-se do estado de Ildegarda e eu regressei ás Mouras. Não me sentia ainda com animo de os vêr noivos; receiava trahir-me. Eu teria preferido que ella tivesse morrido a ve-la ligada a outro homem. A morte não separa os que se amaram realmente em vida; os espiritos dos que partiram estão muita vez entre nós: então o velho das Frondes?

Ai! se Ildegarda tivesse morrido, como seria menor a minha dor! O ciume não me rasgaria o seio e eu viveria com o seu espirito longas horas de satisfação e paz. Porque é que Paulo a não matou?

Teria consummado a sua vingança é feito a minha felicidade. Eu encontraria lagrimas de sangue para a chorar, revive-l'a-hia no meu espirito a todo o instante com o nimbo da innocencia e do martyrio, e chama-la-hia para o meu coração. Ella havia de ouvir-me, porque ambos nós já andamos bastante na escala da perfeição para poder communicar com os que passaram a um grau superior de vida. Porque é que Paulo a não matou? Poupava-me a tortura de a vêr apoiar-se ao braço de outro, de a vêr

sorrir-lhe e chamar-lhe seu marido. Seu marido!

Que dolorosa significação esta phrase tem. Eu não quero ouvir-lh'a. Não assistirei ás suas bodas, não voltarei alli.

Porque é que Paulo a não matou?

O egoismo humano é incomensuravel, e eu, homem nascido e educado no bem, tenho, quando a dor me punge, ressaibos de panthera ferida. Eu, que não posso ver maltratar uma mosca, perdoaria a Paulo a morte de Ildegarda, porque recebia assim um desgosto menor do que aquelle que me esperava. Que miseravel animal é o homem!

Nas Mouras estavam anciosos por noticias.

— Então, perguntava-me muito afflicta a senhora D. Natalia, morreu alguém?

— Não, minha senhora, ninguem soffreu senão susto; mas não ficou pedra sobre pedra, nem se pôde salvar cousa alguma.

— Que grande prejuizo! pobre Ildegarda!

— No dia seguinte a ajustar o casamento!

E as exclamações de piedade não tinham fim.

Minha mulher olhava-me investigadoramente. Por fim perguntou:

— Tu não vaes á Villa vêr os teus amigos!

— Hei-de ir, mas por ora não tenho ani-

mo. Soffri um grande abalo nervoso. Mande lá o Manoel

Ella não insistiu, mas vi que tinha ficado preocupada. Esta Amelia é realmente uma criatura intoleravel. Se ia ás Frondes, ficava fula; agora, como não vou, fica contrariada! Vão lá entendê-la.

A minha pequena mais velha perguntou:

— É verdade, paesinho, que parece que o fogo foi lançado de proposito?

— É: a respeito d'isso não há a menor duvida.

— Mas Ildegarda é tão bôa! Que inimigos podia ella ter?

Entendendo que os segrêdos d'uma familia nada têm que vêr com a curiosidade dos ociosos, embora bem intencionados, não tentei esclarecel os, limitando-me a encolher os hombros n'um gesto de ignorancia.

Minha mulher quasi não comeu ao jantar. Á noite, depois de as pequenas se terem deitado, ella aproximou-se de mim e disse-me n'um tom que me fez pôr de pé, vibrante de indignação:

— Fôste tu que lançaste fogo ás Frondes.

— Tu atreves-te a fazer-me tal accusação, tu?

Amelia cahiu-me aos pés a tremer.

A minha raiva era tal que não tive o menor dó d'ella. Não fiz um gesto para a

erguer. Contei-lhe tudo rapidamente: a espera que Paulo fizera á prima e todos os incidentes que se lhe seguiram, terminando por affirmar:

— Foi elle com certeza e Ildegarda sabe-o de mais. Agora livra-te de repetir uma unica palavra do que acabo de dizer-te para socego da tua cabeça desvairada.

Ella tentou aproximar-se de mim, pedindo perdão. Repudiei-a ressentido:

— Primeiro que eu possa esquecer ha-de levar seu tempo.

Ella retirou se chorando e eu fiquei passeiando no escriptorio d'um lado para o outro. A desconfiança de Amelia fizera desabar em volta de mim uma quantidade de illuções que ainda tinha, julgando ha muito já não ter nenhuma. Pois era crível que esta criatura que vivia commigo ha dezesseis annos, que tinha obrigação de me conhecer, fôsse a primeira a accusar-me d'um crime que ella devia saber que eu não poderia commetter, dados os meus sentimentos?!

Que confiança podemos nós então depositar nas pessoas estranhas, quando as nossas intimissimas são assim? Eu sabia que ella era estúpida, mas nunca a supuzera tão redondamente idiota. Emfim, quando a ira se me acalmou, fui deitar-me. Amelia soluçava ainda. Não lhe disse cousa alguma e ador-

meci ao som d'aquella desagradavel musica.

Ergui-me cêdo, agasalhei-me convenientemente e voltei ás Frondes. Não sei que poderosa attracção me chamava para alli. A neve cahira já sob as magestosas ruinas, dando-lhes em poucas horas um aspecto differente do que tinha na vespera. Tentei entrar nas ruinas por varios pontos e só o consegui pelo lado da capella. Ahi a quasi completa ausencia de madeira fizera com que o fogo a respeitasse em grande parte. Quiz passar aos compartimentos seguintes, mas o desabamento dos andares superiores impediam completamente o transito. Tornei a sahir da capella, rodeei o muro e vim á porta da cozinha: era impossivel passar. Mas pela terceira janella, para o lado da horta, pareceu-me que seria facil executar o meu desejo. Assim foi. Achei-me nos restos da casa de jantar, atulhada de escombros. Uma das paredes ficára de pé e do alto d'ella, por um acaso inexplicavel, pendia entre farrapos ardidos a figura de Annibal perfeitamente intacta. Chegar a ella era facillimo. Subi pela escada que o desabamento naturalmente me improvisara e, tirando o meu canivete, cortei-a com cuidado. Tinha decerto um metro e oitenta de altura por 95 centimetros de largura. Enrolei-a com cuidado, e sahi. Ao pôr o pé no chão, senti um objecto duro que

me não pareceu pedra. Abaixei-me e apanhei uma linda estatua de bronze da qual apenas o pedestal soffrera uma ligeira amolgadura que me pareceu facil de reparar. Contento com os meus achados, que eu pensava restituir a Ildegarda depois de lhes fazer desaparecer os vestigios do mal porque haviam passado, voltei a casa pensando que a minha *santa* mulher ia decerto julgar que eu levava objectos roubados. Como não tinha vontade de lhe fazer confidencias, entrei directamente para o escriptorio e fechei tudo na gaveta da minha secretaria. Depois fui almoçar, conversei com as pequenas, dirigi varias vezes a palavra a minha mulher, porque entendi sempre que os filhos não devem saber das questões dos paes, e, terminado o almoço, montei a cavallo e dirigi-me aos Arcos.

Demais sabia eu que Ildegarda não accetaria a hospitalidade de sua tia, mas queria conversar com Paulo ver como elle sustentava serenidade depois de tal façanha.

Não fallei com nenhum dos homens da casa. Foi-me dito pela criada velha, que eu vira nas Frondes, que o senhor Paulinho partira para Lisboa no dia 26 de manhã; a senhora, impressionada com a desgraça que ferira a sobrinha, estava de cama e muito mal; dois dos senhores estavam no quarto da mãe e haviam dado ordem para não receber

ninguem, enquanto o terceiro fora em pessoa chamar o medico

A minha opinião estava confirmada. Tornei a montar e dirigi-me á Villa. Todos me receberam festivamente e eu consegui ouvir sem pestanejar a noticia do noivado e disse até com risonha naturalidade, batendo no hombro de D. Bruno :

— Você não me havido mettido no segredo, mas o 41 tinha-me levado a vêr a linda ornamentação da cosinha.

Ildegarda comprehendendo que era ainda cedo para eu supportar muito tempo a conversa n'aquelle assumpto, veio em meu auxilio.

— Diga-me uma cousa, meu caro visinho, já viu o meu ninho desmantellado?

— Vi. É impressionante.

Deve, quanto antes, mandar revolver os escombros é possível que encontre n'elles alguns objectos de valor.

— É preciso dar ordens n'esse sentido, Silvestre, manda vir pedreiros... emfim tracta disso.

— Esqueceu-me dizer, minha velhinha, que o seguro mandou dizer que estava prompto a pagar logo que quizesse.

— Está bem. Mas eu não quero receber. Dize-lhe que não ha dinheiro que me possa restituir o que perdi.

— Essa agora! exclamou pasmado o 41.

— Fecha aquella porta para a cosinha.

O velho obedeceu. Então baixando a voz para não ser ouvida fóra, Ildegarda, disse:

— Eu sei quem me fez esta selvageria. Não o quero perseguir porque entendo não dever sujar o nome de minha mãe. Ora accitando o dinheiro do seguro, era um logro á compahia porque o criminoso que eu entendo não dever accusar, pelos irmãos pela mãe d'elle, pela memoria da minha, tem demais por onde pagar. Lançarão este meu procedimento á conta de excentricidade e d'aqui a uma semana ninguem fallará mais n'isso. Ai! Manoel de Sousa! se eu tenho adivinhado, não era ao pé que n'aquella noite eu lhe faria pontaria!

— Isso diz V. Ex.<sup>a</sup> agora.

— Juro-lhe pela memoria de meu avô que lhe apontaria sem dó ao coração.

— Ah! isso acredito eu,olveu Silvestre, nem podia deixar de ser.

Todos accitaram sem protesto o justo escrupulo de Ildegarda, e a conversa mudou de rumo: Insistiram commigo para jantar. Accitei porque já era sabido nas Mouras que em eu não estando a horas era porque não ia.

Ildegarda e D. Bruno eram uns noivos correctissimos. Não tinham nenhuma d'es-

tas intimidades, que ás vezes vexam as pessoas que a ellas assistem que chegam a não perceber a attitude que devem tomar: Os seus olhares, que eu observava a furto, só do lado d'elle me incommodavam. Eu podia enganar-me momentaneamente e suppôr que era ainda a minha Ildegrada, a mulher que tencionava não casar nunca, que eu tinha diante dos olhos, e gozava com esse engano que eu sabia que infelizmente me duraria pouco.

Era tarde quando retirei combinando encontrar-me com elles nas Frondes no dia seguinte. Á despedida perguntei a D. Bruno.

— Você sempre regressa no dia sete?

— Que remedio!

E olhando para Ildegarda d'um modo que me fez arrependar da pergunta, accrescentou.

— Mas não conto ter de estar ausente muito tempo.

Apertamo-nos as mãos e sahi. Montei a cavallo e segui a trote.

O frio era intenso e não me deixava entregar a cogitações intimas. Quando cheguei aos pinhaes de cima pareceu-me vêr sombras agachadas entre os pinheiros novos. Metti esporas ao cavallo e fustiguei-o vigorosamente. O animal que vinha folgado e não estava habituado a tão rude tractamento

lançou-se n'uma corrida vertiginosa. Foi a tempo. Crusaram quatro tiros, mas nenhum me attingiu.

— Olha se fosse n'uma d'estas occasiões, tão frequentes em mim, em que não sei por onde vou?

É um aviso que me deve servir de lição.

No dia seguinte não se fallava em toda a aldeia senão no desaparecimento do Bexiga, um homem que vivia só e tinha fama de ser grande usurario.

Na porta da sua casa lia-se em letras mal feitas traçadas a giz branco :

#### OS PINHÕES DO DIABO

— Ligando isto com a minha aventura da vespera, fiquei sabendo que estivera para apanhar um pinhão do Diabo.

Ao meio dia dirigia-me ás Frondes. Fui o primeiro a chegar.

Um quarto de hora depois appareceram Ildegarda e D. Bruno a cavallo, seguidos pelos cães. Era realmente um bello par, por muito que confessa-lo me fôsse penoso. Apeiaram-se, recolheram as montadas na cavallariça e vieram sentar-se no muro juncto de mim.

Ildegarda, extremamente pallida, olhava para tudo de olhos enxutos. Os cães pare-

ciam loucos, ora indo ora vindo farejando tudo, não podendo crer na desappareição da confortavel casa que tanto tempo os abrigara. Quando a fachada principal do palacio abatera, as lindas aguias reaes que seguravam a divisa e supportavam o brazão, vieram cahir no solo, mas encontrando este papa-cento, enterraram-se n'elle sem se deteriorarem. Isto foi causa de grande jubilo para a representante dos Pereiras de Vouzella.

Entramos por varios pontos, encontramos alguns objectos, que arrancaram a Ildegarda exclamações de prazer e já pensavamos em nos retirar quando Silvestre appareceu acompanhado pelo melhor capataz de pedreiros da proxima Villa. Andaram a vêr e destinaram começar a desobstrução das ruinas logo no dia seguinte. Silvestre e o 64 viriam com um carro para transporte das cousas que se achassem, e merecessem concerto.

Soou a hora da partida. O 64 foi buscar os cavallo e os noivos, seguidos pelos cães, desappareceram a galope em direcção á Villa.

Silvestre seguia-os com um olhar paternalmente envaidecido.

— Quando é a boda, amigo 41? perguntei eu mascarando a minha pena n'um tom jovial.

— Muito breve, snr. Souza.

E fazendo signal aos outros que fôsem indo, disse-me em tom confidencial:

— Cousas demoradas não me servem. Depois, ambos elles são da tropa, não pretendem deslumbrar-se mutuamente com a belleza dos enxovaes. Elle agora vae para baixo, pede licença para se casar, dão-lh'a, não dão, ainda demora uns dias, tracta de vêr se se colloca aqui, se o não consegue, pede licença até lá. Este ministro da guerra era intimo do pae d'elle e ha-de fazer o possivel para lhe ser agradavel. E' até elle, naturalmente o padrinho do noivo.

— E a madrinha?

A mulher d'elle.

— E por parte da noiva? indaguei eu tremendo de ouvir o meu nome.

— A senhora D. Dulce e o irmão Marcollino. A minha velhinha não tinha grande vontade de convidar a coruja, mas attendendo á memoria da mãe...

— Pelo visto não se espera pela reconstrução da casa?...

— Era o que faltava. Nada, nada que a gente envelhece depressa. Muito me hei-de eu pasmar se fevereiro começa sem que elles durmam na mesma cama.

— Eu já não podia ouvir mais, mas com o gosto que todos temos em nos torturar

ia perguntando sempre. Afinal despedi-me.

Uma cama só! Esta phrase trouxera-me tanta coisa desagradavel ao pensamento!

As pessôas que amam assemelham-se em muito aos meninos. Ora que fazia ter uma cama ou duas visto que estavam casados e dispostos ambos a cumprir mutuamente os deveres que o matrimonio lhe impunha? Isto repetia-me eu e comtudo a phrase «uma cama só» continuava a bater-me no ouvido com um martello.

Passei uma noite agitadissima.

No dia seguinte, enquanto me penteava em frente do espelho, minha mulher, aproveitando a presença das pequenas para se atrever a dirigir-me a palavra, interrogou curiosa :

— O' Manuel, que conversa era a tua esta noite?

— Eu ?!

— Sim, murmuravas muita coisa que me não fazia sentido e acabavas sempre por dizer : «Uma cama só!»

— Tu nunca entendes o que ouves; o que eu dizia era uma cama só. Andava com o Manuel a vêr a parreira debaixo, onde puzeram canas demais e cahindo no excesso contrario eu affirmava-lhe que uma cama só teria força sufficiente para supportar o pezo da parreira.

As pequenas riram immenso com aquella satisfação incomparavel com que as crianças riem de tudo, a minha mulher retirou se satisfeita.

De esta escapei eu, mas se dou em continuar a sonhar alto, sou um homem perdido.

E acudiram-me á memoria varios peccadilhos sem importancia que cometera por Lisbôa para me distrahir. Estas distracções dos homens pacatos em férias das suas obrigações familiares, era um assumpto que eu exploraria cuidadosamente se fôsse um d'esses fazedores de comedias burlescas que abundam por Lisbôa. E sorri á evocação d'um d'esses episodios. Não o conto porque, embora não seja vaidoso, não me é grato descrever uma scena ridicula em que o papel principal era o meu.

Acabava eu estas considerações, quando minha filha mais nova me veio anunciar que a snr.<sup>a</sup> D. Natalia me desejava fallar. Corri a receber as ordens da boa velhinha que eram d'ôces pedidos. Estava muito preoccupada com o casamento da medica. Fizera uma longa lista de encomendas ácerca das quaes entendia fazer-me explicações receiando ter-se expressado mal. Reparando nos lindos olhos negros de D. Isabel que muito fitos em nós pareciam querer suprir os ouvidos, lembrei-me de repente que tinha na minha secreta-

ria uma corneta acustica do systema mais aprefeiçoado que eu tencionava dar-lhe na vespera de Natal, mas que o meu inesperado incidente e subsequentes preocupações me fizeram esquecer. Pedi licença á minha interlocutora e ausentei-me um instante. D'ahi a pouco voltei com o objecto que tinha ido buscar e expliquei-lhe por acenos a sua utilidade. Nunca na minha vida assisti a uma alegria tão louca. As duas velhas abraçavam-me, choravam, riam, chamavam me o seu querido filho: era um delirio.

Eu devia ter guardado isto para amanhã que é dia de Anno Bom, mas a pena com que a snr.<sup>a</sup> D. Isabel estava de não ouvir trans-tornou-me os planos.

— Ainda bem, ainda bem, diziam as duas velhinhas a um tempo, as boas noticias não se devem demorar.

— Mande-me a sua mulher, as pequenas, o Manuel todos, todos que encontrar Quero conhecer-lhe as vozes.

Sahi a satisfazer-lhe o natural desejo e, aproveitando do jubilo geral, livreime das suas presenças.

Cada vez é mais funda em mim a necessidade de isolamento. E'-me penosa até a companhia das minhas proprias filhas. A cabana do irmão Marcolino tenta-me. Não comprehendo como o bom velho, tendo vivi-

do alli tanta hora de paz, teve animo de a abandonar. Foi o affecto paternal que a medica lhe inspirou.

E invejei a sorte do irmão Marcolino! Se eu tivesse a idade d'elle!... é possível que a vista de certos olhares me não escandecesse o cerebro e podesse olhar gosando as manifestações inconscientes d'um amor que desabrocha. Assim, era necessario affastar-me tanto quanto possível, inventar occupações, arranjar pretextos para os não vêr e, desde o momento em que a não visse a ella a vista até dos meus me era penosa.

Chegou o dia da volta a Lisboa.

Eu embarquei na estação da aldeia. D. Bruno na do seu povo. O 64 não o seguia, ficava para coadjuvar Silvestre na vigilancia do desentulho das Frondes.

Ildegarda acompanhou o noivo á estação. Não demos meia duzia de palavras nos cinco minutos de demora que o comboio alli se deteve e; ao dar o ultimo signal, trocamos as nossas despedidas. Quando o comboio ia já em andamento, ella gritou ao noivo:

— Bruno, volte breve.

Elle acenou-lhe affirmativamente e o vulto de Ildegarda, agitando o lenço, desapareceu quasi instantaneamente aos nossos olhos. Volte breve... Porque não dis-

sera ella voltem? Porque é claro que a phrase diminuiria de valor para o noivo, e dar-lheia até uma impressão exquisita. Isto dizia-me a razão, mas este teimoso, que tenta dominar-me a todo o instante insistia. «Volte breve!» Ella não precisava para nada dizer isto. Se o disse é porque o sente e se o sente e o disse, é porque o meu soffrimento já lhe é indifferente.

— Em que vae você tão abstracto, ó Sousa?

— Pensava no grande prazer que eu teria se liquidasse esta questão das Mouras que dura á immensos annos e está enredadissima.

— E tem esperança?

— Toda. A questão está n'este pé

E contei.

A volta a Lisboa fez-me bem. Deixei de estar obsecado a todo o instante pela minha estúpida paixão e pude interessar-me por alguns d'esses assumptos que prendem e captivam o espirito. Fui ao Leitão e mandei fazer ao retrato equestre de Annibal uma moldura de prata encimada pelo brazão, divisa e tudo, e á estatua um pedestal que lhe disfarçasse o defeito, artisticamente cizelado. Importava caro, mas deixa-lo! eu bem podia fazer um disparate uma vez na vida.

Dez dias depois de estar em Lisbôa, mi-

nha mulher escrevia-me uma longa carta, tão cheia de erros de orthographia quanto de phrases dôces e annunciava-me que a senhora D. Natalia e sua irmã tinham mandado ir o tabellião e, inutilizando os testamentos que tinham feito em tempo, haviam instituido minha mulher sua universal herdeira.

— Eu, dizia-me Amélia, chorei de jubilo e gratidão. Atribuo este procedimento á tal corneta que trouxeste da cidade.

Depois contava-me que todos os dias se davam novos crimes e que os taes Pinhões do Diabo espalhavam o terror por toda a parte. Agora fôra o doutor Carlos de Provozen-de encontrado estrangulado na propria cama e a casa n'um desalinho que demonstrava o saque precipitado. A policia estava em campo, e os avisados estabeleciam uma constante vigilancia em volta dos seus bens. O Manoel, por ordem de D. Natalia, aterrada, triplicara os guardas da noite porque, segundo se affirmava, a quadrilha era numerosa. Umás terras de tão bôa fama que entrava e sahia o anno sem que nunca houvesse um crime e que ha um tempo para cá era como se pezasse sobre ellas uma maldição! Os povos em volta da Villa pensam em fazer preces.» Contento com as noticias recebidas, fui' ao tribunal saber quando se decidia a questãõ que eu consiguira activar com for-

tes empenhos e tive a satisfação de saber que a audiência tinha sido marcada para o dia seguinte. Estava em maré de sorte. A questão venceu-se. Telegraphei immediatamente a boa nova e realmente satisfeito por um resultado que eu sabia devido aos meus esforços, convidei D. Bruno a jantar e o bom Marcos Diniz. A refeição correu alegre. Eu tinha ancia de partir, queria chegar á terra antes de Bruno, para gosar pela ultima vez a companhia de Ildegarda, ainda livre e solteira. Fiz acondicionar convenientemente as minhas encommendas no Leitão e no dia seguinte, acompanhado á estação por Bruno e Marcos, tomei alegremente o caminho de casa enquanto Bruno me dizia com pena :

— Nunca julguei que fôsse você o primeiro a voltar.

— Nem eu. Quer alguma cousa para cima ?

— Diga a Ildegarda que não vivo os segundos que me demoram longe d'ella.

— Sim senhor.

— Você agora fica por lá !

— Não sei. Quero ir gosar das alegrias que por lá devem ir e dar uma vista de olhos aos negocios da casa : mas não sei ainda se poderei ficar, tanto mais que um medico que consultei, entende que eu devo fazer um tractamento que pode ser demorado.

Mas tudo isso depende de que os negócios da casa não se transtornem por minha causa.

Despedimo-nos, o comboio partiu e eu senti-me radiante porque . . . ia só. Decidi logo apeiar-me na estação da Villa, onde devia chegar na manhã imediata, e não entrar em casa senão á tarde. Contrariava-me a presença do irmão Marcollino, mas que lhe havia de fazer?

Quando me apeei chamei um moço para me levar as malas e dirigi-me a casa da medica. Pelo caminho pensava :

— Se eu fôsse o noivo?

Que alegria devia ser a de D. Bruuo ao percorrer aquelle caminho quando voltasse! Entrei sem me annunciar. Ildegarda, com o cabello solto e a phisionomia abatida, lia um romance de Walter Scott ao irmão Marcollino, aos pés do qual estava deitada a Celta. Parecia um avô e sua neta. Parei da porta a contemplar a scena, mas a cadella denunciou-me, precipitando-se jubilosamente ao meu encontro.

— E Bruno? perguntou desapontada, Ildegarda ao dar com os olhos em mim.

Se me tivesse vibrado ao coração um golpe com um ferro bem afiado, não o teria ferido mais fundo. O meu desejo foi retroceder sem lhe dar resposta. Mas, conseguindo ap-

parentar serenidade, respondi-lhe não sem uma certa frieza :

— O seu noivo, minha senhora, encarregou-me de lhe repetir que conta os segundos que o demoram longe de V. Ex.<sup>cia</sup> Ficou penalisadissimo de não me poder acompanhar.

— Emquanto assim fallava, cumprimen-tei o irmão Marcollino, e voltando á porta disse ao moço :

Põe ahi isso e vae buscar-me uma car-ruagem. Peguei dos dois embrulhos, um d'elles enorme como já disse, que o Leitão me mandara, e desembrulhei dois lindos es-tojos de velludo carmezim com as iniciaes e o braço de Ildegarda gravado em prata e disse-lhe, sempre no mesmo tom frio.

— Como é mais do que provavel que eu não esteja cá na data feliz do seu casamento, permitta que, com uma restituição, lhe offe-reça o meu brinde de noivado.

Sempre infantil ao receber noticia ou cou-sa que a alegrasse, Ildegarda não se cansou de encarecer a delicadeza da ideia, a belleza e execução do trabalho, dando na casa piruetas juvenis para as quaes realmente já não tinha idade. Por fim perguntou-me :

— Então não se senta ?

— Não, minha senhora. Ainda não vi a família. Apeei-me porque, emquanto não

restituisse a V. Ex.<sup>cia</sup> estes objetos, não estava bem commigo.

— Não está má restituição.

O irmão Marcollino, sem dizer nada, observava-me em silencio e o seu olhar fazia-me mal.

A carruagem parou á porta. Despedi-me e sahi. Ildegarda era muito fina para não ter percebido que me ferira fortemente. Vendendo-me só no trem, desabafei a minha furia.

— É bem feito, trez vezes bem feito. Vinhas para gosar os ultimos dias, e és recebido com *cuidados para o outro*. É bem feito. Estimo que a lição, que acabam de te dar te aproveite. És uma grande, uma rematada cavalgadura!

Ella pensa já lá em ti! As mulheres são voluveis e os seus sentimentos mudaveis de hora a hora. Querias talvez que esta fôsse uma excepção á regra! E porquê, não me dirás? Como entendeste idealisa-la, ha de ter todas as qualidades e nenhum defeito.

E, com a harenga que só encontrou fim ao chegar á quinta, não consegui senão exacerbar o meu profundo ressentimento.

Disse não sei quem que as grandes alegrias são como as grandes dôres: não se descrevem. Achando isto sensato, passo em claro a louca alegria com que fui recebido nas

Mouras. Ao menos alli ninguem me perguntou se *o outro* não vinha.

A' tarde parou á porta das Mouras um cavallo e apeiou-se a medica.

Ia, segundo dizia, regosijar-se com as suas amigas Paivas pelo successo da questão, mas não era verdade. Arrependida do inconsciente mai que fizera, ia tentar reparar-lo. Já prestes a retirar-se, como eu me conservasse affastado, disse sorrindo em tom de brincadeira.

— A victoria obtida parece que o tornou orgulhoso. Quasi não dá attenção ás pessôas.

— Estou incommodado, minha senhora.

Quando ella sahiu, acompanhei-a ao pateo e ajudei-a a montar.

Ildegarda, com aquelle tom amigavel que tão bem encontrava o caminho da minha alma, disse-me :

— Vamos dar amanhã um passeio como os que davamos dantes?

A tentação foi fortissima.

— Não, minha senhora. A nossa intimidade acabou. No melhor e mais brando dos homens dorme sempre o tigre. E' bom não o tentar.

— Não percebo bem . . .

— Medite e comprehenderá.

Ella affastou-se magoada e eu fiquei contente de ter procedido como devia.

Que tenções diversas eu trazia e como uma unica phrase as modificou? Um mez depois, ás oito horas da manhã, Ildegarda modestamente vestida de branco e coroada de verdadeiras flôres de laranjeira, apeiava-se com a senhora D. Dulce á porta da igreja matriz.

O ministro da guerra e a mulher quizeram vir pessoalmente testemunhar o acto. Marcos Diniz tambem veio, e eu, que não podera ausentar-me, entendi dever comparecer. Portei-me como um homem, assistindo impassivel a um acto que, tres dias antes, eu jurava ainda não ter força de presenciar.

Finda a cerimonia os noivos regressaram a casa onde foi servido um excellente almoço e de tarde partiram para Lisboa onde se demorariam um mez. Custou muito a resolver Ildegarda a deixar tanto tempo os seus velhos, mas a necessidade de abrir o palacete dos paes de Bruno e de não ter alli aquelle capital immobilizado indefinidamente resolveram-na. Era preciso mandar para cima o recheio de casa e limpar o predio para o poderem alugar.

Quando, depois de acompanhar os noivos á estação ia para regressar a casa, o irmão Marcollino, que apesar de velhinho, tambem alli fôra chamou-me e pediu-me que lhe fizesse companhia pelo resto da tarde. O meu desejo foi recusar, mas elle poz tal mansidão no pe-

dido que não tive animo. Silvestre de olhar turvo e mordiscando o bigode, disse para o 64.

— Enquanto elles conversam vamos es-  
parecer até ás Frondes.

Logo que ficamos sós, o velho disse-me:

— A dôr nobremente supportada, não é vergonha, meu filho. Chore, desabafe... Tem em mim um coração dedicado e amigo que o comprehende e admira. Se o senhor não fôsse um bom podia ter reduzido Ildgarda á desgraça, não se teria sacrificado.

— Eu li o que se passou na sua alma n'aquelle dia em que ella lhe perguntou se Bruno não viera? Olhe que soffri comsigo, pode crêr. Chore, desabafe, que as lagrimas não são vergonha, mas sim grande e pura consolação.

Callou-se, esperando resposta, e forçoso me foi dar-lh'a.

Não tenho lagrimas, meu amigo. Ha em mim a aridez do deserto. Pensar? Não quero nem posso. Só me viria soffrimento d'ahi. Tudo se desmoronou em volta de mim e de quanto amei não resta nada. Creio que nem eu proprio sobrevivi á derrocada. Irmão Marcollino, accordei lenta e dolorosamente d'um bello sonho que fizera accordado, mas o seu encanto ha-de acompanhar-me sempre. Ha sobre tudo uma tarde: Que tarde! hei-de lembra-la com saudade enquanto viver!

## EPILOGO

Passaram annos. As Frondes estão reconstruidas. Ildegarda é a mãe de seis robustas crianças e D. Bruno começa a ter a barriga correspondente ao posto de major. O irmão Marcollino dorme ha muito o ultimo somno no lindo cemiterio da aldeia.

Silvestre, muito velhinho, sempre militar até ao fim, ensina a recruta aos pequenos. O 64 promette ser para elles o mesmo que o 41 foi para sua mãe.

Nas Mouras tornei-me proprietario pela morte das boas velhinhas. As minhas filhas casaram bem, uma com o filho mais novo de D. Dulce e a outra com um rico proprietario dos arredores. O primo Paulo morreu em Madrid parece que d'uma facada, vibrada por um rufia em viella suja e mal frequentada.

Eu tive muitos amores e paixonetas. Agora mesmo ando encantado com a mulher do novo tabellião a qual pertence ao numero das que pensa que o casamento tornou tudo permittido. E' uma loira, gorda e provocante de olhos verdes e cabello frizado, que um signalsinho ao canto esquerdo da bocca torna

graciosissima. Estamos *intimissimos* e um dos seus processos de ternura é atafulhar-me de magnifico dôce nas pandegas que fazemos durante as ausencias do marido.

Mas o melhor, o mais bello sonho de toda a minha vida, foi a minha paixão por Ildegarda. Havia n'ella uma intensidade, uma pureza que só se encontra no verdadeiro amor espiritual.

A's vezes, em dias de sol vou-me por esses montes. Sem querer, dirijo me para aquelles penhascos, onde quasi por um segundo cheguei a presentir o prazer da posse. A ultima vez que alli fui, encontrei lá Ildegarda. Olhamo-nos e comprehendemo-nos. D'esta vez foi ella que me disse:

— Que tarde, Manuel de Sousa, nunca a pude esquecer.

Não voltarei alli.

A minha vaidade de homem ficou satisfeita por sentir que nada apagaria no coração de Ildegarda a lembrança de horas bem vividas e que o nosso commum passado nos sorriria ainda na velhice com a saudade suave com que o sol acaricia a terra ao transmontar.

FIM







# Empresa Lusitana Editora

Calçada do Ferregial, 23

Telephone n.º 1.302

## Ultimas publicações:

<b>Manual do Escoteiro</b> por Baden-Powell, 1 volume de 356 paginas com 170 gravuras illucidativas.	700
<b>Quadros synopticos de botanica</b> (para uso da 4. <sup>a</sup> e 5. <sup>a</sup> classes dos lyceus), por Armando Sousa..	200
<b>Heras e Violetas</b> (Poesias), pelo notavel poeta Guilherme Braga.....	700
<b>Codigo das Execuções Fiscaes Anotado</b> , por F. A. de Miranda Sousa..	1,5000
<b>Como se conquistam mulheres</b> (conselhos a um rapaz), por Maurice Magre.....	600
<b>Novella Historica</b> (collecção de novellas sobre a Historia de Portugal), obra completa em 5 vol. artisticamente encadernados .....	6,5000
<b>Diccionario da Antiga Lingua Portugueza</b> para uso dos alumnos da 4. <sup>a</sup> , 5. <sup>a</sup> , 6. <sup>a</sup> e 7. <sup>a</sup> classes dos liceus), encadernado \$800, brochado.....	600
<b>Gymnastica da Energia</b> ( <i>Como se aprende a ser forte</i> ) por Yorimoto Tashi, 1 vol.....	300
<b>Cem maneiras de nos defendermos na rua com armas</b> por E'mile André, 1 vol.....	200
<b>Cem maneiras de nos defendermos na rua sem armas</b> por E'mile Andre, 1 vol.....	200
<b>Gymnastica respiratoria</b> pelo Dr. Saimbraum, 1 vol. ....	300
<b>Methodo facil de fallar em publico</b> por E. Richard 1 vol. ....	200
<b>O futuro desvendado pelas cartas</b> por Merlin, 1 vol. ....	200
<b>Cem experiencias chimicas, recreativas e curiosas</b> por Graffigni, 1 vol.....	200
<b>O Medico Popular</b> ( <i>Como nos devemos tratar</i> ) pelo Dr. Pedro Guerder, 1 vol. ....	600
<b>Tratado pratico de gymnastica sueca</b> (3. <sup>a</sup> edição) por J. O. Kumlien, 1 vol.....	300
<b>Jiu-Jitsu</b> (Tratado pratico de preparação e de combate com 19 belas photogravuras de pagina e capa a trichromia) 1 vol. ....	300
<b>Cem experiencias recreativas e curiosas</b> por Carouly, 1 vol.....	200
<b>Oraculo Familiar</b> por J. Kammenthaler, 1 elegante vol. com artistica capa a côres .....	400
<b>101 Meios de fazer fortuna</b> por J-D Clayson, 1 vol.	400